

JERRY SPINELLI

TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO

COM AMOR, A GAROTA

CHAMADA ESTRELA

(LOVE, STARGIRL)

A CONTINUAÇÃO...



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JERRY SPINELLI

TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO

A EXTRAORDINÁRIA
GAROTA
CHAMADA
ESTRELA
(STARGIRL)


GUTENBERG

No momento em que escrevo, temos dezesseis netos.

Este livro é dedicado a cada um deles:

Amanda

Will

Jill

Ashley

Dan

Ryan

Zachary

Courtney

Rachel

Natalie

Michael

Sarah

Kathy

Leah

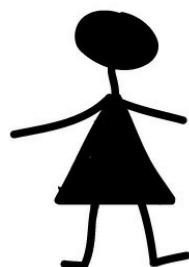
Angel

Lana

Agradecimentos

A luz das estrelas contém muitas cores. Meu obrigado, do fundo do coração, a Donna Jo Napoli, Will Marinell, Jim Nechas, Patty Gauch, Kathleen Lindop, Rosemary Cappello, Molly Thompson, Ellyn Martin, Anthony Cappello, Pat Strawn, Tom Reeves, Kathy James, Katie Carmichael, Joan Donaldson e a Sean James. À minha prima Patty Maud, por seu conselho médico, à Alvina Ling, por me emprestar seu nome, à minha editora, Joan Slattery, que me emprestou o tempo de Anna e de Grace, e à minha esposa, Eileen, por me emprestar sua vida.

Com amor,



1º de janeiro

Prezado Leo,

Eu adoro inícios. Se eu fosse responsável por calendários, todo dia seria 1º de janeiro.

E que jeito melhor de comemorar esse dia de Ano Novo do que começar a escrever uma carta para meu ex (e futuro?) namorado?

Eu encontrei algo hoje. Algo especial. Na verdade, é algo que estava bem na minha frente desde que nos mudamos para cá, no ano passado, mas hoje foi a primeira vez em que realmente o enxerguei. É um campo. Um simples campo antigo e vazio. Nenhuma casa à vista exceto por um pequeno bangalô de reboco branco à direita. Fica a um quilômetro e meio da cidade, a um minuto de bicicleta da minha casa. É em uma colina – no topo achatado de uma colina com o formato de uma frigideira de cabeça para baixo. Costumava ser um campo onde você podia colher morangos, mas agora só tem ervas daninhas e pedras.

O campo fica do outro lado da Rota 113, que é onde a minha rua (rua Rapps Dam) termina. Havia passeado de bicicleta por esse campo uma centena de vezes, mas, por alguma razão, hoje parei. Olhei para ele. Estacionei a bicicleta e caminhei por ele. As ervas de inverno estavam desgrenhadas e emaranhadas para baixo, como meu cabelo de manhã. O solo congelado estava massudo e duro como pedra. O céu estava cinza. Caminhei para o centro e parei lá em pé, simplesmente.

E assim fiquei.

Como posso explicar? Sozinha no topo daquela montanha, no meio daquele campo “vazio” (Rá! Anote isso, Leo: *Nada* é vazio), senti como se o universo irradiasse de mim, como se estivesse em pé no X marcado no centro do cosmos. Até então, tinha feito minha meditação diária em muitos lugares diferentes na cidade e em torno dela, mas nunca lá. Dessa vez fiz. Me senti. Mal notei o chão congelado. Apoiei as mãos nas coxas, com as palmas erguidas para o mundo. Fechei os olhos e me dissolvi para além de mim mesma. Agora chamo isso de limpar a mente.

A próxima coisa que notei foi um tom dourado além das minhas pálpebras. Abri os olhos. O sol escorria pelas nuvens. Estava se pondo sobre o topo das árvores a oeste. Fechei os olhos de novo e deixei o dourado me inundar.

A noite se aproximava quando me levantei. Enquanto seguia para minha bicicleta, sabia que tinha encontrado um lugar encantado.

3 de janeiro

Ah, Leo, estou triste. Estou chorando. Costumava chorar muito quando pequena. Se pisasse em um inseto, cairia em lágrimas. Coisa engraçada, estava tão ocupada chorando por tudo mais que nunca chorava por mim mesma. Agora choro por mim.

Por você.

Por nós.

E agora estou sorrindo entre as lágrimas. Lembra-se da primeira vez em que vi você? No refeitório? Estava andando em direção à sua mesa. Seus olhos, foram eles que quase me pararam no caminho. Eles se arregalaram. Acho que não foi só pela visão que teve de mim – o vestido longo cobrindo os pés, o ukulele apontando para fora da minha bolsa de girassol pendurada no ombro... Foi algo mais também. Foi pavor. Você sabia o que vinha pela frente. Sabia que eu cantaria para alguém e tinha medo de que esse alguém pudesse ser você. Rapidamente, você olhou para o outro lado e segui andando e não parei até encontrar o Alan Ferko e cantar “Parabéns a Você” para ele. Mas senti seus olhos em mim o tempo inteiro, Leo. Ah, sim! Cada segundo.

E a cada nota que cantava para Alan Ferko, pensava: *um dia cantarei para aquele menino de olhos apavorados*. Nunca cantei para você, Leo, não de verdade. Você, entre todas as pessoas. Esse é o meu maior arrependimento... Agora, veja só, estou triste de novo.

10 de janeiro

Como disse na semana passada, esvaziei minha mente por todo o lugar. Como a ideia – e o ideal – é apagar a mim mesma de todos os meus lugares e de todas as minhas épocas, pensei que não deveria me permitir ficar muito ligada a qualquer lugar específico, nem mesmo à Montanha Encantada, que é como a chamo agora, ou a qualquer horário específico do dia ou da noite.

Foi por isso que, nesta manhã, estava pedalando minha bicicleta em busca de um novo lugar para meditar. O Canela estava pegando uma carona no meu bolso. Conforme eu pedalava por um cemitério, captei uma onda de luminosidade. Era um homem sentado em uma cadeira em frente a uma lápide. Pelo menos acho que era um homem, porque ele estava muito agasalhado pelo frio. O brilho tinha sido o cachecol xadrez vermelho e amarelo que usava no pescoço. Parecia estar falando.

Em pouco tempo eu estava de volta a um parque perto da minha casa chamado Bemus. Subi em uma mesa de piquenique e fiquei em posição de meditação. (Espere, volte um pouco... Estou tendo aulas em casa de novo. Cara, me pergunto o motivo – minha experiência na Escola de Ensino Médio de Mica deu tão certo! Ha ha. Então tenho que atender a todas as exigências do Estado, certo? Matemática, inglês, etc. Que eu atendo. Mas não paro aí. Faço outros cursos também. Cursos extracurriculares. Como os Princípios do Desmaio. A Vida sob as Pedras. Assoviador Iniciante. Elfos. Nós chamamos isso de nosso currículo fantasma. ((Não diga ao Estado de – ops! – quase disse a você onde estou morando.)) Minha matéria fantasma favorita se chama Elementos da Nulidade. É dela que vem a limpeza da mente. Arrancando-me totalmente de mim mesma. Apagando-me. (((Se lembra da lição que ensinei a você no deserto?))) Que, quando penso a respeito, não é realmente nada. Quer dizer, quando estou de fato fazendo isso direito, me apagando totalmente, sou o oposto de nada, sou tudo. Sou tudo menos eu mesma. Evaporo como o vapor de água no universo. Não sou mais Estrela. Sou árvore. Vento. Terra.)

Certo, me desculpe pelo desvio (e pelo exagero de parênteses)... Então, lá estava eu, sentada de pernas cruzadas na mesa de piquenique, de olhos fechados, limpando minha mente (e ganhando créditos na escola por isso!), e de repente senti algo na minha pálpebra. *Provavelmente um inseto*, pensei, e limpei o pensamento na mesma hora, e aquilo na minha pálpebra simplesmente se tornou parte de todo o resto. Mas então aquilo se moveu. Andou pela minha pálpebra e desceu pelo meu nariz, depois contornou meus lábios.

Em seguida, uma voz de mulher soou áspera: “*Dootsie!*”.

Depois: “Oi. Meu nome é Dootsie. Eu sou um cereal humano. O que está fazendo?”.

Abri meus olhos. Uma menininha estava sentada de pernas cruzadas na minha frente. Uma senhora corria em nossa direção, parecendo aflita, dizendo: “Me desculpe. Minha filha foge de mim às vezes. Sinto muito *mesmo*”.

“Tudo bem”, disse eu. Eu me sentia grogue, como se estivesse acordando. Olhei para a menininha. Dootsie. “Eu estava meditando. Sendo nada.”

Dootsie franziu a testa. O sol trouxe brilhos enferrujados ao cabelo cacheado dela. Ela se

esticou e me tocou novamente. Ela riu. “Você não é nada.” Ela cutucou meu joelho. “Você está bem aqui.”

“Para mim, eu sou nada”, falei. “É difícil explicar.”

Ela franziu a testa novamente. De repente, abriu a boca e arregalou os olhos. “Você finge!”

Assenti. “Mais ou menos.”

Ela me estudou. “Você é uma mágica?”

“Não.”

Ela irradiava felicidade. “Eu sou uma mágica!”

“Sério?”

“Não sou, mãe?”

“Uma pequena Houdini.”

Dootsie desceu da mesa. “Também posso desaparecer. Olha só.”

Ela apertou seus olhos. Sussurrou algo que não consegui identificar. Ela ficou em posição de alerta e se virou três vezes. Sussurrou de novo. Um sorriso bem lento se formou em seu rostinho redondo.

Eu olhei ao redor. “Onde você está?”

Ela deu uma risadinha. “Estou bem aqui. Você pode me ouvir, mas não consegue me ver.”

Sacudi as mãos na minha frente. “Alô? Alô? Dootsie... você tá aí?”

Os olhos de Dootsie se arregalaram. Ela sussurrou: “Mamãe... nem me ouvir ela consegue!”

A mãe dela piscou para mim. “Dootsie... diga algo à menina adorável para ela saber onde você está.”

De repente, os olhos de Dootsie se arregalaram ainda mais e ela gritou “Um camundongo!” e veio pulando para mim, bastante visível. Canela deve ter se perguntado qual o assunto de toda aquela conversa. Tinha colocado sua cabeça para fora do bolso do meu casaco e, antes que eu percebesse, foi embalado pelas mãos da menininha.

“Na verdade, não é um camundongo”, disse a ela. “É um rato.”

Ela esfregou a bochecha no pelo cor de canela.

“Coloque seu nariz perto do dele”, disse eu.

Ela me obedeceu. A linguinha do Canela veio para fora e a beijou na ponta do nariz. Ela deu um gritinho.

Enquanto Dootsie encostava o nariz em Canela, sua mãe me estendeu a mão. “Meu nome é Laura Pringle.”

Nós nos cumprimentamos. “Estrela Caraway.”

Dootsie ficou pasma. “Estrela? É assim que você se chama?”

“Com certeza.”

“Você é nova na cidade?”, disse a senhora Pringle.

“Me mudei no verão passado”, disse eu. “Moramos logo ali”, apontei, “na rua Rapps Dam.”

“Por um acaso não seria na casa com as cortinas marrons?”

“Exatamente.”

Ela sorriu, assentindo. “Meu irmão. Os tios de Dootsie, Fred e Claire, moravam ali.

Dootsie conhece sua casa tão bem quanto a dela.”

Dootsie estendeu a mão com o Canela. Ela choramingou: “Mamãeee... ela tem um rato e tem o melhor nome e se senta na mesa. Eu quero ser ela!”.

Canela estava ficando inquieto. Peguei-o de volta. “Ei, estava aqui pensando que eu é que queria ser você. Fala sério... Dootsie? Nomes não ficam mais legais do que isso. Além do mais, você consegue desaparecer. Você é muito legal. Você toma um comprimido de legalize todo dia de manhã?”

Ela olhou para mim muito séria e balançou a cabeça. “Não.”

“Então acho que você é naturalmente legal, hein?”

Ela assentiu. “Acho que sim.”

“Vou te dizer uma coisa”, disse eu. “Nunca fui legal e sempre quis ser. Então que tal fazermos uma troca? Você será a Estrela e eu serei a Dootsie.”

Seus olhos escaparam para as árvores. Seu dedo pressionou o lábio inferior. “Ainda não”, disse ela. “Quero ser a Dootsie mais um tempo.” Ela pensou de novo. “Até completar 10 anos.”

“Tudo bem”, disse eu, “quando você chegar aos 10 nós fazemos a troca.”

“Tá bem.”

Nós apertamos as mãos. Então a senhora Pringle disse que era hora de me deixar em paz e elas foram embora, com Dootsie gritando: “Eu quero um rato!”.

15 de janeiro

Faço excursões. Ah, quem não faz? Quem diria que não sou uma estudante normal? Na verdade, faço muitas excursões. Minha mãe me manda para uma pequena área na cidade onde minha missão é passar o dia fora e então escrever um poema sobre minha experiência lá. Eu posso ficar dez minutos ou dez horas – quanto tempo eu precisar para voltar com um poema. Pego meu caderninho e escrevo o poema lá mesmo.

Hoje foi um verdadeiro desafio. O destino eram “os montes de pedras”. (Minha mãe desliza um folheto por debaixo da porta do meu quarto com o local da excursão.) Ela se refere à velha usina de cimento abandonada. Existe um entediante esqueleto verde e raquítico da construção e algum equipamento enferrujando, além de três montes de pedras quase tão altos quanto eu. Eles costumavam ser muito mais altos, ouvi dizer. As pessoas continuam levando as pedras de lá para seus jardins e coisas do tipo, e as crianças as arremessam. Bem, foi assim que aconteceu:

EXCURSÃO:

ETERNAMENTE NOS MONTES DE PEDRAS

Quanto tempo fiquei por lá?

Nenhum relógio à vista. Caramba, chame de eternidade.

Os montes de pedras e eu.

Uma coisa é caminhar
por um monte de pedras.

Outra é sentar com um deles
eternamente.

Faça isso e começará
a aprender sobre coisas que pensou saber,
como pedacinhos
de quietude
de silêncio.

E agora
(pode haver um agora na eternidade?)

Ouçó algo... passos.

Não, não são passos.

São barulhos de cascalho deslizando,
barulhos em pés se arrastando,
e lá vem ele:

jaqueta de marinheiro, gorro de malha verde-musgo
com cordão de pompom verde-musgo,
lento, estropiado.

Se fosse um anão da Branca de Neve,
seria o Soneca:

rosto redondo, gorducho, bigodudo,
uma massa de donuts com fios de bigode cinza e pretos,
cambaleando, se inclinando na minha direção.
Será que me vê, quer dizer, será que ele vê?
Há um silêncio e uma quietude
na pedra empilhada em seus olhos.
Ele diz, grasna: “Está me procurando?”.
Segue em frente se arrastando,
não espera por uma resposta.
Quero gritar: “Ei! Espere!”,
mas ele está seguindo em frente.
As costas dele agora
se arrastam, se arrastam,
o pompom verde balança,
balança, balança.

16 de janeiro

Batidas na porta da frente me acordaram. Meu relógio marcava 6h15. Vesti meu roupão, cambaleei pelas escadas. Meu pai já tinha saído para trabalhar havia muito tempo. Minha mãe chiou da porta dela: “Quem pode ser tão cedo?”.

Abri a porta. Por meio momento tudo que vi foi a casa do outro lado da rua. Então, olhei para baixo. Era Dootsie. “Onde está o Canela?”

Respondi a minha mãe: “É aquela garotinha de quem falei. A Dootsie”.

Eu a trouxe para dentro. Ela vestia pijamas sob seu casaco. Suas pantufas eram da Miss Pig, dos Muppets.

“Onde está o Canela?”

“O Canela está dormindo”, falei. “Como você deveria estar.”

Minha mãe desceu, olhou para as pantufas. “Dootsie? Cadê seus pais?”

“Você é a mãe da Estrela?”, disse Dootsie.

“Sou sim.”

“Você é a Mãestrela?”

Nós rimos.

A campainha tocou. Era a senhora Pringle, olhos arregalados. “Sinto incomodar. A Dootsie saiu. Ela...” Então, olhando além de mim: “Dootsie! Graças a Deus!”. Pegou sua filha e nos disse, sem fôlego, que tinha ouvido falar sobre o Canela por dias, e quando encontrou a cama dela vazia essa manhã, o primeiro lugar que pensou foi a casa antiga de seu irmão Fred.

Dootsie se esticou e puxou a manga da minha mãe. “Quero panquecas.”

Cinco minutos depois, a senhora Pringle, Dootsie, Canela e eu estávamos na mesa da sala de jantar enquanto minha mãe misturava massa de panqueca na cozinha.

“Ela está cada dia pior”, a senhora Pringle estava nos contando.

“Estou cada dia pior”, disse Dootsie. Ela estava brincando com o Canela, erguendo-o por suas patas e fazendo-o dançar.

“Começou com ela escalando o cercado”, disse a senhora Pringle. “Então se perdendo no shopping. Na praia.” Ela estremeceu só de lembrar. “Agora”... olhou para a filha, balançou a cabeça, sorriu quatro partes de amor, uma parte de desespero... “ela aprendeu como destrancar a porta da frente.”

“Ela chora quando se perde?”, perguntei.

“Nunca.”

“Então ela não acha que está perdida.”

“Até onde saiba, nunca se perdeu em toda a sua vida. E não tem nada que não possa fazer. Ela pensa que tem 35.”

Dootsie estava em seu próprio mundo. Ergueu os pés de Canela da mesa e o suspendeu. “Iupi!” Esfregou seu nariz no dele. Riu enquanto ele escalava para o ombro dela e metia o nariz em sua orelha, depois sentando em sua cabeça. De repente, ela gritou: “Espere! Deixe-me fazer isso!”. Disparou para o forno enquanto Canela voava para meu colo. Minha mãe a reteve à frigideira enquanto derramava massa na chapa crepitante.

A senhora Pringle olhou para o teto. “Socorro!”

19 de janeiro

Minha carroça da felicidade está quase vazia, Leo. Restam apenas cinco seixos. Em termos de felicidade, estou operando apenas com 25 por cento da capacidade. Lembra-se da primeira vez em que mostrei minha carroça a você? Quantos seixos havia nela? Dezesete? E então coloquei mais um, se lembra? Eu nunca te disse isso, mas antes de ir para cama naquela noite, após nos beijarmos pela primeira vez na calçada fora da minha casa, eu coloquei os dois últimos seixos.

Vinte. Felicidade total. Pela primeira vez. Ela ficou daquele jeito até eu pintar aquele grande sinal em uma folha e pendurá-lo do lado de fora da escola para o mundo inteiro ver...

ESTRELA
AMA
LEO

Foi esse o meu erro, Leo? Exagerei? Assustei você? Parece que desde então eu venho tirando seixos da carroça. E agora só restam cinco e me sinto frágil e não sei como melhorar.

Então eu brinquei de passear hoje. Minha mãe confia em mim para brincar de passear de vez em quando. (Na verdade, nós temos um curso chamado Passear, mas ele não conta créditos). Basta eu subir na minha bicicleta e pedalar. Pedalar e pedalar. Ao pensar nisso agora, eu estava indo para o oeste. Para o Arizona? Em algum lugar no meio do caminho eu ouvi um som. Olhei para cima. Um ganso canadense estava voando pelo céu cinzento. Grasnando. Nunca tinha visto um ganso sozinho antes. Eles sempre voam em bandos com forma de V, ou pelo menos em pares. Ele tinha sido deixado para trás? Será que estava tentando alcançá-los, gritando: “Ei, esperem por mim!”? Será que tinha perdido sua namorada e estava chamando o nome dela? Será que ela estava morta? Ou havia voado para o Arizona com outro ganso? Uma voz grasnando pelo céu. O som mais solitário que já havia escutado.

Então pensei no homem encasacado no cemitério. Virei-me. Não tinha me dado conta do quanto tinha me afastado da cidade. Pedalei até o cemitério. Lá estava ele, no mesmo lugar, sentado em uma cadeira de dobrar de alumínio, com listras verdes e brancas. Desta vez eu entrei. Seu queixo estava apoiado no peito. Ele cochilava. A maior parte de seu rosto estava perdida atrás do brilhante lenço xadrez vermelho e amarelo. Uma lancheira preta arredondada num estilo antigo repousava na grama sob a cadeira.

Estava com medo de chegar perto demais. Segui a pé, empurrando a bicicleta por trás dele. Havia dois nomes na lápide: Grace e Charles. Sob o nome dela havia as datas de sua vida. Sob o nome dele, havia o dia e o ano de seu nascimento, então um traço, e depois nada. O dia da morte por vir. Abaixo daquilo estava JUNTOS PARA SEMPRE.

Grace. Foi a segunda data dela que me surpreendeu, ela havia morrido quatro anos antes. E ele ainda estava lá. Grace. Acho que foi ela quem lhe deu o lenço. Acho que ela o chamava de Charlie. *Grace*. Sussurrei o nome dela.

Recuei o mais silenciosamente possível.

27 de janeiro

Fui babá da Dootsie hoje. A mãe e o pai dela disseram que precisavam “dar uma fugida”.

Dootsie vive na rua Ringgold, a uma corrida curta de bicicleta de distância, mas uma longa caminhada para uma menininha em um dia frio às 6 da manhã. Ainda não consigo acreditar que ela fez aquilo. Quando cheguei, estava invisível. Você sabe que ela desapareceu ao vê-la rígida em posição de sentido, com o rosto amassado e os olhos bem fechados. Estava em um canto da sala de jantar. Eu disse à mãe dela: “Bem, parece que a Dootsie foi embora. Não tem ninguém aqui para eu ser babá. Acho que o Canela e eu teremos de voltar para casa. Tchau”.

Assim que me virei, Dootsie gritou. “Não! Estou aqui! Estou aqui! Só estou imisível!” Ela veio correndo. “Panela!”

Então permaneci, os Pringles foram embora, e Dootsie brincou com o Canela e depois nós pintamos o quarto dela. Ela pinta o quarto dela quase todo dia. Tem permissão de pintar tudo o que quiser no quarto dela, exceto as janelas. Paredes. Portas. Móveis. Imagine só: um balão cheio com 50 cores de tinta explode e respinga o quarto. Imagine só: aliens esmagados. Imagine só: o paraíso de uma criança. Não imagine: um quarto de princesinha com cama de dossel, babados e cor-de-rosa. Assim, lá estava eu, pincel na mão, liberando a maníaca pintora de quartos que se esconde em todos nós.

Então, nós falamos sobre você.

Dootsie: “Você tem um namorado?”.

Eu: “Não tenho certeza. Costumava ter”.

Dootsie: “Qual o nome dele?”.

Eu: “Leo”.

Dootsie: “O Leo é um cereal humano?”.

Eu: “Somos todos cereais humanos”.

Dootsie: “Você ama ele?”.

Eu: “Acho que sim”.

Dootsie: “Ele ama você?”.

Eu: “Amava. E depois não amava. Acho que me amará de novo”.

Dootsie: “Quando?”.

Eu: “Um dia”.

Dootsie: “Onde ele está?”.

Eu: “No Estado do Arizona. Bem longe”.

Dootsie: “Por quê?”.

Eu: “Por que o quê?”.

Dootsie: “Por que ele está bem longe?”.

Eu: “Ele estuda lá. Eu me mudei para a Pensilvânia”.

(Ops! Agora você sabe. Nós nos mudamos para seu Estado natal. Bem, não irei especificar mais do que isso.)

Dootsie: “Ele beijou você?”.

Eu: “Sim”.

Dootsie: “Ele beijou o Panela?”.

Eu: “Sim”.

Dootsie: “Não quero mais falar sobre ele”.

Então conversamos sobre outras coisas e pintamos mais algumas, e depois ela disse: “Vamos visitar a Betty Lou”.

“Quem é Betty Lou?”, perguntei.

“Nossa vizinha. Ela tem medo de sair de casa. É divorciada.”

Isso soou interessante. Deixei um bilhete na mesa da sala de jantar caso os Pringles chegassem mais cedo em casa, fui para a porta ao lado e toquei a campainha. A porta pareceu abrir por si mesma. Ninguém estava lá, mas uma voz falou: “Entre”.

“Ela está atrás da porta”, disse Dootsie e entrou.

Ela acenou. “Venha.”

Eu entrei, fechei a porta, e parada na minha frente estava uma pessoa vestindo um roupão roxo e meias-chinelo vermelhas e brilhantes.

Dootsie apontou para mim. “Essa é minha amiga Estrela. Ela beijou um garoto chamado Leo.”

A pessoa apertou minha mão, e sorriu. “Betty Lou Fern.”

Dootsie esticou a mão dela, que Betty Lou também apertou.

“Ela contou que tenho medo de sair?”

“Logo após me dizer que você era a vizinha dela.”

Ela riu. Uma risada encorpada e demorada. “Ela conta para todo mundo. A cidade inteira sabe que sou agorafóbica. Isso não é bobo?” E acenou para nós. “Venham à cozinha. Farei um delicioso... ECAAAA!”

De repente, Betty Lou estava sobre a cadeira da sala de jantar gritando: “Um rato!”.

Canela estava colocando a cabeça para fora do bolso do casaco de Dootsie.

“É só o Panela”, disse Dootsie. Puxou o Canela para fora e o ofereceu a Betty Lou. Betty Lou gritou ainda mais alto.

Eu o peguei. “O Canela é meu rato de estimação.” Eu o guardei no fundo do meu bolso. “Ele é realmente domesticado e amigável.”

“Mas é um rrrrato.” E rosnou a palavra. “Tem um rrrrato na minha casa.” Subiu na mesa. O topo penteado de seu cabelo branco e cinza ficou achatado contra o teto.

Ela estava tremendo.

“Sinto muito”, falei. “É melhor irmos.”

“Não!” Dootsie guinchou e apontou o dedo fazendo uma careta. “Betty Lou, desça daí. Desça agora mesmo.”

“Não consigo.”

E, depois disso, um novo olhar de terror apareceu em Betty Lou.

Ela cobriu os olhos com as mãos. “Pare!”

Olhei para Dootsie. Ela tinha revirado os olhos até eles desaparecerem. Muito assustador. “Você vai descer ou não?”, disse ela.

Betty Lou gritou: “Vocês vão manter o monstro fora do meu campo de visão?”.

“Sim.”

“Vão deixar a cauda dele tocar em mim?”

“Não.”

“Coloque os olhos de volta.”

“Tá bem.” Os olhos de Dootsie rolaram de volta para o lugar. “Pronto.”

Betty Lou desceu e fez chocolate quente. Tirou donuts do congelador e os aqueceu no micro-ondas. “Sempre tenho algo gostoso de comer para a Dootsie. É como eu a atraio para cá. Como tenho medo de sair, tenho meus métodos para fazer as pessoas me visitarem.”

Dootsie falou: “Sou a melhor visita dela”.

Betty Lou riu. “É verdade. Me visita quase todos os dias.”

“E todo dia eu ganho um donut.”

Betty Lou assentiu. “Uma vez por semana, recebo uma dúzia de donuts da Margie.”

Ela mordeu um pedaço do seu donut recheado com creme. “Hum. Margie diz que são os melhores do mundo. Ela tem razão.”

Perguntei a ela: “Muitas pessoas têm agorafobia?”.

“Mais do que imagina.” Olhou nervosamente para a sala de estar. Eu tinha tirado meu casaco de inverno e o pendurado na varanda da frente. Canela estava aquecido no bolso. “Roedores não se achatam?”, disse ela. “Você acha que ele poderia se espremer por baixo da porta?”

“Ele não pode se achatar tanto”, contei a ela. “Você está segura.”

“A palavra ‘agorafobia’ vem do grego”, disse ela.

“Significa medo de espaços públicos!”, falou Dootsie.

Betty Lou riu. Ela passou os dedos nos cabelos de Dootsie. “Perto o suficiente. Depois de me ouvir falar isso mais algumas vezes ela acertará. É medo de espaços públicos. E o diagnóstico pessoal da Dra. Dootsie para mim é...” Ela assentiu para Dootsie.

“Ela é uma bagunça!”

Betty Lou gritou. Para alguém tão medrosa, parecia surpreendentemente alegre. “Simplesmente escapou de sua boca um dia: ‘Você é uma bagunça!’. Ainda não consegui parar de rir.”

“Mas não é só de espaços públicos que você tem medo”, disse eu.

“De todos os lugares.” Ela apontou. “Todos os lugares do outro lado daquela porta. Isso não é bobo? Vivo dizendo a mim mesma: Não há nada para temer. Olhe para todas aquelas pessoas caminhando lá fora, todos aqueles cereais humanos, como Dootsie costuma dizer. Nada ruim está acontecendo com eles. Mas não consigo me convencer.”

Tentei imaginar ter medo de sair. Não consegui.

“Faz quanto tempo?”, disse eu.

“Nove anos agora”, respondeu ela. “Comecei em um belo dia ensolarado em maio. 19 de maio. Os pássaros estavam cantando, as flores florescendo, o clima ameno. Foi um daqueles dias perfeitos que temos algumas vezes por ano. Eu havia vestido minhas luvas de jardinagem porque ia ao quintal plantar meus tomates. Eu tinha três pés de tomate naquelas pequenas caixas verdes de plástico. Tomates para salada. E fui abrir a porta de trás e a maçaneta estava emperrada. Eu não conseguia girá-la. Tentei e tentei, mesmo com as duas mãos. Finalmente girou, mas naquele momento, não sei, foi como se algo tivesse acontecido, como se aquela

maçaneta emperrada estivesse me dizendo que talvez eu não quisesse sair no fim das contas. E aí o telefone tocou, então tirei minhas luvas e fui atendê-lo. Era meu velho amigo Hildegard. Sempre conversamos um monte. Quando finalmente desliguei o telefone, havia duas mensagens me esperando. Eu as ouvi e depois chegou a hora de preparar o almoço, e eu tinha que assistir minhas novelas, e foi só na manhã seguinte que notei que os três pés de tomate continuavam no canto da cozinha. E em algum lugar lá no fundo de mim mesma eu sabia que eu realmente não queria...”

Ela parou. Olhava para o canto, mas estava vendo algo muito mais distante. Acho que eu e Dootsie não estávamos respirando.

“...Não queria... mais plantá-los”, prosseguiu. “Então simplesmente fiquei lá em pé, na porta de trás”, apontou para o local, “e continuei parada, continuei em pé, e olhei para a maçaneta, e a segurei rapidamente enfim, e a virei, e, de repente, a porta estava aberta, e eu... continuei lá. Não conseguia me mover. O ar fresco passando por mim parecia ameaçador. O mundo do lado de fora daquela... daquela moldura retangular da porta, era tudo demais, tudo muito grande. Perigoso... Gostaria de dizer que lutei com valentia comigo mesma, que tentei realmente com afinco passar da soleira e ir ao quintal. Mas eu não lutei. Sabia que não faria isso. Fechei a porta e não a abri desde então. Eu só abro a porta da frente para deixar as visitas entrarem.”

“Ela não encosta nem na caixa do correio!”, disse Dootsie.

“Nem mesmo isso”, disse Betty Lou. “Dootsie traz minha correspondência para dentro. Ela sobe em uma cadeira da varanda para alcançá-la e a pega. Minhas compras de mercado são entregues.”

Dootsie deixou escapar: “E os donuts!”

“E os donuts”, disse Betty Lou. “Uma menina chamada Alvina os traz da loja de Margie toda segunda-feira.”

Dootsie franziu a testa. “Odeio a Alvina.”

Betty Lou franziu a testa. “Seja gentil.”

“Alvina é rabugenta.”

Betty Lou riu. “Verdade. Mas Alvina traz donuts para você, não traz? Ela os deixa na varanda e a Dootsie os traz para dentro com a correspondência.”

“Uau”, disse eu. “Um sistema e tanto.”

Betty Lou assentiu e sorriu tristemente. “Uau é uma boa definição. Isso se chama lidar com a situação. E ainda nem disse isso a Dootsie, mas, outro dia, por cerca de dez segundos, quase tive medo de sair do meu quarto.” Olhou ao redor da sala. “Inacreditável. Com medo da minha própria casa! Estou piorando.”

“Ei!”, Dootsie falou. “Estou piorando também. Foi minha mãe que disse.”

“E a Dootsie contou a você que sou divorciada?”, disse Betty Lou.

“Sim.”

“Ela chama o ex-marido de Nariz de Batata!”

“Senhor Nariz de Batata”, corrigiu Betty Lou.

Aquilo fez todo mundo rir. Nós rimos um bocado até o senhor Pringle aparecer na porta para buscar Dootsie. Eu pedalei minha bicicleta até em casa, e continuei pensando em duas

peçoas: a mulher que não saía da casa e o homem que não voltava do cemitério.

6 de fevereiro

Neve.

Um monte. Na altura dos meus joelhos. Das orelhas da Dootsie. Nós fizemos um homem de neve. Eu tirei o Canela do bolso para ele poder ver. Coloquei-o no ombro. Espirrei. O espirro o derrubou. Nós olhamos para baixo. Nada além de um buraco na neve. Canela! Quatro mãos cavando freneticamente. Nós o pegamos. Ele estava congelando. Tremendo. Sua cauda, azul. Nós sopramos nossa respiração aquecida sobre ele e o esfregamos, e depois beijamos. Quando nos beijou de volta, sabíamos que ficaria bem, muito embora sua língua diminuta estivesse fria.

14 de fevereiro



Leo ama Estrela

☐ sim

☐ não

18 de fevereiro

Sabe que dia é hoje, Leo? O Dia do Primeiro Beijo. Quatro dias depois do Valentine's Day. Uma noite, um ano atrás, do lado de fora da minha casa. Minha carroça da felicidade estava cheia. Eu estava tão entupida de felicidade que não havia espaço para mais nenhuma.

Hoje tirei mais um seixo, reduzindo a quatro.

22 de fevereiro

Tarefa da excursão: Margie.

A pequena loja de donuts de Margie fica na rua da Ponte entre a Pizza Delícia e a agência de viagens Quatro Ventos. O aviso diz OS MELHORES DONUTS DO MUNDO!

Fui para almoçar. Comi um polvilhado com chocolate e um tradicional. Há quatro lugares no balcão e uma pequena mesa. Sentei-me à mesa e assisti aos clientes irem e virem. Margie disse que não se importava, que ficava feliz com a companhia. É gorducha, como seus donuts recheados de creme, uma explosão de cabelos loiros clareados. É comunicativa. Fala com todo mundo que entra. Não parou de falar comigo em momento algum. Às 14 horas eu já sabia que ela deixava o cabelo das axilas crescer no inverno, que feijões não lhe davam gases, mas grão-de-bico sim, e que a coisa mais gloriosa da sua vida é receber massagem nos pés.

Fiquei surpresa com quantas pessoas almoçam donuts. Os quatro lugares no balcão permaneciam sempre ocupados. Margie está levando donuts aonde nenhum donut jamais esteve. Você quer sopa de galinha de almoço? Ótimo, abra uma lata. Mas você quer sopa de donuts? É só na Margie. Ela também tem pudim de donuts e sandonutíche, e afirma que a torta de donuts está “em desenvolvimento”.

Já tinha começado a escrever meu poema chamado “Sopa de donuts”, quando ouvi uma batida forte e a porta se abrir com tudo, e, de repente, havia uma garota no meio da loja, de cócoras, ofegante, de frente para a porta, gritando com o rosto vermelho para três meninos na calçada:

“Ya ya ya ya ya!”

Os garotos gritaram de volta:

“Sua feia!”

“Você tá morta!”

“Todo mundo te odeia!”

Margie veio agitando os braços. “Deem o fora!” Os garotos se mandaram.

Acontece que a garota trabalhava lá. Não oficialmente. Era muito nova. Tinha 11 anos. Era paga em donuts. Ia depois da escola. Varria, tirava o pó, lavava, cuidava do lixo, incomodava Sam, o cozinheiro de donuts que ficava nos fundos.

Ela veio varrendo na minha direção. Parou, olhou.

“Está comendo?”

“Não no momento”, disse eu.

“Então você precisa ir”, ela falou. “Não pode simplesmente ficar sentada aqui. Vagabundos fazem isso. Você precisa comprar algo. É assim que funciona. Isso aqui não é o Exército da Salvação.”

“Não sou vagabunda”, disse eu.

“Então compre algo.”

Então comprei outro polvilhado de chocolate, só para manter a paz.

Ela foi embora varrendo, mas voltou em um minuto. “O que está escrevendo?”

“Um poema”, disse a ela.

“Sobre o quê?”

“Donuts”, respondi. “Ou talvez sobre você.”

Ela zombou. “Sim, sim, claro.” Seu cabelo curto e ralo parecia alguma coisa onde o Canela ficaria feliz de armar um ninho. Ela vestia uma camisa listrada azul e vermelha, e um Ursinho Pooh amarelo de plástico em um colar apertado. “Qual o seu nome?”

“Estrela.”

Ela engasgou. “*Estrela?* Que tipo de nome é esse?”

“Eu o dei a mim mesma”, respondi.

Ela debochou. “Você não pode dar um nome a si mesma.”

“Já dei.” Me encarou, piscando. A vassoura parada. “E o seu nome, qual é?”, disse eu.

“Odeio meu nome.”

“Mas eu não odiarei.”

“Alvina.”

“Ele é bacana”, disse eu. “É diferente. Clássico.”

“Sim, que nem um donut.”

“Alvina...”, repeti, me lembrando. “Você é a garota que entrega os donuts da Betty Lou Fern toda semana?”

Ela me olhou fixamente. “E se for eu? Algum problema?”

Ergui as mãos. “Ei, só tô perguntando.”

Ela apontou para meu caderno de anotações. “Aquele poema realmente é sobre mim?”

“Poderia ser”, falei. “Ainda não tenho certeza. Estou esperando para descobrir se é ou não interessante.” Lancei um olhar de soslaio. “Você é?”

“Sou um tédio.”

Eu ri. “Ninguém é um tédio.”

“Sou fedorenta.”

Ri de novo. Peguei o braço dela e cheirei. “Seu cheiro está normal para mim.”

“Sou feia.”

“Não é não. Não dê atenção àqueles garotos.”

“Eu odeio garotos.” Ela pegou a vassoura e a ergueu como se fosse uma arma. Deu um passo para trás. Fez uma cara de escárnio e fuzilou a loja com sua metralhadora de vassoura. “Eu mataria todos eles. Colocaria-os em fila e os fuzilaria. Cada um deles. Milhares. Milhões!”

“Você vai precisar de um monte de munição”, disse eu.

“Odeio eles”, disse ela, e voltou a varrer o chão.

Rabisquei os versos do poema por um instante. Olhei para cima para descobrir que era a única na loja. Todo mundo estava nos fundos. Depois...

EXCURSÃO:

PISOTEANDO NA LOJA DA MARGIE

A porta se abre devagar.

Os garotos entram, em silêncio,
furtivamente, sorridentes.

Olham para mim, os olhos perguntando,

Você vai contar?

Meus olhos respondem, *Sou a poetisa.*

Estou escrevendo isto. Vocês o estão vivenciando.

Um deles põe os dedos nos lábios: *Shhh.*

Eu mudo de ideia: “Não!”.

Tarde demais.

Tão rápidos quanto garotos, estão atrás
do balcão, roubando donuts, carregando o quanto conseguem,
dando gritos de meninos,

Margie correndo para dentro “Ei! Ei!” –

os garotos correndo para fora, donuts caindo –

um garoto na porta para, se vira, deixa cair

um donut com recheio de framboesa no chão, ergue o joelho

até o peito, grita “Uhul!”, pisa nele,

o donut espirrando framboesa por todo o trajeto

até o balcão.

“Não tente salvá-los”, diz Margie.

“Jogue-os fora.”

Alvina varre os donuts caídos com grande cuidado
para um montinho.

Ela molda o monte

com sua vassoura.

Olha para os garotos zombando

na rua, rindo,

se empanturrando, vomitando donuts.

A vassoura cai no chão com barulho.

Ela pula,

ambos os pés descem sobre

a pilha de donuts,

para cima e para baixo

para cima e para baixo

ela pisoteia os donuts como

costumava pisotear poças de água quando

pequena,

pisoteia

pisoteia

pisoteia

enquanto os garotos, agora congelados no lugar,

ficam pasmos, bocas abertas

de donuts por mastigar.

28 de fevereiro

Nevou ontem. Hoje o mundo está branco. Coloquei minhas botas e caminhei até a Montanha Encantada. Ela estava tão pura e perfeita quanto uma folha nova de papel. Eu dei um passo para dentro do campo e parei.

O que estava fazendo?

A brancura pura, brilhando com o sol, era uma das coisas mais bonitas que já tinha visto. Quem era eu para estragá-la?

A neve caía. A Terra dizia: *Toma aqui, um presente para você*. Mas o que fazemos? Nós a removemos com pás. Nós a golpeamos. Nós a raspamos. Nós a limpamos. Saia do nosso caminho. Nós a colocamos de canto. Existe algo mais feio ou triste do que uma pilha de neve depois de dez dias? Nem neve é mais. É lama.

Ela está começando a ser como nós, Leo? Prefiro nunca mais ver você a deixar isso acontecer. Nós fomos tão revigorados um dia, um campo de neve brilhante. Vamos prometer um ao outro que se um dia chegarmos a nos reencontrar, nunca limparemos nossa neve recém-caída. Nós não nos transformaremos em lama. Continuaremos como nesse campo e derreteremos juntos somente no bom tempo do sol.

Recuei com cuidado, saindo da única pegada, e indo embora.

3 de março

Vi hoje a primeira flor do ano. Um crócus, espreitando para fora de um arbusto como se dissesse: *Oi! Estou aqui!* Um pequeno amontoado roxo de alegria e esperança. Eu chorei. Ano passado, nessa época, eu era o crócus, desabrochando, florescendo com amor e alegria por você, por nós.

Para piorar a situação, eu estava com Dootsie.

“Por que está chorando?”, disse ela.

Eu tentei sorrir. “São lágrimas de alegria. Primeira flor.”

Ela me estudou, toda séria. Balançou a cabeça. “Caquinha.”

Eu quase explodi numa gargalhada, mesmo sabendo que seria errado. “De onde tirou isso?”

“Meu pai. Ele fala isso quando minto para ele. Eu minto muito.”

“Não estou mentindo.”

“Caquinha.”

“Tudo bem, estou mentindo.”

Ela me estudou um pouco mais. Os olhos dela lacrimejavam. “É seu namorado, não é? Ele fez você chorar.”

“Não.”

“Caquinha.” Ela bateu com os pés no chão. Estava com raiva.

“Ele largou você.”

Eu balancei a cabeça. Não conseguia falar.

“Sim, fez isso! Ele *largou* você!” E o rostinho dela se desmanchou, e se entocou em mim e me agarrou.

Quando cheguei em casa, tirei outra pedrinha. Só três agora.

6 de março

PESSOAS DO ARIZONA DE QUEM MAIS SINTO FALTA

1. Você.

2. Archie

Para você, Archie é o velho “caçador de ossos” que se aposentou como professor e foi para Mica. Ele fala com seu amado cacto, o Señor Saguario, e convida a você e a outros garotos para sua varanda nos fundos, onde fuma cachimbo e comanda reuniões da Leal Ordem do Osso de Pedra. Ele é isso tudo para mim também – eu ainda uso seu cordão de fóssil – e é muito mais. Você sabe, minha mãe não o contratou para me ajudar com meu ensino domiciliar. Ele se ofereceu. Foi ele que veio com a ideia original do currículo fantasma. Nada do que aprendi com ele me ajudou quando o Estado do Arizona veio aplicar minhas provas. Ele me deu mais perguntas do que respostas. Fez com que me sentisse em casa, não na casa dele, nem na minha, mas no mundo como um todo. É como um terceiro pai para mim.

3. Dori Dilson

Alguns dos alunos da Escola de Ensino Médio de Mica se viraram contra mim. Alguns se afastaram de mim. Dori foi a única que não fez nem uma coisa nem outra.

10 de março

Cada dia traz uma nova memória de algo que fizemos um ano atrás. Uma sucessão de aniversários infelizes.

11 de março

Noite passada sonhei que estava meditando no quintal do Archie, debaixo do braço estendido do Señor Saguaro. De repente, uma coruja marrom voou da boca do Señor Saguaro e falou comigo: “Caquinha”.

“Espere só até eu contar ao Archie o que você disse”, falei.

“Caquinha pra ele também”, disse o Señor Saguaro.

E depois me deu um tapa de leve. Alguma coisa me acertou na bochecha. Aquilo doeu cruelmente. Eu gritei. Tirei-a dali. Era um espinho de cacto.

“Isso não foi legal”, falei.

“Avante!” Ele me bateu com outro espinho. Senti dor no pescoço. Tirei-o dali. E então repetiu e repetiu: “Avante! Avante! Avante! Avante!” Uma dor espinhosa se espalhou por mim, e cada vez que eu tirava um espinho, ele me atingia com mais dois, e eles não eram mais espinhos de cactos, eram dardos minúsculos, dardos minúsculos com penas vermelhas me espetando inteira, e quanto mais rápido eu os tirava de mim, mais rápido eles vinham, e eu não conseguia alcançar os que estavam no meio das minhas costas...

Acordei suando, formigando. Vesti meu moletom e meu casaco. Não pus sapato. Desci a escada na ponta dos pés, saí de casa. Pedalei minha bicicleta até a Montanha Encantada. Caminhei até o centro. O chão batia gelado e duro contra a sola nua dos meus pés. Eu gostei de senti-lo. A existência real e firme dele.

Senti-me sozinha no planeta, à deriva pelo cosmos. Alcancei a noite com ambas as mãos. Não havia resposta. Ou talvez eu só não quisesse escutá-la.

12 de março

Querida Estrela,

Ei, você é uma garota crescida agora. Pare de agir como um bebê. Você acha que é a única que já perdeu um namorado? Namorados são fáceis de encontrar. Quer falar de perda, olhe para toda a perda ao seu redor. O que dizer do homem com o cachecol xadrez vermelho e amarelo? Ele perdeu a Grace. SUA AMADA ESPOSA. Aposto que foram casados por mais de cinquenta anos. Você mal passou cinquenta dias com o Leo. E você tem o descaramento de estar triste no mesmo mundo que aquele homem.

Betty Lou perdeu a confiança de sair de casa. Olhe só para você. Já parou para apreciar a simples capacidade de abrir sua porta da frente e sair?

E Alvina, a limpadora de chão, ela se odeia, e parece que tem um monte de gente na mesma situação. Ela só está perdendo sua infância, seu futuro, um mundo cheio de pessoas que nunca serão amigas dela. Você não gostaria de trocar de lugar com ela, gostaria?

Ah, sim. Não vamos nos esquecer do sujeito cambaleante nas pilhas de pedras. O do pompom verde-musgo. O que ele te disse? “Está me procurando?” Parece que ele não perdeu muito, não é? Só... A ELE MESMO!

Agora olhe para você, choramingando como um bebê por causa de algum garoto imaturo do Arizona que não sabia o prêmio que tinha nas mãos, que tentou transformá-la em outra pessoa, que te ignorou e te largou com os lobos, que sequestrou seu coração e nem te convidou para o Baile do Ocotillo. O que você não entendeu da mensagem? Alô-Ôôôô? Tem alguém aí? Você tem a vida inteira pela frente, e só faz olhar para trás. Cresça, garota. Existem coisas que eles não te contam no ensino domiciliar.

Seu eu da certidão de nascimento,
Susan Caraway

13 de março

Ela está certa, é claro. Cada palavra é verdade.

Só não é a verdade inteira. Ela não mencionou como você me olhou no refeitório naquele primeiro dia. Ou como corou quando seu melhor amigo, Kevin, disse, “Por que ele?”, e eu puxei o lóbulo da orelha dele e respondi: “Por que ele é bonitinho”. Ou o quão legal você foi com meu rato, apesar de estar apavorado. Ou como ficou orgulhoso de mim quando venci o concurso de oratória em Phoenix. Ou como – eu não sei, como explicar isso? – como a gente se completa.

Certo, você não é perfeito. Mas quem é?

Claro, Susan tem razão. Mas meu coração não se importa com a razão. Meu coração nunca diz: *Por quê?* Somente: *Por quem?*

14 de março

Hoje, pela segunda vez, pedalei até o cemitério. Estava escurecendo. Charlie não estava lá. Segui ao longo dos caminhos sinuosos. Luar e lápides. Tive uma visão. Estava no cemitério do meu próprio passado. Sob cada túmulo repousava uma memória, um dia morto. Aqui Jaz o Dia do Deserto Encantado. Aqui Jaz o Dia que Seguimos a Mulher no Shopping e Inventamos a Vida Dela. Aqui Jaz o Dia em que Tocamos os Dedinhos pela Primeira Vez, o Sinal Secreto de Amor de Estrela e Leo.

Toda noite eu durmo em um cemitério de memórias. O luar tece seu manto sobre mim.

15 de março

Minha carroça feliz diminuiu para dois seixos.

16 de março

Eu te odeio!

17 de março

Sinto sua falta!

18 de março

Eu te odeio!

19 de março

Eu te amo!

20 de março

Eu te odeio!

21 de março

LEO!

22 de março

Agora, veja só o que fez. Você me fez perder o início da primavera. Aconteceu ontem, mas eu estava tão ocupada me lastimando por você que nem sequer notei. Provavelmente ainda estaria no escuro se não tivesse recebido uma carta do Archie hoje. Ele me perguntou se vi o nascer do sol dia 21 de março. Archie e eu costumávamos ir para o deserto e assistir ao nascer do sol em quatro datas especiais: o equinócio de primavera (21 de março), o solstício de verão (21 de junho), o equinócio de outono (22 de setembro), e o solstício de inverno (21 de dezembro). Nós servíamos chá-verde em copos plásticos e brindávamos cada nova estação.

Ontem o sol estava incidindo diretamente sobre a linha do equador. O dia ultrapassou a noite. Inverno virou primavera. A cada giro da Terra agora, o dia está deixando a noite alguns minutos a mais para trás.

O universo está seguindo seu rumo. Por que estou surpresa?

23 de março

Tudo que meu pai disse na noite passada foi: “Vá dormir cedo”. Não perguntei o motivo, mas sabia. É claro que ele me acordou às 2 horas da manhã, e 30 minutos depois estávamos comendo pães doces grelhados e tomando café no restaurante Vista da Serra. Eu sabia o que ele estava fazendo.

Ele havia notado meu humor. Estava tentando me animar. Ele acredita que a resposta para o problema de qualquer pessoa é ir a uma entrega de leite.

Confuso?

Sim, meu pai é um leiteiro agora. Após quinze anos como um supervisor de engenharia na MicaTronics, sentiu-se sobrecarregado. Ainda assim, não iria sair. Mas minha mãe o convenceu depois que perguntou o que gostaria de fazer em vez daquilo e ele sorriu e disse: “Sempre quis ser leiteiro”. Então, carregamos o caminhão no armazém e seguimos pela rota da sexta-feira. Quando o caminhão virou uma curva na loja Wawa, os faróis de repente iluminaram um rosto. Era um rosto em um contêiner de lixo, olhos arregalados de surpresa. E então fomos embora.

“Viu aquilo?”, disse meu pai.

“Sim”, disse eu. Ainda via o rosto, como o brilho remanescente em meus olhos quando parava de olhar o sol.

A rota da sexta-feira fica na parte sul do país. Terrenos em uso. Fazendas. Casas solitárias ao longo de ruas curvas de terra. Nenhum poste de luz. Nenhum tráfego. Somente o escuro, o brilho dos nossos próprios faróis e o chacoalhar de garrafas de vidro nas prateleiras atrás de nós.

Os clientes deixam bilhetes, colados com fita na porta ou enrolados e presos com elástico na caixa metálica de leite no degrau da frente. Alguns pedem a mesma coisa toda semana, alguns fazem pedidos diferentes. Alguns pais deixam seus filhos escreverem os bilhetes. Como:

Caro senhor leiteiro,
por favor, deixe:
1 litro de leite
1 litro de achocolatado
2 queijos
1 dúzia de ovos
Meu gato Prrrurfecto adora seu leite!!
Abraço,
Cory

Eu já havia participado de outras entregas de leite de sexta-feira com meu pai, e havia um endereço pelo qual estava especialmente esperando. Ele chegou cedo à entrega: rua White Horse, 214. Os Huffelmeyers. Eles são um casal de idade e pegam 1 litro de leite e 1 litro de

achocolatado toda semana. Mas meu pai não deixa as coisas deles no degrau da frente, ele entra. Veja só, os Huffelmeyers se lembram dos velhos dias, quando as coisas eram mais seguras e eles deixavam a porta da frente destrancada o tempo inteiro, e o leiteiro simplesmente entrava e colocava suas entregas na geladeira. E eles mantiveram dessa forma. Na rua White Horse, 214, ainda é 1940. Nós simplesmente entramos. Papai acende a luminária franjada em uma pequena mesa para que possamos ver. Ficamos tão silenciosos quanto possível. Enquanto o papai vai para a cozinha, gosto de parar e olhar as fotos. Deve haver uma centena de fotos de família nas salas de estar e jantar. Eu as vejo ir de instantâneos preto e branco – o casal jovem casado, ele com seu uniforme da Segunda Guerra Mundial, ela com um vestido florido e chapéu de abas largas, de braços dados em frente a uma roda gigante – as fotos coloridas do velho casal cercado de filhos e netos e, pelo que parece, bisnetos.

Leo, algumas pessoas podem dizer que isso é esquisito, andar nas pontas dos pés pela casa de alguém às 4 da manhã, mas não é. É maravilhoso. É uma forma de compartilhar. São os Huffelmeyers nos dizendo: *Entrem em nossa casa. Olhem o que quiserem. Podem nos conhecer. Estamos no andar de cima, dormindo. Sintam-se à vontade para passear por nossos sonhos e memórias. Confiamos em vocês. E não se esqueçam de levar as garrafas vazias.*

Uma hora depois, deixamos o queijo cottage semanal e o suco de laranja na cozinha dos Dents, que eram ainda mais velhos que os Huffelmeyers. Meu pai então seguiu para leste, em direção a um céu cinza prateado. Um novo dia nascia. Até então, mal tínhamos falado um com o outro. Agora nós conversávamos, embora a conversa fosse entrecortada, telegráfica, interrompida constantemente pelo barulho do transportador de leite enquanto meu pai corria para outro cliente.

Pai: Então.

Eu: Então.

Pai: Dias negros?

Eu: Mais para cinza.

Pai: Vi que você só deixou dois seixos.

Eu: Você notou.

Pai: Leo Borlock?

Eu: Leo Borlock.

Pai: Ainda?

Eu: Ainda.

Pai: Ele vale isso?

Eu: Não tenho certeza. Acho que sim.

Pai (a mão dele na minha): Você pode ter certeza de uma coisa.

Eu: Do quê?

Pai: De mim.

Eu (sorrindo): Eu sei.

Pai: E da mamãe.

Eu: Eu sei.

Quando fomos para casa, as crianças estavam fervilhando nos playgrounds das escolas

primárias para o recreio da manhã.

24 de março

Eu fiquei razoavelmente bem pelo resto do dia. Arrumei o que fazer perto de casa. Visitei Betty Lou com Dootsie. Depois, logo que fiquei sozinha – hora de dormir – tudo voltou.

Sonhei mais uma vez com o Señor Saguaro. Dessa vez, ele não me espetou com espinhos. Não falou. Eu não conseguia nem mesmo ver sua boca. Então percebi que estava no outro lado dele. Contornei suas costas, e a boca se moveu para a frente. E assim foi: sempre que eu olhava, a boca se movia para o outro lado.

Não demorou muito e eu estava correndo desesperadamente em círculos em volta do velho cacto, tentando alcançar a boca, porque sabia que somente quando a alcançasse ela falaria comigo.

Estou desaparecendo, Leo. Como o truque de Dootsie, só que esse é real. Quem você é, se perde sua pessoa favorita? É possível perder sua pessoa favorita sem se perder? Procurei a Estrela e ela tinha partido. Não sou mais eu.

Fui até as pilhas de pedra hoje. Tive a sensação de que o homem cambaleante apareceria novamente, e apareceu. Ainda vestindo o gorro verde-musgo, o cordão e o casaco de marinheiro, ainda andando pelos cascalhos. Parou na minha frente e disse: “Está me procurando?” e continuou, sem esperar uma resposta. Gritei atrás dele: “Estou procurando por mim! Você me viu por aí?!”, mas ele apenas continuou a andar, com o pompom verde balançando...

27 de março

Brinquei de passear durante o ensino domiciliar. Fiquei no meu quarto o dia inteiro – escrevendo, lendo, sonhando acordada, recordando. Minha mãe não se opôs, não perguntou o motivo. Escrevi três haicais e duas listas. Talvez envie os haicais a você algum dia. Aqui está a primeira lista:

COISAS QUE EU GOSTO NO LEO

1. Você me amou.
2. Você gostou das sardas no meu nariz.
3. Você foi legal com o meu rato.
4. Você gostou do Archie.
5. Você tem um sorriso tímido.
6. Você me seguiu no deserto.
7. Você segurou minha mão na frente de todo mundo.
8. Você me escolheu em vez de escolhê-los.
9. Você encheu minha carroça da felicidade.

A segunda lista:

COISAS QUE EU NÃO GOSTO NO LEO

1. Você me largou.
2. Você gostou mais da Susan do que da Estrela.
3. Você não foi corajoso o suficiente pra ser você mesmo.
4. Você os escolheu em vez de mim.
5. Você está esvaziando minha carroça de felicidade.

29 de março

Só um seixo.

30 de março

Leo! Salve-me de uma carroça vazia!

1º de abril

Tinha prometido a Dootsie que a levaria hoje ao parque Bemus. Quando passamos pela primeira esquina, Dootsie falou: “Quero usar eles”. Ela estava apontando para meus brincos, as caminhonetes-lanchonetes prateadas que meu pai tinha pedido a um prateiro para fazer para mim em Tucson. Eu os tirei. Fui colocá-los nas orelhas dela, mas ela disse: “Eu quero fazer isso”.

“Tudo bem”, respondi, e os passei para ela.

Quando dei por mim, ela os arremessou em uma sarjeta que havia por perto, jogou as mãos para o alto e gritou: “1º de abril!”.

Ela estava tão contente e orgulhosa de si mesma, odiei estragar a diversão. Mas você me conhece, Leo, não sou exatamente a melhor atriz do mundo. Não pude esconder minha surpresa e desapontamento.

Ela viu isso no meu rosto. Os olhos dela se arregalaram, o sorriso desapareceu. Ela puxou meu dedo e piou: “1º de abril?”. Eu só conseguia olhar para a grade do esgoto. Ela uivou: “Fiz besteira!”, e começou a berrar.

Eu a abracei e a acalmei. Como você explica a brincadeira de 1º de abril para uma criança de 5 anos de idade? Tentei dizer a ela como funciona. Disse que, no fim, o importante é que a vítima se sinta aliviada e feliz porque as coisas não eram realmente tão ruins no fim das contas. Pelo olhar no rosto dela vi que ela não estava entendendo. Mas logo eu descobriria que ela estava entendendo muito bem, só que do jeito dela.

Nós continuamos nossa caminhada pelo parque Bemus. Ao longo do caminho, comprei para cada uma de nós um pacote de balas. Era o primeiro domingo de calor da primavera. O playground era uma colônia de formigas de crianças pequenas – dançando, escalando, correndo de um lado para outro, poeira voando. Dootsie parou no final do escorrega. Conforme cada criança escorregava, Dootsie entregava uma bala e dizia: “1º de abril!”. Não demorou muito e cada criança no playground estava em fila no escorrega. Quando as balas da Dootsie acabaram, ela pegou as minhas.

Quando todas as balas acabaram, nós fomos para casa. Passamos pelas pessoas no parque. Dootsie começou a descarregar o restante de si. Para a primeira pessoa, ela deu um doce de amendoim que estava em seu bolso. “1º de abril!” Para outro, deu uma pedra de quartzo rosa que tinha encontrado. Para outro, um broche que dizia PENSE.

Para outro, um clipe de papel. Cada um veio com um “1º de abril!” e uma risadinha. E geralmente um sorriso intrigado de quem o recebia.

Quando seus bolsos se esvaziaram, tirou do dedo o anel vermelho que veio de brinde na caixa de cereal e o deu. Então o elástico rosa em seu pulso. Entrou em pânico quando viu a próxima pessoa vindo e percebeu que não tinha nada. Tentou pegar meu cordão de fóssil do Osso de Pedra. “Não!”, disse eu.

Dei a ela o troco no meu bolso. Dootsie deu minhas moedas uma de cada vez. Eu tinha esperanças de que não houvesse mais pessoas até chegarmos à casa dela, mas houve. Dootsie deu o último centavo e, mais uma vez, tentou pegar o cordão de fóssil.

Estiquei-me pra cima, mantendo o cordão fora de alcance. Ela continuou pulando, tentando, gritando: “Me dá! Me dá!”.

Eu dei. Ele foi embora em um minuto, e ela voltou a mim. “Estrela! Mais!”

“Dootsie”, disse eu, “Acabou. Não tenho mais nada.”

Eu estava mentindo. Havia uma coisa sobrando. Uma pequena pena de uma coruja marrom. Eu a tinha visto se agarrando na direção de um buraco de ninho de passarinho em um saguaro perto do meu lugar encantado, no deserto. Usei um graveto de iúca para expulsá-la. Desde o dia em que mudamos do Arizona, venho carregando a pena da coruja marrom para todo lugar onde vou.

Dootsie tentou mexer nos meus bolsos. Eu a bloqueei. A pena tinha passado a significar você. Nós. Estrela e Leo. Bloquear meus bolsos só a deixou mais curiosa. Ela sabia que eu estava ocultando algo. “Você tem alguma coisa aí!”, lamuriou-se. Ela estava chorando. Chorando por não ter algo para dar.

Ultimamente, eu também vinha chorando um monte. Me lembrei das palavras de Archie, as palavras que você me disse que ele havia dito a você uma vez: “Pessoas estrelas não derramam lágrimas, e sim luz”.

Dootsie estavam me puxando. “Me dá!”

Dê.

E o que aquelas moedas estavam fazendo perdidas no meu bolso pra começo de conversa? Lembra-se de como costumava ser, Leo? Eu nunca tinha moedas, porque assim que conseguia alguma, jogava na calçada para ser encontrada. O que aconteceu com a Estrela?

Derramar.

Luz.

Lágrimas não irrompem. Luz sim.

Dei a pena a ela. Ela entregou ao homem passeando com seu cachorro. “1º de abril!”

2 de abril

E assim eu sou eu de novo, Leo. Graças ao exemplo de uma menina de 5 anos de idade. Espero que você não desejasse isso de um jeito diferente. Não que você não fosse se sentir lisonjeado, né? Quero dizer, ter uma menina a mais de 3 mil quilômetros de distância se despedaçando por você, chorando só de lembrar de você, perdendo o apetite, se perdendo, perdendo a autoestima, bem, isso é troféu o suficiente para o ego de qualquer garoto, hum?

Você ocupou meu espaço. Mas porque você não estava no meu presente, quando olhava para o futuro não via... nada. Isso não é triste? E estúpido?

Bem, espero que tenha gostado de estar cheio de si enquanto durou, porque agora acabou. Ah, claro, sentirei sua falta tanto quanto antes. Ainda sorrio só de pensar em você. Continuarei a – bem, lá vou eu dizer isso de novo – amar você, mas não me abandonarei por você. Não posso ser fiel a você sem ser fiel a mim mesma. Recuperei meu futuro. Se estivermos destinados a estar juntos, fique feliz de saber que levarei meu eu verdadeiro, não alguma metade chorosa de mim.

Então, dei uma dose extra à minha carroça outro dia – cinco seixos. São seis agora.

A primavera finalmente chamou minha atenção. Eu disse “Bom dia!” para os narcisos.

Estou deixando trocados por aí de novo.

E tenho um novo uso para o dinheiro em papel da minha mesada. O jornal local se chama *Folha de Lenape*. (A tribo Lenape – se pronuncia len-A-pãi – costumava viver pelas redondezas.) O jornal tem uma seção para anúncios de classificados. Três linhas, três dias, 14 dólares. A maioria das pessoas usa a seção para anunciar vendas de terrenos e coisas assim.

Aqui está meu primeiro anúncio. Sairá na segunda, terça e quarta da semana que vem:

Dootsie Pringle
é a MELHOR pregadora de peças
de 1o de abril do mundo!

11 de abril

Algo aconteceu hoje que foi ao mesmo tempo perturbador e misterioso.

Dootsie tem estado gripada, então fui levar o Canela para animá-la. Tinha acabado de deixar os Pringles e montado na minha bicicleta para voltar pra casa quando ouvi uma voz rude atrás de mim: “E aí?”

Era Alvina. A encantadora Alvina. Parei.

“Oi”, disse eu. “Rosnou para alguém hoje?”

Ela ignorou a pergunta. “Estou voltando do trabalho para casa.”

“Entendo”, disse eu.

O pequeno Ursinho Pooh de plástico em volta do seu pescoço estava com os braços esticados para os lados e vestindo um sorriso enorme – diferente do rosto azedo acima dele.

Ela apontou um dedo na direção da casa de Betty Lou. “Aquela moça está ficando louca.”

“A senhora Fern?”

“A senhora Maluca.”

Perguntei a ela o que havia acontecido.

“Deixei os donuts na varanda...”

“Hoje é quarta-feira”, falei. “Pensei que fizesse isso nas segundas-feiras.”

Ela me lançou um olhar de desagrado. “Se parar de me interromper, conto.”

“Desculpe”, falei.

“Então, bem, deixava-os na *segunda*. E no dia seguinte eles sempre tinham sumido. Só que ontem, na terça”, ela parou e me encarou, vendo se me atreveria a interrompê-la, “quando passei por perto, eles ainda estavam lá. E agora, hoje, eles continuam lá.”

É claro, pensei. Dootsie não podia pegar os donuts porque estava doente. Devia ter feito isso eu mesma. Estúpida.

Alvina prosseguiu: “Então acabei de tocar a campainha. A moça veio na porta, mas não a abriu. Gritei para ela: ‘Abra a porta! Trouxe seus donuts!’. Sua resposta veio com a voz toda desafinada: ‘Não posso. Estou tendo um dia ruim’. Eu disse: ‘Vou te dar uma semana ruim’, mas não sei se ela me ouviu”. (Quase ri.) “‘Não pode apertá-los por baixo da porta?’, gritou. ‘Claro’, disse eu, ‘se esmagá-los com um rolo compressor.’” (Agora ri de verdade.) “Ela...”

Alvina parou de falar de repente. Os olhos dela miraram meu ombro. Sua expressão mostrou curiosidade, então surpresa, depois fúria. “Ei!”, gritou perto do meu ouvido, e praticamente me derrubou quando partiu em velocidade. Eu me virei e vi, no início do quarteirão, um garoto na varanda de Betty Lou. Tinha a sacola branca de donuts na mão. Parou no degrau mais alto para nos olhar e começou a correr.

Alvina o caçou pela Ringgold, depois em um beco onde ambos desapareceram, embora ainda pudesse ouvir os gritos dela. E depois não mais. Continuei no meu caminho para casa quando ela veio resfolegando de volta pela rua. Ela apontou um dedo na direção da casa de Betty Lou. Ela gritou: “Mais do que merecido, sua maluca!”

Ela estava perto de mim agora, mas de repente deu cinco passos para trás. Ela deu um gritinho. “O que é isso?”

Eu tinha tirado o Canela do meu bolso e o empoleirado no meu ombro.

“Meu rato de estimação”, disse eu. “O Canela.”

“Você tem um rato de estimação?” Seus lábios estavam curvados como se tivesse cheirado algo ruim. Ursinho Pooh continuava radiante.

“Melhor bicho de estimação do mundo”, disse eu. “Venha cumprimentá-lo.”

Ela salientou, claramente para mim, não para o Canela. “Sabe de uma coisa? Você também é maluca.” Atravessou a rua e continuou para casa, resmungando, “Esse lugar é cheio de malucos.”

Desviei até a loja de Margie, comprei alguns donuts e os trouxe de volta para Betty Lou. Eu a convenci a abrir a porta o suficiente para me deixar empurrá-los para dentro. Nós tivemos uma conversa agradável, e concordamos que sempre que ela estivesse em um dia ruim, penduraria uma meia-chinelo vermelha de dormir na janela da frente, então a Dootsie e eu estaríamos alertas para dar-lhe uma atenção especial naquele dia.

E todo o tempo que estive na casa de Betty Lou, continuei me lembrando do rosto do garoto em sua varanda. Era a mesma cara que eu tinha visto durante a entrega de leite. No contêiner de lixo.

19 de abril

Nascer do sol.

Tenho pensado nisso desde a última entrega de leite com meu pai. Desde a carta de Archie. Desde que virei a primeira página dessa carta para você, que está se tornando a Maior Carta da História Mundial, e li a primeira frase.

E então decidi limpar minha mente na Montanha Encantada uma vez por semana, no nascer do sol.

Meus pais não ficaram muito felizes. Eles não gostavam de me ver na rua quando ainda estava escuro. Por outro lado, gostavam de ver o quanto eu ficava conectada a coisas como essa. Assim, definimos um plano. Compramos walkie-talkies, um para mim, um para minha mãe. E uma lanterna para mim. Farei isso nas quintas-feiras. Comecei hoje.

Minha mãe se arrastou para fora da cama e sentou na varanda para me ver enquanto eu descia caminhando a rua Rapps Dam. Ela ficou com a missão porque, é claro, meu pai, o leiteiro, já partiu há muito a essa hora. Com minha lanterna ligada, minha mãe podia me ver durante quase todo o percurso até a Rota 113. Atravessei a rua e um minuto depois estava no meio da Montanha Encantada. A primeira coisa que fiz foi falar com minha mãe pelo walkie-talkie e dizer-lhe que estava bem. Ainda estava bastante escuro, mas o céu clareava a cada minuto. Sentei-me em uma esteira velha de praia que carregava junto comigo. Fiquei de frente para o leste e fechei meus olhos, então me dissolvi nos elementos. Algum tempo mais tarde, um brilho nos meus olhos me contou que o sol havia nascido e que era hora de ir.

Quando voltei para casa, imaginei que encontraria minha mãe cochilando na varanda, mas ela não estava. Estava totalmente acordada. Sorriu, me abraçou e disse: “Por que tenho que estar ligada a duas pessoas que saem de casa no meio da madrugada?”. Nós rimos e voltamos para cama. Um dia, espero poder ser uma mãe tão boa quanto ela.

23 de abril

Quero deixar um donut para o homem no cemitério, o Charlie da Grace. Mas estou um pouco insegura. Será que estarei me intrometendo? Imagine isso – Estrela com medo de ser intrometida!

24 de abril

Certo, decidi. Vou fazer isso. Comprei um donut na Margie. Açúcar com canela. Eu o deixarei no local do túmulo da Grace hoje à noite, então Charlie o encontrará amanhã quando chegar.

Terei o cuidado de colocar a sacola ao lado do túmulo, não em cima dele.

25 de abril

Eu me acovardei.

26 de abril

Eu fiz. (Com um donut novo.)

27 de abril

Fui ao cemitério essa tarde. Estava um dia quente e bonito. Perfumado. Ele vestia um suéter cinza. O cachecol xadrez vermelho e amarelo encontrava-se estendido no encosto da cadeira.

Eu circulei de um lado para o outro atrás dele. Mantive distância. Não vi a bolsa branca. *Ele a pegou!*, pensei, animada. Então, vi a bolsa, a alguns túmulos de distância. Não parecia ter sido aberta, balançando-se contra uma lápide, como se ele a tivesse arremessado com raiva para lá. Talvez até mesmo a chutado.

Eu sou uma abelhuda, intrometida, atrevida, enxerida, impulsiva.

30 de abril

Tentei de novo.

1º de maio

Mesma história. Dessa vez a chutou para mais longe. Eu deveria desistir?

4 de maio

Dootsie e eu tocamos nossos mindinhos, nosso sinal secreto de afeto. Como você e eu costumávamos fazer. E tristemente penso no que Archie diz, que o som de pássaros extintos pode estar preservado no canto dos tordos.

19 de maio

Festival de Dogwood!

Ele já está rolando desde segunda-feira, mas hoje, sábado, é o grande dia.

Primeiro a parada. Pessoas enfileiradas na rua Principal do centro da cidade até o parque Bemus. Bandas. Carros de bombeiros. Academias de dança. A liga infantil de baseball. Palhaços e monociclos. Políticos dando doces em conversíveis. A rainha de Dogwood e sua corte. A grande mestre de cerimônias era a moça que fala do tempo em uma TV.

Dootsie estava superinteressada no doce, um grande tubarão branco entre peixinhos. Toda vez que uma criança de 3 anos de idade se esticava querendo um pedaço, Dootsie o agarrava. Ela estava enfiando os doces em seus bolsos, sua boca. Quando enfiou um minirrolo em seu nariz, estabeleci o limite. Puxei-a para fora da valeta, tirei o minirrolo de seu nariz, apertei seus ombros.

“Dootsie, você está sendo uma porquinha e uma valentona. Está desfazendo todas as coisas legais que fez no 1º de abril.” Olhou fixamente para mim. Desembrulhou o doce de amendoim e o enfiou na boca. E passou o resto da parada dando seus doces para crianças de 3 anos de idade.

O parque Bemus estava lotado. As barracas de comida vendiam de tudo, desde algodão-doce e kebab de carne até bolos de funil e pastel polonês – e, é claro, os donuts da Margie. Você poderia lançar moedas para ganhar um peixe japonês ou encontrar seu futuro na tenda da cartomante. Havia atrações para os mais novos, além de uma casa assombrada e um karaôkê com banda o dia inteiro na concha acústica.

Bandos de adolescentes vagueavam por todos os lados. Nunca tinha visto tantos piercings nos lábios e cabelos roxos espetados. Para Dootsie, era um zoológico. Ela continuava me cutucando e sussurrando: “Olha! Olha!”.

Em certo ponto, aconteceu de eu estar olhando para uma barraca de algodão-doce e maçãs-do-amor quando vi o garoto – o rosto no contêiner de lixo, o garoto na varanda de Betty Lou. Alguém tinha acabado de pagar por algo e o funcionário tinha se virado para pegar o troco quando o menino guinou para a barraca, estendeu a mão, pegou uma maçã-do-amor no balcão, e seguiu seu caminho.

Comecei a puxar Dootsie atrás dele – não sei o que eu tinha em mente – mas não fomos muito longe, porque naquele instante ouvi um grito terrível, e as pessoas começaram a se virar e correr.

Vozes de criança gritaram: “Briga!”. Eu estava perto, em frente à barraca de cachorro-quente do Clube Rotary. Dois garotos estavam no chão. O de cima agredindo o de baixo, socando-o no rosto. Fiquei paralisada. Não me lembro de ter visto uma briga de verdade antes. Até aquele momento, para mim, uma pessoa acertando outra era algo de livros e filmes. História. Mas história nunca me fez enjoar. Tudo isso aconteceu em poucos segundos, então dois homens arrancaram os garotos do chão e os separaram mesmo enquanto continuavam a se jogar na direção um do outro.

Um deles era um garoto, o que estava por baixo. Loiro. O outro era Alvina. O rosto do

garoto estava ensanguentado do nariz para baixo.

Havia, inclusive, um vestígio de sangue em seu cabelo loiro. Eu não tinha certeza, mas poderia ser um dos três garotos na loja de donuts naquele dia. Ele estava cuspidos ruídos sangrentos para Alvina, que olhava para ele com um ódio que nunca vi em um rosto humano antes, nem mesmo na Escola de Ensino Médio de Mica no ano passado. Então ela cerrou o punho e o ergueu para o garoto, dizendo em um rosnado suave, quase um sorriso, dentes expostos: “Experimente isso, punk”. Mas algo um pouco antes daquilo chamou minha atenção. Devia ser novo, porque tenho certeza de que o teria notado antes.

Era a unha do seu dedo mindinho. Ela estava diferente. Nem lisa, nem curta, nem acabada que nem unhas de garotos como as outras. Estava grande. E rosa. E cintilante. E estava elegante. E então desapareceu no punho cerrado.

Os homens os estavam puxando em direções opostas quando Alvina gritou: “Espere!”. Ela se soltou do homem num puxão (quase, porque continuou segurando-a pelo pulso) e foi remexer ao redor da terra até encontrar alguma coisa. Ela o pegou, cuspiu nele, limpou com a barra da camisa, e o colocou em seu bolso. Era seu cordão de Ursinho Pooh amarelo sorridente.

No instante seguinte, um horror substituiu o outro. De repente, me dei conta da mão de Dootsie na minha. Olhei para baixo. Ela estava olhando para mim. Seus lábios tremiam. Lágrimas rolavam por seu rosto. “Oh, Dootsie”, disse eu. “Me desculpe.” Eu a levantei e saí correndo.

Só diminuí o ritmo quando estava fora do parque Bemus. Ela estava chorando agora, seu pequeno corpo erguido contra o meu. Tentei colocá-la no chão, mas não me soltaria. Caminhei mais um pouco, falando com ela. “Isso foi totalmente minha culpa, Dootsie. A Estrela é má. Nunca deveria ter deixado você ver aquilo. Só estava pensando em mim mesma e esqueci completamente da minha melhor amiga Dootsie. Nunca me esquecerei de você novamente.”

Sua voz fina veio através de soluços. “Promete?”

Beijei suas lágrimas salgadas. “Promessa tripla.”

Não demorou muito e estávamos sentadas uma do lado da outra nos degraus da biblioteca.

“Alvina é má”, disse ela.

“Ela é só uma pestinha”, disse eu.

“O que é uma pestinha?”

“Bem, uma pestinha é uma pessoa irritada. Alguém que pode estar um pouco fora de controle.”

“Odeio a Alvina.”

Eu a coloquei no meu colo. “Não, não odeie a Alvina.”

“Odeio sim. Odeio seu namorado também. Porque ele largou você.”

Eu ri. “Também não odeie ele. Você não deve odiar ninguém.”

“Não posso evitar. Preciso.”

“Não”, disse a ela, “você não tem que odiar. Se começar a odiar uma ou duas pessoas, não será capaz de parar. Logo estará odiando uma centena de pessoas.”

“Um zilhão?”

“Até um zilhão. Um pouco de ódio percorre um caminho longo, longo. Ele cresce e cresce.

E fica faminto.”

“Como o Panela?”

“Ainda mais faminto. Você continua a alimentá-lo com mais e mais pessoas, e quanto mais pessoas ganha, mais quer. Ele nunca fica satisfeito. E logo espreme todo o amor para fora do seu coração”, aponte para o coração dela, que olhou para o peito, “e tudo que terá restado para você será um coração cheio de ódio.”

Ela me olhou séria e sacudiu a cabeça. “Eu não vou ficar faminta. *Só vou odiar a Alvina.*”

Lá se vai a minha lição.

“Vou te dizer uma coisa”, disse eu. “Antes de começar a odiar a Alvina, vamos dar outra chance a ela.”

“Por quê?”

“Porque acho que ela tem um problema.”

“Que tipo de problema?”

“Acho que está com raiva.”

Ela ergueu os olhos para encontrar os meus. “Com raiva de quê? Do menino?”

“Não sei”, disse eu. “Talvez do menino. Talvez de algo mais. Talvez ela só esteja tendo um amadurecimento doloroso.”

“Amadurecimento doloroso? O que é isso?”

“É quando uma criancinha começa a virar uma criança grande. Às vezes isso dói.”

“Eu terei um amadurecimento doloroso?”

“Talvez só um pequenininho.”

“E vou bater num menino?”

Eu a descí para a calçada. Nós seguimos para casa.

“Certamente espero que não”, disse eu.

21 de maio

Hoje convidei a mim e à Dootsie para jantar na casa de Betty Lou. Nós chegamos lá no meio da tarde, para podermos ajudá-la a fazer seu famoso purê de batata com queijo e alho, ou mais especificamente, para Dootsie poder amassar as batatas.

Assim que Betty Lou e eu começamos a descascar as batatas, Betty Lou disse: “Então. Como foi o Festival de Dogwood? Quero que me contem tudo”.

Dootsie falou: “Alvina bateu em um menino!”.

Betty Lou se virou para mim. Assenti. “Infelizmente é verdade.”

“Ela o machucou?”, perguntou Betty Lou.

“Ele estava sangrando”, disse Dootsie. “Eu chorei.”

“Tudo terminou em um minuto”, falei. “As pessoas os separaram.”

“Alvina é uma pestinha”, disse Dootsie.

Betty Lou deu um sorriso triste e balançou a cabeça. “Isso ela é.”

Dootsie disse: “Eu quero ser uma pestinha”.

Betty Lou a engoliu com um abraço e riu alto.

“Você é uma pestinha, minha pequena pestinha-tampinha. Agora me contem sobre o festival. O que acharam da rainha de Dogwood? Ela estava bonita?”

“Eu peguei um monte de doce!”, disse Dootsie.

“Ela estava bonita”, disse eu.

“Eu fui uma porquinha e uma valentona!”

Betty Lou assentiu em concordância. “A rainha sempre é bonita. É sempre uma garota do último ano do ensino médio, sabe. Na sexta-feira, é só mais uma aluna nos corredores. E no sábado”, seus punhos se abriram em dedos, “poof! Ela está lá em cima no banco de trás de um conversível brilhante, sorrindo para seu povo, acenando. Uma rainha. Perfeita.”

Ela estava olhando para fora da janela da cozinha. Estava vendo festivais passados, rainhas de outros maios.

“Eu dei todos eles!”, gritou Dootsie.

Betty Lou sorriu na direção da janela. “Eu fiz parte da corte da rainha, caso não saiba.”

Fiquei chocada. “Betty Lou! Você fez mesmo?”

“Sim. Não era bonita o suficiente para ser a rainha, é claro. Mas eu tinha uma aparência atraente, do meu próprio jeito.” Ela me deu um sorriso manhoso. “Acredite ou não.”

“Ah, acredito”, disse-lhe rapidamente, antes que meus olhos, vendo a dama em meias vermelhas de dormir, roupão roxo e cabelo grisalho do outro lado da mesa, tivessem uma chance de discordar.

“Na época, nos chamavam de flores. A rainha e suas seis flores.” Ela esticou a língua e fez um som de engasgo. “Acredita nisso? Soa tão exótico agora, não soa? Bem, isso é um problema, não é? Do que eles deveriam nos chamar, a rainha e as seis perdedoras? Tão estúpido. Mas na época, vou te dizer, Estrela, eu assumia meu papel de flor com muita seriedade. Muita seriedade.” Começou a rir. “Ha! A ponto de quase ser inadequado, minha mãe diria. Ela teve que praticamente arrancar o vestido do meu corpo quando fui para cama

naquela noite.”

Ela se sentou na ponta da mesa, olhou em volta e, de repente, não estava mais na cozinha, e sim na parada, acenando, sorrindo, soprando beijos. Dootsie e eu aplaudimos. Betty Lou voltou ao presente, olhou para nós. “Sabe, você não viveu até se deleitar com a adoração do povo.”

Enquanto Betty Lou se ocupava com o forno, meus pensamentos voltaram para a formatura da Escola de Ensino Médio de Mica mais ou menos nessa época, ano passado. Algum arrependimento, Leo? Gostaria de ter ido comigo? Tenho certeza de que já ouviu tudo a respeito da formatura. Aquela Estrela maluca aparecendo em uma bicicleta dirigida por um motorista. Dançando sozinha, depois com todos os garotos.

E a dança do coelho. Levando-os para as quadras de tênis iluminadas por lanternas no escuro. Eis a verdade, Leo. Até a dança do coelho, eu estava indo bem. Estava me divertindo e aos meus colegas de escola, colocando você e sua rejeição de lado. Mas lá fora no escuro, quanto mais longe da música e da luz nós íamos, mais eu pensava em você, e me ocorria que talvez eu pudesse criar um pequeno encantamento. Conforme seguíamos cada vez mais fundo na escuridão, eu queria – desejava – que algo mágico pudesse acontecer, que as mãos que sentia na minha cintura, se dançasse pela escuridão da maneira correta e por tempo suficiente, se tornariam suas mãos.

Mas, é claro, isso não aconteceu. Quando voltamos para a luz e olhei, era Alan Ferko atrás de mim, e não você.

Mas agora Dootsie tinha feito ela mesma desaparecer. Faz isso se pensa que não está recebendo atenção suficiente. Ficou no canto, de olhos bem fechados, sem fazer barulho, quieta como um abajur de piso, com o Canela visível como de costume em seu ombro.

“Onde está a Dootsie?”, disse Betty Lou com uma piscada.

Eu olhei em volta. Olhei direto para o canto. Dei de ombros. “Eu não sei. Ela deve ter desaparecido de novo. Parece que dessa vez ela levou o Canela junto.”

Betty Lou chamou: “Dootsie? Você está aí?”.

Ela se manteve em silêncio no canto.

“Como ela faz isso?”, disse Betty Lou, maravilhamento em sua voz.

“É um dom”, disse eu.

“Você acha que nós voltaremos a vê-la?”, disse Betty Lou, preocupada.

“Quando ela estiver pronta”, disse eu.

Betty Lou assentiu, aliviada. “Ótimo. Então me conte sobre o restante do Festival de Dogwood.”

Eu contei tudo a ela, detalhei o melhor que pude. Nesse meio tempo, o cheiro de peito de peru assado e tofu (sim, peru de tofu, continuo vegetariana) preencheu a casa. Pensei ter visto um nariz aparecer no canto, só tempo suficiente para farejar.

Quando terminei, Betty Lou voltou a olhar pela janela. “Você acha que algum dia verei outro Festival de Dogwood?” Ela se virou para mim. Os olhos dela brilhavam. “Você acha, Garota das Estrelas?”

Eu queria chorar. Por cima da mesa da cozinha, nós apertamos as mãos uma da outra. “Verá sim”, disse a ela, sem saber se acreditava em mim mesma.

Betty Lou verificou o pote grande no forno. “E agora? As batatas já estão prontas para serem esmagadas, e a Dootsie, a Super Amassadora de Batatas, não está em nenhum lugar que eu possa ver.”

“Estou aqui! Estou aqui!!” Dootsie veio correndo para a visibilidade, o Canela se pendurando no ombro dela como se sua vida dependesse disso. “Eu irei esmagá-las!” Ela começou a tirar os sapatos.

Ela teve que ser convencida a não fazer isso com os pés. Ela tinha visto uma imagem de fabricantes de vinho pisoteando uvas. Então teve que ser convencida a não deixar o Canela pisotear.

Pelo menos as batatas foram amassadas, e o jantar, comido. Levei Dootsie para casa. A última coisa que disse quando lhe dei um abraço de boa-noite foi: “Eu quero fazer um festibal”.

26 de maio

Então, hoje tivemos o Festival da Dootsie.

Como o Festival de Dogwood, ele começou com uma parada. Dootsie nomeou o Canela o grande mestre de cerimônias e se nomeou “rainha Mandona”. Estava enrolada em panos de prato, parecia pensar que era glamoroso. Ela calçava os saltos altos da mãe e, no cabelo, um pente branco de plástico que chamou de coroa. Puxei-a para lá e para cá em um pequeno carrinho de madeira. Sorriu e acenou para a multidão (cerca de dez pais) ao longo da rua Ringgold. O Grande Mestre de Cerimônias sentado em seu ombro.

Ela era seguida por três assistentes, caminhando – nenhum carrinho para eles. Duas eram meninas da vizinhança. A terceira era um labrador preto chamado Roscoe. Eu disse a Dootsie que era um cachorro macho, mas ela não se importou. Roscoe vestia uma saia rosa de balé.

O resto da parada consistia em um garoto com uma tartaruga, um menininho em um triciclo, uma banda marchando (dois garotos de 10 anos tocando uma gaita e um kazoo, mas principalmente jogando conversa fora), um Darth Vader de menos de um metro de altura, uma avó segurando a mão de uma criança de olhos arregalados, e um jovem empinando seu skate.

Depois de um quarteirão, a rainha Mandona gritou: “A parada acabou!” e todos nós voltamos para a casa dela para ver o festival.

Nós tínhamos um monte de atrações: venda de bolo, leitura da sorte, arremesso de moeda e montanha russa de carrinho. E, é claro, uma barraca de limonada. Até apresentei um concerto de ukulele.

O Grande Mestre de Cerimônias tentou tirar uma soneca na cesta da bicicleta, mas o cafuné de mãozinhas continuou a mantê-lo acordado. Tenho certeza de que tudo foi assistido por Betty Lou, embora não pudesse vê-la.

O festival estava movimentado quando o vi na calçada da frente. O rosto do contêiner de lixo. Na varanda da Betty Lou. A barraca de maçã-do-amor.

Ele estava falando com a vendedora de limonada, a rainha Mandona em pessoa. Eles estavam jogando conversa fora. Ela serviu um copo de limonada para ele, que jogou uma moeda na caixa registradora (sua tigela de cereais do Babar). Mantive os olhos em suas mãos, esperando que uma delas, a qualquer momento, deslizasse dentro da tigela e pegasse alguma coisa. Imaginei se ele não estava papeando com Dootsie para distraí-la. Imaginei se no momento em que ela se virasse, ele apanharia a tigela como tinha feito com os donuts e a maçã-do-amor. Mas a única coisa acontecendo era a conversa. Ele gesticulava com as mãos, contando uma história. Estava rindo e dizendo coisas de volta. Na verdade, eles estavam se divertindo tanto que, de repente, senti uma pontada de inveja por Dootsie – minha pequena Dootsie – estar tão instantaneamente entusiasmada com esse novo menino.

Meu impulso foi caminhar diretamente até lá e recuperar meu território, deixá-la mostrar a ele quem era sua melhor amiga. Mas hesitei. Eu o tinha visto tão claramente três vezes – três vezes roubando (bem, duas – ou você pode roubar de um contêiner de lixo?) – que senti que precisava ser tão memorável para ele quanto ele era para mim. Mas quando ergueu os olhos

da mesa de limonada e mirou na minha direção, o garoto não pareceu me reconhecer. Tinha o cabelo preto que caía sobre seus olhos e suas orelhas. Sua pele parecia ter sido tostada pelo deserto do Arizona. Mesmo a certa distância, podia ver que seus olhos eram azuis.

Ele puxou um par de óculos escuros – roubados, sem dúvida – de seu bolso e os colocou. Vi as mãos de Dootsie voarem e a ouvi gritar: “Eu! Eu!”. Ele os colocou nela. *Ela deixou ele fazer isso*, pensei. *Ela não havia me deixado colocar meus brincos nela*. Dootsie se levantou e desfilou pela calçada. Virou-se e olhou direto para o sol. “Dootsie!”, gritei, mas ele já estava lá, virando seu rosto de lado, tirando seus óculos, repreendendo-a por olhar diretamente para o sol. Senti-me ultrajada. *Ei, quis gritar, deixa que faço a repreensão por aqui*.

Ele esticou a mão e se cumprimentaram. O garoto estava se despedindo. *Por favor, não a abraça*, pensei. Ele colocou a mão no topo da sua cabeça e bagunçou seu cabelo. Ela riu e ele subiu a rua, caminhando.

Eu o segui.

Mesmo agora, não sei bem por quê. Permaneci um quarteirão ou dois atrás, do outro lado da rua.

Foi uma longa caminhada, de volta para o centro da cidade, passando pela Donuts da Margie, pela Pizza Delícia e pelo Cinema Colonial, e depois pelo prédio do Folha de Lenape, pelo restaurante Cometa Azul e pelo Hotel Columbia, e então sobre a ponte do canal. Quando chegou ao mercado Produce Junction, ele desviou para o estacionamento. Caixas de frutas e vegetais estavam expostas do lado de fora da porta. Pegou dois limões conforme passava por elas e seguiu para a rua do Canal. Enfiou um limão em seu bolso. Abriu o outro e começou a chupar uma metade. Só de observá-lo, minha saliva secou. Caminhei mais rápido. Ele estava passeando com seus óculos escuros, mais desfilando do que andando, chupando seu limão, cuspiendo sementes na rua como se fosse dono do mundo. Senti minha bile subindo. Ainda estava seis metros para trás quando virou na direção de um edifício pequeno, de blocos cinza, no canal. A fachada que dava para o canal estava aberta como uma garagem. Acima da abertura, uma placa pintada à mão dizia OFICINA DE REPARO DE BICICLETAS E CORTADORES DE GRAMA DO IKE. Ike estava debruçado na sujeira do lado de fora, puxando a corda de um aparador e xingando cada vez que não funcionava. O garoto deu a volta pela lateral e subiu dois degraus para a porta dos fundos.

Eu chamei: “Ei!”.

Ele me olhou, com sua mão na maçaneta. Não falou, só esperou. Não removeu seus óculos escuros. Quanto mais tempo ficava ali em pé, mais desconfortável me sentia por ele poder ver meus olhos e eu não poder ver os dele.

Me aproximei. “Por que você pegou aqueles limões?”, disse eu. “Por que você rouba coisas?”

Nenhuma resposta. Nenhuma expressão. Senti que se eu pudesse arrancar seus óculos escuros, encontraria duas frias pedras azuis. Ele jogou a metade do limão fora e enfiou a outra metade na boca. Mexeu-a de um lado para o outro, e seus lábios franziram, e de repente cuspiu uma semente em mim, que saltou no meu peito. E continuou lá, mastigando com sua boca aberta. Pensei ter visto um pequeno desdém em seus lábios pouco antes de ele abrir a porta e

entrar.

28 de maio

Finalmente, tenho um nome para o garoto, o ladrão de limão. Perry. Ele não se parece com um Perry para mim, mas foi o que ele disse a Dootsie. Também disse a ela que dorme no telhado em noites quentes. E que pesca no canal. E que às vezes nada nele mesmo que ninguém devesse fazer isso. Dootsie me disse tudo isso enquanto almoçávamos no Cometa Azul. Ela que pagaria a conta – parte dela, de qualquer maneira, com seus lucros com o festival – \$11,27 – e insistiu em me levar para almoçar.

“Então”, disse eu, “o que ele mais falou?”

Ela lambeu o catchup de uma batata frita. “Não me lembro. Coisas.”

“Eu vi você rindo.”

“Sim. Ele era engraçado.”

“E legal?”

“Uhum.”

Quando terminou de limpar a batata-fria com lambidas, ela começou a lambear outra.

“Se você só queria o catchup”, disse eu, “por que pediu as batatas fritas?”

Ela suspirou, tentando ser paciente. “Porque você não pode simplesmente beber catchup, sua pateta.”

Nós passeamos pelo centro por um tempo, depois fomos para a Margie comer a sobremesa da tarde. Dootsie pegou um com cobertura de granulados, e peguei um com capa de chocolate. Assim que nos sentamos, Alvina entrou direto pela porta. Ela acenou para mim. “E aí, maluca. Fez alguma maluquice hoje?”

Dootsie sussurrou: “Ela vai bater em você?”

Eu sussurrei de volta: “Acho que não”.

“Ela vai bater em mim?”

“Ela não vai bater em ninguém. Relaxe. Coma seu donut.”

Alvina colocou seus livros atrás do balcão e voltou com sua vassoura. “Você não vai ficar sentada aí o dia inteiro tomando conta de um donut, hum?”, disse ela.

“Talvez eu vá”, disse eu. “Algum problema?” Posso até ter rosnado.

Eu senti Dootsie se levantando atrás de mim. “É. Algum problema?”

Ela estava rosnando de fato. Granulados vermelhos e azuis caíram do donut meio comido que sacudi na cara da Alvina.

Alvina nos encarou inexpressiva – e rápida como um ladrão de limão, ela pegou a metade do donut da mão de Dootsie e o enfiou na boca.

Dootsie reclamou. “Margie! Ela roubou meu donut!”

Margie gritou do balcão: “Inacreditável. Vocês parecem três bebês imaturos”. Ela pegou outro coberto com granulados na prateleira e o jogou em nossa direção.

“Aqui. Agora se calem, todas vocês, ou as chutarei para fora.”

Peguei o donut e o entreguei a Dootsie, que mostrou sua língua coberta de granulados para Alvina, que foi embora varrendo.

Quando Alvina terminou de varrer, voltou e se sentou em nossa mesa.

“Não gosto de você”, disse Dootsie.

“Dootsie”, disse eu, “seja simpática”.

Mas Dootsie não parou. “Quando for grande o suficiente, vou bater em você.”

Alvina olhou para ela do outro lado da mesa. Seu rosto inexpressivo como de costume. Faz meses que a conheço agora e nunca a vi sorrir. E, ainda assim, havia algo lá, abaixo da superfície, atrás dos seus olhos, na borda de seus lábios, algo mais suave, algo escasso. Ela cerrou o punho lentamente e lentamente atravessou a mesa até parar a centímetros em frente ao nariz de Dootsie. Os olhos de Dootsie envesgaram enquanto o acompanhavam. Enfiada no punho estava a elegante unha rosa do dedo mindinho.

Dootsie se afastou, mas só para proteger seu novo donut. Ela o segurou atrás da cadeira. Ela não estava nem um pouco com medo de Alvina. Os olhos delas estavam travados uns nos outros, mas elas não demonstravam nem medo nem raiva. Os olhares eram mais de sondagem do que de confronto. Dootsie voltou com o rosto até ele estar novamente em frente ao punho. Ela arreganhou a boca o máximo que conseguiu, ainda olhando nos olhos de Alvina, fechou os dentes devagar, gentilmente, nas juntas dos dedos de Alvina. Alvina não os puxou. Dootsie não mordeu com força. Algo estava acontecendo ali que não entendi, e, de alguma forma, isso tornou tudo mais especial. Olhei para Margie. Ela estava olhando, de boca aberta, a cafeteira na sua mão equilibrando em cima de uma xícara. Quando me virei de volta, Dootsie estava soltando a mordida e Alvina repousou sua mão esticada sobre a mesa.

A voz de Margie quebrou o encanto: “Alvina. De volta ao trabalho”.

Alvina pegou a vassoura e se dirigiu para a cozinha na parte de trás.

31 de maio

Quando tentei limpar minha mente hoje, uma pitada de mim não evaporou. Eram aqueles olhos de pedras azuis atrás dos óculos escuros e a semente de limão pulando na minha camisa. Por hoje, pelo menos, acho que fui reprovada em Elementos da Nulidade.

4 de junho

EXCURSÃO:

SALTO DA DONZELA

Ela ficava lá em pé, a garota de Lenape.

Ela tinha apenas treze ou quatorze,
dizia a lenda.

Aqui nesta falésia alta com vista para as ruínas despedaçadas
da velha usina,

famosa na Revolução por fazer o melhor
canhão do exército de George Washington.

É claro que ela não era uma siderúrgica na época,
apenas floresta,
talvez pedras.

Ela ficou lá em pé e então pulou...

bem, talvez saltou, já que isso é um poema e um
salto soa mais poético
do que um pulo.

De qualquer modo, ela desceu para sua morte,
a garota de Lenape de 13 ou 14 anos,
porque seu pai não deixou que casasse
com o garoto que amava.

Parada aqui, me pergunto coisas.

Me perguntei se ela começou lá atrás e
veio correndo, e praticamente voou
da beira.

Ou se ela veio devagar, como uma corrente de água
através de uma mesa que parece fazer uma pausa
na borda, adensando-se
antes de derramar?

E se ela parou lá e esperou, por quê?

Pelo que estava esperando?

Estava dando ao tempo uma última chance
de salvá-la? À felicidade uma última chance
de acontecer?

Rá! É mais fácil reorganizar as estrelas do que
a mente de um pai.

Ela olhou para baixo?

Olhou além?

O que ela viu?

Viu o rosto dele? Do garoto?

Ela o viu acenar para ela, chamá-la
ao longe? Viu os dois,
ele e ela, fugindo, rindo pelas pradarias
de chicória e cenoura selvagem, flores que conheciam
por outros nomes?
E o nome dele, ela o pronunciou?
Ela o gritou do topo do escarpado
para toda a terra lá embaixo?
Ou o sussurrou, para que apenas os ouvidos dele
escutassem?
Uma coisa é certa, e está clara agora:
ela não estava olhando para baixo.
Disso eu sei.

5 de junho

O ensino domiciliar está encerrado!

Ao meio-dia comemorei me juntando a você para tomar smoothies no shopping. Banana com morango, é claro. Seu favorito. Nós nos sentamos na última mesa, conversamos e bebemos. contei a você as últimas novidades sobre Dootsie. Você me atualizou sobre seu amigo Kevin, minha amiga Dori Dilson e nosso amigo Archie. Você me disse que está ansioso para as férias de verão. Me disse que se candidatou a faculdades na Pensilvânia, já que sabe agora que é onde estou. Disse que pensa em mim todo dia. Disse que às vezes vai ao lugar encantado no deserto, tira os sapatos e senta lá como fizemos da primeira vez. Só que não medita. Você não está nem um pouco interessado em apagar a si mesmo ou a mim. Oh não. Exatamente o contrário. Você fecha os olhos e se lembra. Se concentra e se lembra com mais afinho do que jamais se lembrou em sua vida, e logo tem certeza de que pode me sentir lá, sentada de pernas cruzadas na sua frente, sorrindo para você, o Canela no espaço entre nós. Você me sente. Você nos faz reviver. Você está tão feliz. E então tão triste quando abre os olhos e percebe que não estou realmente lá. É nesse momento que mais sente minha falta. Desesperadamente.

Diga-me que não imaginei isso, Leo. Diga-me que mesmo nossos corpos estando em estados diferentes, nossos eus estrela compartilharam um lugar encantado. Diga-me que em torno do meio-dia de hoje (fuso horário do leste), você teve a sensação mais estranha: um pequeno calafrio em seu ombro... uma palpitação no coração... um vestígio de morango e banana cruzando sua língua...

Diga-me que sussurrou meu nome.

12 de junho

O sonho de ontem à noite...

Entrega de leite. Garrafas tilintavam nas prateleiras. Luzes de faróis dançavam na escuridão. Lá... tem alguém em um contêiner de lixo... de cabeça baixa, remexendo... a pessoa olha para cima, os olhos brilhando como uma raposa surpresa... mas não é esse menino Perry... é você.

15 de junho

Continuo pensando em Charlie no cemitério. Sentando lá dia após dia. Falando com a Grace. Relembrando. Cochilando. Acho que ele deve odiar a certeza absoluta: saber que cada vez que acorda de um cochilo, ela estará lá. Cada vez que chega de manhã com sua cadeira de alumínio, ela estará lá. Ela nunca mais estará no porão procurando pelos pêssegos encantados. Nunca mais no quintal conversando com a senhora Isso e Aquilo, a vizinha. Nunca mais estará em lugar algum além dali.

Isso te faz pensar, Leo? Algum dia num futuro distante, quando a Via Láctea tiver virado outro clique cósmico, alguém carregará uma cadeira para seu túmulo e te fará companhia para sempre? Consegue imaginar alguém te amando tanto assim? Eu consigo?

E estou pensando que talvez eu tenha feito a coisa do donut toda errada. Como é que ele ia saber o que tinha na sacola? Ou que os donuts eram para ele? Provavelmente pensou que era apenas lixo e, em nome de Grace, o chutou para longe.

Então, dessa vez, farei diferente. Peguei uma pequena cesta de vime branco. Coloquei três donuts. Cobri os donuts com filme plástico, para que pudesse ver o que tem lá. Vou fugir amanhã de manhã cedo, à la Dootsie, enquanto ainda estiver escuro, e deixar o cesto perto da lápide.

16 de junho

Ele a pegou!

Pedalei até o cemitério essa tarde. Estava nervosa. Pedalei por perto, atrás dele. Mantive distância. A princípio, não a vi. Então mudei o ângulo, e lá estava ela, a cesta branca, repousando na grama ao lado de seu pé. Estava cochilando, com seu queixo no peito. Fiquei tão feliz que dei um gritinho “Iupi!!” enquanto pedalava embora.

18 de junho

Esse é o novo anúncio que coloquei na Folha de Lenape hoje. Não sei se ele lê o jornal. Decidi que seria mais seguro não usar nomes:

Todo dia ele a visita,
fala com ela,
dorme com ela.

21 de junho

Solstício de verão.

Quando você acordou essa manhã, querido Leo, o sol estava diretamente acima do Trópico de Câncer. Você nunca mais o encontrará tão ao norte. Esse é o dia mais longo do ano. De agora até o solstício de inverno, em 21 de dezembro, cada dia será poucos minutos mais curto do que o dia anterior. Hoje é o começo oficial do verão.

Em outras palavras, é um feriado. Não um feriado para as pessoas, mas um feriado natural. E quem quer celebrar um feriado sozinho? E já que você não está aqui, pensei: OK, Dootsie.

Quando contei a ela sobre isso na semana passada, a primeira coisa que disse foi: “Vamos nos arrumar!” É incrível como essa criança está sempre um passo à minha frente. Nós fomos para a oficina da minha mãe, e ela mergulhou numa pilha remanescente de seus últimos trabalhos de criação de fantasias, juntou alguns pedaços e voilà: Dootsie parecia ter voado por um arco-íris. Quanto a mim, peguei o vestido de margaridas que usei no Baile do Ocotillo. (Você se lembra dele, não? O baile para o qual não me convidou.)

Decidi fazer isso, obviamente, na Montanha Encantada. Dootsie ficou na minha casa noite passada. Minha mãe contou aos pais dela o que eu tinha em mente. Eles não tiveram problema com Dootsie dormir fora, mas ficaram um pouco preocupados de ela sair enquanto ainda estivesse escuro, mesmo para uma curta distância, mesmo comigo. Então minha mãe ofereceu meu pai.

“Ele dará carona a elas no caminhão de leite”, ela disse a eles.

“Ele não se atrasará para o trabalho?”, eles perguntaram.

“Acontece uma vez ou outra”, disse ela. “Os clientes entendem. Tempo ruim e acasos. Neve. Gelo. Filha maluca.”

“Tudo bem”, eles disseram.

Dootsie estava mole como uma boneca de pano, quando a vesti às 4h30. Como de costume, minha mãe veio à varanda, walkie-talkie no bolso do seu roupão. Ao acender a luz da varanda, percebi que a luz da varanda dos nossos vizinhos do lado, os Cantellos, também estava acesa.

Nós colocamos Dootsie e seu carrinho de madeira – aquele que tinha carregado a rainha Mandona na parada – no caminhão e fomos chacoalhando para a Montanha Encantada. Um minuto inteiro depois, meu pai estacionou o caminhão na ponta mais alta do campo, perto do bangalô de estuque branco, e levou o carrinho e a esteira de praia, enquanto eu carregava a pequena dorminhoca. A terra estava granulosa como sempre, mas mais macia do que durante o inverno. Não usei minha lanterna. A lua crescente e meu pai eram suficientes.

Meu pai desceu o carrinho e ficou ao meu lado olhando o horizonte. Ainda estava muito escuro para dizer onde a Terra terminava e o céu começava. Pegou minha mão e virou-se para nós. Tocou o rosto de Dootsie. Puxou-nos para seus braços e nos segurou, Dootsie respirando tão profundamente entre nós que parecia que ela mesma estava gerando a noite. Senti seus lábios no meu cabelo. Ele me deu um apertão final no braço e se afastou na direção dos dois pontos vermelhos que marcavam o caminhão à distância.

Sentei-me no escuro e embalei Dootsie como um bebê, balançando-a gentilmente, murmurando uma canção de ninar acompanhada pelo ruído suave de nossos vestidos se esfregando um no outro. Quando a noite começou a ceder no leste, eu a acordei. “Acorde. O sol brilhante está vindo. Temos que nos preparar.” Coloquei-a em pé e a forcei a caminhar pelo campo até estar totalmente acordada.

“E onde ele está?”, disse ela.

“Está vindo”, afirmei. O céu no leste estava cinza agora, o pequeno bangalô de estuque entrando no nosso campo de visão. Apontei. “Viu só? Continue olhando.” Posicionei o carrinho atrás dela. “Viu?” Sussurrei em seu ouvido. “Está ficando cada vez mais claro. As cores mudam... olha só... olha só...”

Não falei mais nada. Nós observamos o céu mudar de cinza perolado para azul-claro... E lá... muito além, a 145 quilômetros de distância, um misto de luz mais iluminada, um puff... lá... agora! E, de repente, eu estava em pé e correndo, enquanto percebia ter parado na ponta errada do carrinho, e estava perdendo algo talvez ainda maior do que o próprio sol. Corri diretamente para o sol. Não me preocupei com Dootsie, porque sabia que ela jamais notaria que eu tinha deixado o carrinho. Quando me virei, olhei de volta e vi... e isso é o mais próximo que consigo descrever em palavras. Então vou optar por dizer isso: Vi uma garotinha em um carrinho de madeira, seu vestido derramando cores sobre suas laterais, olhando para o nascer do sol como se ele fosse os primórdios da criação. Enquanto andava na direção dela, não tive pressa de me virar e ver o nascer do sol eu mesma, porque já estava olhando para tudo que precisava ser visto. Ela não se moveu em nenhum momento enquanto eu chegava cada vez mais perto, até que pude ver o brilho crescente do nascer do sol duplicado nos olhos dela.

Voltei ao meu lugar no carrinho atrás dela. Metade nascido, o sol perdeu sua borda e seu laranja e inundou o leste com um amarelo cegante. Peguei-a e a coloquei sobre meus ombros, o lugar adequado para dar as boas-vindas ao nascer do sol. Olhei para a ponta do campo, o caminhão de leite tinha partido. Caminhei em volta de Dootsie. Nenhuma das duas queria se levantar. Somente o sol avançando pelo horizonte indicava que o tempo estava passando. Enquanto caminhávamos sem direção, ela disse meu nome três vezes.

“Estrela?”

“Sim?”

“Isso foi melhor que TV.”

“Foi sim.”

“Estrela?”

“Sim?”

“O sol faz isso todo dia?”

“Sim.”

“Estrela?”

“Sim?”

“Todo dia é um dia de sol.”

Toda arrumada para o solstício de verão, parecia um desperdício simplesmente caminhar direto para casa. Então falei no walkie-talkie com minha mãe e disse a ela que pegaríamos o caminho mais longo. De início, as ruas estavam vazias, exceto pelos motoristas entregando

cópias da Folha de Lenape. Os jornais dobrados pareciam saltar por conta própria das janelas dos carros. No momento em que o sol se acomodou no topo das chaminés, ônibus escolares passavam roncando e mulheres em roupões e chinelos se esgueiravam para pegar seus jornais. Nós acenamos para todos que vimos e me perguntei o que eles estariam pensando: uma menina grande puxando uma menininha em um carrinho, as duas enfeitadas como se estivessem indo para um baile de formatura ou casamento. Gosto de pensar que demos a eles um começo feliz para o dia mais longo.

28 de junho

Foi mais uma lavagem de mente do que uma limpeza de mente na Montanha Encantada essa manhã. Não conseguia parar de lembrar, e até de sentir, a magia da semana passada nos olhos de Dootsie. Senti o maravilhamento ainda habitando a colina, faminto por mais olhos.

29 de junho

Recebi uma carta de Archie hoje. Sinto muita saudade dele. Algumas das minhas memórias mais felizes são me sentar com Archie em sua varanda nos fundos, balançar na cadeira, olhar para o Maricopas roxo através da fumaça de seu cachimbo (você não ama aquele cheiro de cereja?), falar de você até cansar. Ele gostava de você – eu não o deixava não gostar – mas mesmo então, podia dizer que tinha suas dúvidas quanto à minha escolha de namorado. Lembra-se do quanto fiquei acabada quando ninguém apareceu para me felicitar depois que venci o concurso de oratória? Bem, aquilo nem chegou aos pés do quão mal me senti quando vi a reação dele à minha troca de Estrela para a Susan convencional. O brilho nos olhos dele quando contei – talvez esse seja o ponto mais baixo da minha vida. Espero nunca machucar ninguém daquele jeito de novo. Ainda assim, ele queria culpar você. Acreditava que você havia me pressionado a me trair. Tentei dizer que não, que a escolha tinha sido minha. Eu era uma garota crescida e sabia o que estava fazendo; não era nenhum crime ser popular. Ele fingiu entender e aceitar, porque me amava muito, mas nunca me chamou de Susan, e nunca o vi tão feliz quanto no dia em que lhe disse que havia decidido me tornar Estrela novamente.

Quanto a você, acho que ele se sentia em conflito. Queria gostar de você. Ele gosta de você. Você ganha pontos automaticamente por ser o garoto no meu coração. E ele sabe que a melhor parte de você não desistiu sem uma luta. Por outro lado, acho que ele ainda o culpa secretamente por minha autotraição. Não acha que você está, citando as palavras dele, pronto para mim. Diz na carta que deliberadamente despistou você ao dizer que havíamos nos mudado para Minnesota, não Pensilvânia. Tive que rir com isso.

Ele me diz que você ainda vai às reuniões da Ordem Leal do Osso de Pedra. Me diz que mostrou a você minha “oficina” no depósito de ferramentas dele. (Esperava que ele fizesse isso.) Diz que você ficou apropriadamente impressionado e que pareceu sentir-se verdadeiramente tocado. Diz que pode haver esperanças para você, no fim das contas.

4 de julho

Os Caraways e os Pringles passaram o Dia da Independência juntos. As duas famílias são amigas agora, graças às suas filhas. Nós fomos à parada. Amo as bandas marchando mais do que tudo. Dootsie e eu tampamos nossos ouvidos e gritamos quando os caminhões de bombeiros passaram com suas sirenes. Estava bastante quente. Não havia sombra. O senhor Pringle tinha um borrifador de plástico. Ele ficava borrifando seu rosto. Dootsie nem sequer notou o calor, mas ela continuou apertando a garrafa, de qualquer modo, até ter usado toda a água antes da parada chegar na metade. O senhor Pringle não ficou feliz.

Nós fizemos frango, cachorros-quentes e hambúrgueres vegetarianos na churrasqueira no pátio dos Pringles, e comemos no recanto do ar-condicionado. Não me pergunte como fizemos, mas o senhor Pringle chegou a tostar algumas batatas esmagadas em minha homenagem.

De noite, assistimos aos fogos no campo de beisebol da Liga Americana. Dootsie e eu nos sentamos no estilo escorrega em um lençol enquanto assistíamos às cores explodirem e respingarem pelo céu. Milhares de rostos virados para cima iluminados na noite, pessoas em lençóis e cadeiras dobráveis, arfando juntas diante das explosões peroladas, todos completamente em silêncio entre os tiros de canhão dos fogos que explodiam mais ao alto. Parecia que a cidade inteira estava lá, exceto Betty Lou. Me perguntei se ela conseguiria vê-los de uma janela. Perguntei-me sobre o homem perdido com o gorro de lã verde-musgo. E sobre o Charlie da Grace. E Alvina. E Perry. Todos estariam olhando para cima, encantados como o restante de nós?

5 de julho

Quando fui à Montanha Encantada esta manhã, levei mais do que a lanterna habitual, o walkie-talkie e a esteira de praia.

Também levei:

15 metros de corda

1 estaca de croqué

1 martelo pesado

1 espátula

Fiz o seguinte: Bati a estaca no meio do campo. Prendi uma ponta da corda em torno da estaca e caminhei levando a outra ponta em direção ao horizonte, a leste, e esperei pelo sol. Assim que ele apareceu, usei a corda para fazer uma linha reta entre a estaca e o sol. Então, no final da corda, firmei a espátula no solo.

Já descobriu o que é? Estou fazendo um calendário. Uma espécie de Stonehenge. É o modo como nossos ancestrais marcavam a passagem do tempo. Toda quinta-feira colocarei outra espátula. (Comprei um monte delas em uma loja de 1,99. Elas se parecem com pequenas pás brancas de borracha.) Daqui a vinte e quatro quintas-feiras, no dia 20 de dezembro, colocarei a última. Quando chegar lá, as espátulas formarão um arco, um quarto de círculo. O arco delinearão o caminho do sol nascente enquanto aparece sobre o horizonte um pouco mais tarde a cada semana. Dia 21 de dezembro é quando estou querendo: o solstício de inverno. É o dia mais curto do ano, o dia em que o sol volta de seu caminho ao norte e começa a se mover para o sul. É o começo oficial do inverno, mas de certo modo também é o verdadeiro começo do verão, porque de 21 de dezembro em diante, cada dia será um pouco mais longo do que o anterior.

Mas os povos antigos nunca tinham certeza de que isso aconteceria de um ano para outro. Eles tinham medo de que a luz continuasse a diminuir mais e mais até finalmente desaparecer. É por isso que tinham as celebrações do Solstício, para persuadir o sol a dar a volta e retornar.

Terei uma comemoração de Solstício de Inverno. Convidarei as pessoas. Talvez o suspense tenha ido embora, mas o maravilhamento nos olhos de Dootsie, é isso que quero compartilhar.

6 de julho

Três dias seguidos acima de 32°C, é oficialmente uma onda de calor. E é pior do que o calor do Arizona. Não me espanta que você tenha mudado da Pensilvânia. O calor da Pensilvânia não é só quente, ele é úmido. É como caminhar por aí coberta de mingau de aveia quente. É como sentar em uma chaleira soltando vapor. É... ah, deixa para lá, posso ver que não estou conquistando nenhuma solidariedade da sua parte.

Então eu estava me refrescando na biblioteca hoje, sentada no final de uma mesa, lendo poemas de Mary Oliver, quando vi um pequeno movimento voador no canto do meu olho. E um som discreto: plit. De onde estava sentada dava para olhar para o corredor onde terminava a estante de livros. Aquilo parecia ter vindo de um lugar entre as duas estantes. E aconteceu de novo, cerca de quatro metros e meio de distância, voando de entre as estantes – parecia ser uma semente – plect contra a janela da biblioteca. Não precisei pensar duas vezes. *Aquele garoto*, pensei. *Perry*.

Quando veio o terceiro plect um minuto depois, decidi que bastava. Desci meu livro numa batida e marchei até o corredor. Lá estava ele, sentado de pernas cruzadas no chão entre as estantes, bloqueando o caminho, lendo um livro, chupando um limão. Fiquei lá parada, encarando ele. De início, pensei que ele estava simplesmente me ignorando. Conforme os segundos se passaram, tive menos certeza. Parecia totalmente imerso no livro. Uma casca chupada de metade de um limão repousava no chão. A outra metade estava se movendo em sua boca.

Sinceramente, fiquei surpresa de ele não estar lendo quadrinhos. Era um livro de verdade. É claro, não era nenhum livrão, mas fino. Não consegui ver o título. Isso me frustrou, porque sempre que vejo alguém lendo um livro, tenho que ler o título. Às vezes, quando isso acontece em um trem ou em uma sala de espera, posso ser muito cara de pau enquanto tento encontrar uma posição para ver a capa. Mas uma coisa de cada vez. “Sei que você sabe que estou aqui parada”, disse eu.

Ele levantou a cabeça, com seus olhos arregalados, uma imitação perfeita de uma pessoa surpresa. “Você ganhou o Oscar”, disse eu.

“Hein?”, disse ele, ainda se fazendo de surpreso. “Deixa pra lá. Você está cuspidando sementes novamente. Uma coisa é fazer isso lá fora. Isso...”

Ele cuspiu mais uma: plect.

“...é uma biblioteca.” Chutei o pé dele.

Ele me chutou de volta. Fiquei chocada. Machucou. Arranquei o livro da mão dele. O nome era Ondine. Uma peça de um autor francês.

Ele o pegou de volta. Tentei dar a ele meu olhar mais perverso, o que me fez parecer meio idiota, já que não tenho muita prática nesse tipo de coisa. E minha encarada foi desperdiçada de qualquer maneira, já que seu nariz voltou ao livro e ele continuou sua representação de Leitor Que Não Sabe Que Há Uma Pessoa Parada na Frente Dele.

Ocorreu-me que a única coisa que me restava fazer era ir embora. Então foi o que fiz. E voltei imediatamente, apontei para ele e disse: “E fique longe da Dootsie”.

Ele não chegou a olhar para cima.

7 de julho

Tenho que admitir, Ondine era a última coisa que eu esperava ver aquele garoto lendo. É uma peça sobre uma menina que não é apenas uma menina, ela é algo próximo a uma sereia. Podemos chamá-la de mágica ou fantástica, mas acho que, acima de tudo, ela é simplesmente humana.

Ela vê através dos olhos de uma criança. Ela é feliz e está sempre cantando. Mora com um casal de velhinhos na floresta perto do lago, e quando um cavaleiro chamado Hans aparece, ela pensa que ele é a criatura mais bonita que já viu. O que ela mais quer é ser esposa dele e viver feliz para sempre. Mas não é tão simples assim. Ela foi pescada para um mundo que não entende as sereias. No final, as pessoas a rejeitam e a banem para as águas de onde veio. Seu amado Hans morre na praia. Piedosamente, a memória que ela tem dele é apagada, e mais tarde, quando o vê da água, ela é mais uma vez arrebatada por sua beleza e grita: “Como eu o teria amado!”.

Por que ele estava lendo isso? Por que aquele livro entre todos os outros? Como poderia ler um livro que, agora que também o li, se tornou o meu favorito de todos os tempos?

9 de julho

Acordei com um telefonema frenético de Dootsie: “Depressa! Tem um chinelo vermelho na janela da Betty Lou!”.

Dez minutos depois, estávamos na sala de estar dela. A primeira coisa foi tirar a meia-chinelo vermelha da janela da frente.

“Desculpem”, disse ela, arriada no sofá. “Eu não queria incomodar vocês. Às vezes isso acaba acontecendo comigo.”

“Ei”, disse eu, “É para isso que servem os bons amigos, para os dias ruins.”

Betty Lou estava proibida de trabalhar, mas ela podia dar orientações, e foi assim que Dootsie e eu, mestres-cucas dos doces, conseguimos fazer uma fornada de cookies com gotas de chocolate. Nós demos comida a ela, escovamos seu cabelo, massageamos seus pés, lemos para ela, cantamos para ela, dançamos para ela, e na hora do jantar, ela estava dançando conosco.

11 de julho

Cheguei a te contar? Sou uma menina com emprego. Chamo a mim mesma de Arrumadora de Jardins. Coloquei uma placa na janela da Margie e um anúncio nos classificados do Lenape. O senhor Pringle fez alguns cartões de visita para mim no computador dele. Meu logotipo é uma minhoca com um boné de baseball e um grande sorriso. Não sou uma especialista em flores, então não faço nada extravagante. Apenas coisas simples: tirar ervas daninhas, regar, remover as partes murchas. E sou barata. Essa é provavelmente a principal razão de conseguir os trabalhos. Isso e meu superdescolado carrinho de mão. Comprei-o na loja de materiais. Pinteí minha minhoca de um lado e um girassol do outro.

Hoje, estava na casa de uma família chamada Klecko. O senhor Klecko havia me chamado semana passada. A casa era bonita, de pedras cinza com uma varanda que dava a volta nela inteira e toldos amarelos, em uma rua sombreada por pés de sicômoro.

Fui direto para os fundos, que é parte pátio de tijolos e parte grama, e o jardim mais bonito em que já trabalhei. Só as flores já seriam o suficiente, mas havia mais: gramas elegantes mais altas do que eu, pequenas esculturas de pedra (uma criança lendo, um anjo de jardim), uma bétula branca e um par de azevinhos, um caminho de pedra cortando ele inteiro. Como já disse a você, lugares encantados não podem ser criados, só podem ser descobertos, mas o jardim dos Kleckos chegou bem perto.

A primeira coisa que fiz foi pegar os brinquedos de plástico e colocá-los na grama. Obviamente, uma criança pequena vivia ali – um garoto, a julgar pelo tanque de exército e pela pistola de água. Depois, comecei a podar as partes murchas. (Parece horrível, mas só significa arrancar as flores mortas, para que a planta possa direcionar toda sua energia à parte viva.) Estava arrancando margaridas roxas quando ouvi um grito agonizante vindo da casa. Depois, um segundo grito. Depois uma voz: “Eu vou matar você!”. E outra voz: “Vou contar pra mamãe!”.

Eu estava debatendo se entrava na casa ou não e pensando que aquela primeira voz soava familiar, quando um garotinho de cabelo castanho vestindo apenas uma cueca do Batman disparou pela porta dos fundos gritando e veio em linha reta até mim. Ele foi seguido um segundo depois por ninguém menos que... Alvina! O garoto se esborrachou em mim e se pendurou em mim, me abraçando, seu ouvido colado na minha bunda, seus braços em torno dos meus quadris. Alvina parou no meio do caminho ao me reconhecer.

“O que está fazendo aqui?”, ela resmungou.

“Estou cuidando do jardim”, disse eu. “Você mora aqui?” Percebi que nunca soube o sobrenome dela.

“Não”, ela zombou. “Eu sou a Cachinhos Dourados. Só me enfiei na cama do bebê urso.”

Ela foi na direção do garoto. Vi que a mão dela estava sangrando. Ele afundou os dedos no meu pulso. Ela o chutou. Ele berrou e chutou de volta. Ela berrou.

“Pare!”, gritei, surpreendendo a mim mesma. Aquela era uma vizinhança silenciosa.

Eu afastei o garoto e o obriguei a me olhar. Gritei para Alvina: “Se afaste”. Ela me encarou com raiva, mas recuou.

“Ele é seu irmão?”

“Ele é a pedra no meu sapato”, disse ela.

“Ela é a pedra no meu sapato!”, o garoto devolveu.

“Chega!”, disse eu. “Qual o seu nome?”

Ele respondeu como se cuspiasse nela: “Thomas!”.

Para Alvina: “Cadê sua mãe?”.

“No dentista.”

“Então você devia estar tomando conta dele?”

“Tomando conta disso”, ela zombou.

A respiração de Alvina vinha em bufadas sibiladas. Ela exibia os dentes como um cachorro rosnando. Essa era uma Alvina clássica. O que me surpreendeu foi seu irmãozinho. Claro, ele estava encolhido, mas só porque não era uma luta justa. Ele estava tão sem medo dela quanto Dootsie na loja de Margie. Pensei: *Alvina, quando ele crescer, você estará em apuros.*

“Seu irmão é uma pessoa”, disse eu, “Não uma coisa.”

“Essa coisa estará morta assim que você sair daqui”, disse ela.

“Então não irei embora até sua mãe voltar.”

Thomas comemorou: “Yeah!”. Ele deu um passo adiante e esticou uma perna nua na direção dela. Ela veio para cima dele. Enfiei meu dedo na cara dela. Tentei parecer rigorosa. “Fica aí!”

Ele riu. “Isso mesmo! Fica aí, cachorrinho!”

Antes que me desse conta do que estava acontecendo, ele se virou, se inclinou, arriou sua pequena cueca do Batman preto e amarelo e mostrou o traseiro para a irmã. Aquilo, claramente, não era nada novo para Alvina.

Ela não demonstrou nem surpresa nem desagrado. Simplesmente recuou e cuspiu na bunda dele. Ele gritou violentamente, puxou sua cueca do Batman e esfregou seu traseiro.

Alvina pareceu perceber a vantagem. Mais uma vez, ela avançou.

Estiquei minha mão como um guarda de trânsito. “Alvina, nem mais um passo.”

Ela parou, me deu um sorriso de deboche. “Ah é? E o que você vai fazer? *Me bater?*”

O que eu ia fazer? Não tinha a menor ideia. Fazer cócegas nela? Nós olhamos firme um nos olhos da outra pelo maior tempo possível. Finalmente ela piscou. O rosto dela mudou. Ela esticou a mão para mim. “Olha o que ele fez!”

O dedo mindinho dela estava sangrando, aquele com a unha elegante, só que agora ela era um toco nada elegante.

“O que aconteceu?”, disse eu.

“Ele a cortou”, disse ela, choramingando agora, me contando a terrível história por completo. Ele tinha pegado o cortador de unhas de seu pai. Assim que sua mãe saiu, começou a cortar a si mesmo: unhas da mão, unhas do pé, sobrancelhas, cílios. Como estava fazendo isso na mesa do café da manhã, Alvina levou seu cereal para a oficina no porão. Que é onde ela estava, algum tempo depois, aninhada nos braços da superultrapoltrona de descanso de seu pai, assistindo TV, exceto pelo fato de não estar exatamente assistindo, porque a poltrona tem, por alguma razão, o mais estranho efeito sobre ela – sempre que ela sobe na poltrona, ela quer

tirar um cochilo. E era isso que estava fazendo, não realmente dormindo, mas só tirando um cochilo na cadeira, meio que ouvindo os sons da TV, quando, de repente, ela ouviu um barulhinho rápido e sentiu um leve puxão em seu mindinho. Ela abriu os olhos e lá estava Thomas com um sorriso largo no rosto, segurando centímetros de unha cintilante e rosa que tinha acabado de cortar fora. O que já era ruim o suficiente, mas não era tudo. Ela ficou tão chocada com a visão de sua unha mutilada que esticou a mão e derrubou no chão o troféu de boliche de seu pai que ficava na mesa lateral, e ele se quebrou ao meio. O que já era ruim o suficiente, exceto por sua mão ter acertado a ponta afiada da base do troféu e ter voltado com um corte sangrento e desagradável. Que foi quando a gritaria começou.

Eu descobri a maior parte da história enquanto a arrastava para dentro de casa, perguntando onde ficava o banheiro, onde ficava o armário de remédios, e Batman tamborilava atrás da gente – “Ela vai sangrar até morrer?” – colocando a mão dela debaixo da água corrente, esfregando um antisséptico. Sentei na borda da banheira. O corte era tão grande que tive que encostar dois Band-Aids. “Mostre isso para sua mãe”, falei. “Talvez ela queria levar você para tomar uma antitetânica.”

Ela não me respondeu. Eu não vinha olhando para ela. Agora eu olhava. Seus lábios tremiam. Uma lágrima – uma lágrima real – descia por sua bochecha. Ela estava olhando para sua unha decepada. Me levantei e a abracei. Pensei que ela fosse resistir, mas não foi o caso. Batman ficou pasmo conosco. “Você amava sua unha, não é?”, disse baixinho. Ela assentiu com a cabeça apoiada em mim. Olhei para Thomas. “Batman”, falei, “vá vestir uma roupa”. Ele correu.

Quando caminhamos de volta pelo corredor, passamos por algo que eu havia estado ocupada demais para notar: um recorte de papelão do rosto de um pit bull rosnando com o dobro do tamanho real. Ele estava pregado na porta.

“É o seu quarto?”, disse eu.

“Sim”, disse ela.

Meu eu intrometido: “Vai me convidar para entrar?”.

Ela empurrou a porta para abri-la. Entrei. Tive que pisar em torno de um baralho de cartas espalhado, uma pilha de fichas de pôquer e um taco de hóquei no chão. Em um canto: um urso de pelúcia de uma perna só, sua cabeça perdida em um capacete de futebol americano. Presa na parede estava a página da frente de um jornal de humor com a chamada:

ALVINA KLECKO COROADA A NOVA CAMPEÃ DA CATEGORIA PESO PESADO

Pendurado em um dos pés da cama: um par de nunchakus pretos. Nenhum babado. Nenhum rosa. Mas... em uma prateleira acima da cabeceira da cama: uma fileira de bonecas. Elas pareciam ir da mais nova em uma ponta para a mais velha na outra, de bebê a uma modelo glamorosa. Várias Barbies. Conteí – havia onze. Uma para cada aniversário, imaginei.

Continuei olhando as bonecas, tentando conectá-las à garota que conhecia. Esperava que fossem Comandos em Ação, Hulks e Exterminadores do Futuro.

Eu olhei para ela. “*Barbies?*”, perguntei.

“Alguns problemas?”, disse ela, encerrando a discussão. Ela tirou os centímetros de unha rosa cortada de seu bolso. Ela o encostou no final do cotoco remanescente. “Dá pra consertar?”. A voz dela saiu piada.

“Veremos”, disse eu. “Faremos algo a respeito.”

Ela olhou para a unha mais algum tempo. Sua expressão endureceu. Ela jogou o pedaço cortado no chão e pisou em cima.

“Quem se importa? Não dou a mínima.”

Ela tirou outra coisa de seu bolso, um canivete. Ela o abriu e começou a esfregar no cotoco. Pós de purpurina voaram.

“Ei”, agarrei o pulso dela e tirei o canivete, “pare com isso”.

“Não dou a mínima”, ela repetiu. Ela pegou os nunchakus do pé da cama. Ela bateu um no outro, produzindo um estalido. Ela bateu o pé no chão em uma postura de caratê e começou a girar os nunchakus ao redor – “Rai-ia! Rai-ia!” Thomas reapareceu, mas ao ver os nunchakus girando, disparou pelo corredor e desceu a escada. Tive uma forte sensação de que ele já tinha sido alvo de nunchaku mais de uma vez em sua vida.

Enquanto assistia a Alvina girar, arremeter e gritar “Rai-ia!” com seus nunchakus barulhentos, o Ursinho Pooh sorridente pulando em seu cordão justo, senti uma ponta de tristeza por ela. Talvez estivesse pensando nos meus próprios dias ruins na Escola de Ensino Médio de Mica, quando dancei, mas dancei sozinha.

Quando terminou, ela girou os nunchakus sobre a cabeça como uma boleadeira e os arremessou na direção do pé da cama mais distante. Eles o acertaram, se enrolaram em volta dele e caíram até parar. “Impressionante”, falei. “Você pratica isso?”

“Não”, ela mentiu.

Ficou em silêncio. Chutou o taco de hóquei. Tiniu pelo chão e parou quando bateu contra a parede. Ela ficou lá quieta, olhando para ele, parecendo perdida, deslocada entre o passado e o futuro. Eu quis abraçá-la. Queria dizer, *Seja paciente. Você está entre duas Alvinas. A próxima espera por você no final do calendário.*

Eu disse, “Alvina, tem um homem que vejo perto das pilhas de pedra na velha fábrica de cimento. Ele sempre veste um gorro verde e sempre diz...”

“Está me procurando?”

“Exatamente.”

“É o Arnold Maluco.”

“Arnold?”

“Sim.”

“Você o conhece?”

“Todo mundo o conhece. Ele é maluco.” Ela deixou escapar uma rápida gargalhada. Nunca a tinha visto chegar tão perto de rir.

“Que foi?”, perguntei.

Ela deu de ombros, o sorriso indo embora tão rápido quanto tinha aparecido.

“Nada. As crianças andam atrás dele e ele nem percebe. Então, você o cutuca e diz ‘Te peguei!’ e se vira e você grita e corre. Só crianças.” De repente, ela saiu do quarto. “Vou explodir esse monte de lixo.”

Na saída, notei o lado de dentro da porta de seu quarto. Havia uma foto presa a ela, um retrato colorido daqueles que se tiram na escola primária. Era um garoto. Um garoto loiro. Onde o tinha visto... De repente, me lembrei – o Festival de Dogwood! Era uma foto do garoto em que ela tinha batido. *Incrível, pensei, pancadas de amor?*

Como eu queria interrogá-la! Mas segurei minha língua (o que não é fácil para mim, como você bem sabe). Terminei de jardinar, e quando a senhora Klecko chegou, passei a ela uma versão publicável do Grande Desastre da Unha e levei Alvina para o centro até o Salão da Lin, onde ela recebeu uma nova obra de arte rosa e cintilante.

Só quando voltei para minha casa é que me joguei no sofá e finalmente ri até não poder mais me lembrando do pequeno Thomas mostrando a bunda para sua irmã mais velha.

13 de julho

Arnold.

Tenho pensado nele. Imaginei-o como uma criança.

Ou deveria dizer, uma criança mais jovem. O Pequeno Arnold. É isso o que vejo: um garotinho gordinho vestindo um gorro verde-musgo com um cordão de pompom. Verão. Após o jantar. Brincando com as crianças da vizinhança perto da fábrica de cimento e das pilhas de pedras. Brincando de esconde-esconde. Quase todas as vezes que brincavam desse jogo, o Pequeno Arnold era o primeiro a ser pego. Dessa vez, está determinado a que isso não aconteça. Enquanto um garoto cobre os olhos e conta alto até cem, o Pequeno Arnold desaparece. Dessa vez, não vai aos lugares usuais: atrás do monte de pedras, atrás da grande roda de um caminhão de cimento. Dessa vez ele corre, corre, e continua correndo. Desce pelas linhas de trem e passa sobre a ponte do canal, depois desce a ponte do rio até não conseguir nem mais ouvir o garoto contando.

E continua correndo, ao longo da margem do rio, subindo em direção à rua, ao longo da rua – mas não, ele está em campo aberto, eles irão vê-lo, irão pegá-lo – “Te achei, Arnold!” – então, cruzando o campo da fazenda, ele segue e dá a volta nas árvores, correndo, correndo, subindo a colina, descendo a colina, seus passos marcando um ritmo. Não dessa vez, não dessa vez. E finalmente, em algum lugar perto do fim do mundo, ele chega a esse maravilhoso espaço para se esconder – talvez um túnel no meio invisível de um emaranhado de amoreiras, ou um pequeno recanto lenhoso entre duas pilhas altas de dormentes de trilhos – e se aperta e se abaixa, começa a ouvir o silêncio além de sua própria respiração, e espera. E pensa, já que não há muito mais o que possa fazer.

E aí um sorriso nasce em seu pequeno rosto redondo. Talvez até dê uma risada – não se aguenta – enquanto pensa em todos procurando por ele, procurando por ele, olhando uns para os outros e dizendo: “Onde o Arnold foi parar?”, e então – essa é a melhor parte – “Só falta o Arnold” – não, essa é a melhor parte: “O Arnold venceu!”. E espera, pensa, sorri, e às vezes pensa ouvir alguém chamando – “Arnold!... Arnold!” – e às vezes pensa que eles estão quase lá, além das amoreiras, e às vezes até se encolhe porque pode sentir uma mão logo acima do ombro pronta para agarrá-lo como eles sempre fazem quando gritam: “Te Achei, Arnold!”. Mas eles não aparecem... e não aparecem... e os insetos do verão estão zumbindo, e em algum lugar o apito de um trem chama Arnoollld... e quando é que ficou tão escuro? Ele coloca a mão diante de seus olhos. Não consegue encontrar a si mesmo.

Cedo ou tarde vai para casa – talvez naquela noite, talvez no dia seguinte – até pais frenéticos, talvez até à polícia. A vida prossegue. As brincadeiras continuam. Após jantares. Verões. Anos. Exceto aquela noite, aquela brincadeira, aquela que não pode esquecer, aquela que nunca termina.

E penso, Arnold sabe algo que Alvina não sabe, algo que nenhuma dessas criancinhas sabe: *ele gosta quando cutucam ele por trás e dizem: “Te peguei!”.*

18 de julho

Outro dia calorento. Está muito quente aqui! E seco. Tivemos nove dias acima dos 32°C em julho e quase nenhuma chuva. A grama parece palha. Nem mesmo as ervas daninhas estão crescendo. Meu trabalho de arrumadora de jardins está me causando dor.

Hoje, me refresquei no clube de natação. Fui como convidada da Alvina e da mãe dela. Eles têm um plano familiar de associados. Nós três pulamos na piscina e espalhamos água ao redor por um tempo. Depois, a senhora Klecko e eu seguimos para a sombra do pavilhão. Foi lá que olhei para cima e vi alguém escalando a cerca de correntes que bordeava os fundos do clube. Ele estava distante e não dava para ver seu rosto, mas soube no mesmo instante que era um garoto. Perry. Rápido como um macaco, subiu e ultrapassou a cerca, pulando para o chão e se levantando depois de rolar para a frente, saltando dois banhistas e correndo direto para a piscina.

Ele pulou sobre a placa de PROIBIDO CORRER mais ao fundo. Ele não teve de mudar de roupa, pois já estava vestindo nada além de farrapos rasgados na altura dos joelhos. Podem ter se passado dez minutos antes que o visse escalando, e antes de perceber que não havia tirado os olhos da parte mais ao fundo por um segundo.

Agora ele estava subindo a escada para a prancha de mergulho, estava se achando na ponta da prancha, e lá ficou. Perry obviamente estava curtindo a si mesmo. Não de um jeito arrogante ou desdenhoso. Era algo mais próximo a conforto, uma sensação de estar em casa, de que era àquele lugar que realmente pertencia, equilibrado em sua bermuda esfarrapada na borda do espaço, os gritos, multidões se jogando na água lá embaixo, reluzindo no sol, o mundo inteiro abaixo dele – o rei da Pensilvânia.

E então ele pulou.

Quando subiu de novo da piscina, uma mão o alcançou, agarrou seu tornozelo e o puxou de volta. Houve gritos de meninas, risadas, barulho de água sendo espalhada, e a cabeça de uma garota, cabelo vermelho, pipocava perto da dele, e as duas cabeças continuaram aparecendo e desaparecendo na água que brilhava com o sol. Quando eles finalmente emergiram, foi na ponta mais funda. A garota vestia um biquíni. Eles desabaram em uma toalha de praia listrada de cores chamativas. A toalha era grande o suficiente para dois, contanto que deitassem bem perto um do outro.

Eles ficaram deitados por apenas alguns minutos quando de repente outra garota – Alvina – correu na direção deles vinda da piscina infantil e jogou um balde de água na cara de Perry. Ela fugiu gritando, arremessando o balde, enquanto Perry corria atrás dela. Eles pularam na piscina, onde os perdi de vista. Quando emergiu, estava sozinho. Ele não voltou para a garota na toalha. Não sei por quê, mas isso me deixou um pouco mais feliz. Pulou novamente da prancha de mergulho. Foi quando me peguei caminhando entre os banhistas e as crianças guinchando, e entrando lentamente na água. Andei devagar, sem rumo. Senti a pele dos corpos em que esbarrava, golpeei uma bola de vôlei. Nadei embaixo da água, mantendo meus olhos abertos por um vislumbre de um short esfiapado. E, de repente, lá estava ele, sua nuca emergindo na minha frente. “Oi”, disse eu. Ele se virou. Tive a impressão de que não me

reconheceu de início, o cabelo molhado e tudo mais. E então sorriu. E afundou o queixo na água, encheu a boca e cuspiu na minha cara, ainda sorrindo. E depois foi embora. Fiquei lá, parada, piscando protetor solar. Alguns minutos depois o vi escalando a cerca de volta e indo embora.

Mais tarde, no pavilhão, disse para Alvina: “Vi você com aquele garoto. O Perry”.

Ela brincou com seu cordão de Ursinho Pooh. “Sim. Dei o troco por ele ter roubado os donuts da varanda da senhora Maluca.”

“Você o perseguiu por um longo caminho naquele dia.”

Ela estava estudando sua nova unha. “Persegui?”

“Estou surpresa de que tenha pensando que um garoto valia uma perseguição tão longa.”

“Eu socaria a cara dele se o pegasse.”

“Sério?”

“Sim.”

Eu mudei a abordagem. “Então, fiquei com a impressão de que você o conhece. O Perry.”

Ela deu de ombros. “Conheço um monte de gente.”

“De onde você o conhece?”

“Ele aparece de vez em quando.”

“Quer dizer, na Margie?”

“Sim.”

“Provavelmente roubando donuts, hum?”

“Sim.” Ela mordeu uma das suas nove unhas deselegantes. “Ele é um criminoso.”

“Eu não iria tão longe”, falei, querendo defendê-lo por alguma razão.

“Ele está”, disse ela. “Ele esteve na prisão.”

Calma aí!

“Prisão?”, falei. “Sério?”

“Campo de treinamento.”

“Campo de treinamento? Exército? Ele é muito novo.”

“É para crianças. É como o exército, mas não é. É para crianças delinquentes. Ele teve que limpar banheiros com uma escova de dente.”

“Ele foi sentenciado a um campo de treinamento?”

“Sim.”

“Qual o motivo? O que ele fez?”

“Por roubar.”

“Quanto tempo ficou no campo de treinamento?”

Ela deu de ombros. “Não sei. Um ano.”

Pensei nele escalando a cerca. Talvez fizesse esse tipo de coisa no curso de obstáculos do campo de treinamento todo dia.

“Ele tem namorada?” Por que puxei esse assunto?

Sua boca se torceu como se ela tivesse acabado de morder um inseto. “Como vou saber?”

19 de julho

Estou te contando isso, Leo, porque:

1. Você acabará nunca lendo a Maior Carta do Mundo de qualquer forma, então ela não fará nenhuma diferença.

Ou...

2. Você lerá a carta, o que significa que você e eu estaremos juntos, porque não vou enviá-la pelo correio de jeito nenhum – você só poderá recebê-la das minhas amáveis mãos. O que não pode acontecer, a menos que estejamos juntos no mesmo ambiente, e nunca mais estarei no mesmo ambiente que você, a menos que eu saiba que estaremos juntos para sempre.

Se for esse o caso, então, mais uma vez, não fará nenhuma diferença.

Então...

Deixei de prender o marcador dessa semana na Montanha do Calendário (é como a chamo agora). Não, meu despertador não está quebrado. Ele me acordou na hora hoje. Simplesmente não saí da cama. Eu havia sonhado. Sonhei que estava sentada no topo de uma das pilhas de pedra quando Arnold apareceu perambulando. Estava dizendo algo, só que baixo e murmurado, e eu não conseguia entendê-lo. Perguntei: “O que você disse?”. Nenhuma resposta. Ele só continuou andando. “*Por favor!*”, falei. Mas continuou andando, e quanto mais ele se afastava, mais alto eu gritava. “Por favor!” Por fim, veio até o canal e pulou. Corri atrás dele, parei na beira, espiando nas águas escuras. Podia ver uma sombra se movendo, e sabia que não era mais o Arnold, se é que era alguém, ou algo, alguma outra coisa, e quis pular dentro dele, mas estava com medo porque sabia que assim que entrasse na água, eu me afogaria e me tornaria uma sombra se movendo.

Foi quando o alarme tocou. Acordei rígida e suando. Senti-me aliviada e não aliviada, porque sabia que a sombra escura se movendo era Perry, e Perry era a Ondine e a Ondine era Perry, e para prolongar um momento de sonho que foi tão delicioso quanto terrível, mastiguei o tempo como um chumaço de chiclete e o estiquei pela escuridão até o amanhecer, quando a luz na ponta da minha janela me disse que era tarde demais para dar as boas-vindas ao nascer do sol.

23 de julho

Sem água de sonhos hoje, mas água real, do céu: chuva! Quebrando a onda de calor. A grama deu uma salva de palmas. As flores comemoraram.

Estávamos comendo barras de cereais de flocos de arroz na cozinha de Betty Lou – o Canela lambendo um marshmallow do seu próprio pedaço – quando Dootsie apontou e disse: “Noite!”.

Nós nos viramos para a janela. O céu estava quase preto. Estrondos estourando distantes. Relâmpagos reluziram prateados na cozinha. (Eu tive um pensamento idiota: Deus tinha acabado de tirar uma foto nossa?) Um trovão nos golpeou. O Canela voou para o meu colo. Dootsie correu para a porta dos fundos. Eu a peguei antes que saísse.

A violência passou em vinte minutos, mas a chuva continuou murmurando. Dootsie e eu tiramos nossos sapatos e dançamos no quintal. Nós tentamos fazer o Canela dançar conosco, mas ele não é fã de água. Fugiu para baixo de uma folha de hortênsia e nos observou de lá. Betty Lou nos assistiu da porta telada. Dootsie e eu estávamos de mãos dadas, girando até ficarmos tontas no fim do quintal quando Betty Lou gritou: “Tenham cuidado! Minha dama-da-noite!” Parei e olhei. A planta mais próxima crescia de um largo pote de argila com cor de tijolo: uma videira espinhosa, cinza e lenhosa se espiralando como a ponta de um cabo de vassoura.

Ela batia no meu ombro. Me lembrei que o tinha visto pela primeira vez de dentro da casa, pela janela da sala de estar. “Essa aqui?”, disse eu.

“Sim. É meu xodó. Não a derrubem.” Quando voltamos para dentro, ela nos fez tirar nossas roupas molhadas e vestir roupões. Por ficar dentro de casa 24 horas por dia, 7 dias por semana, Betty Lou tinha um monte de roupões no armário. Parecia que Dootsie tinha sido engolida por algum carnívoro peludo azul, exceto pela cabeça.

Betty Lou nos contou sobre a planta envasada: “Ela só floresce à noite. E só uma noite por ano. E é tudo. Então, ela se vai por mais um ano. Na verdade, a minha nem floresce todos os anos. Faz dois anos que ela não floresce. Ela é um cacto, veja só. Pertence ao deserto, não à Pensilvânia. Ela sente falta de sua casa. Vem para dentro de casa no inverno. Meu vizinho, o senhor Levanthal, a arrasta e a traz pra dentro para mim”.

Ela olhou longamente para fora, pela janela. “Minha dama-da-noite.” Ela suspirou. “Um aroma tão maravilhoso. Como o de baunilha. É quase intoxicante. Você precisa se segurar em algo para não desmaiar com a fragrância.”

“O que tudo isso significa?”, disse Dootsie.

“Significa que ela cheira bem, querida”, disse Betty Lou. Ela olhou para mim com tristeza. “Ela costumava ser o centro doce da minha vida. Agora é agri-doce.”

Eu podia imaginar o motivo, mas perguntei mesmo assim. “Como assim?” Outro suspiro. “Eu costumava ser capaz de dizer quando ela iria florescer. Podia observar o botão de perto todos os dias.” Ela deu um risinho. “Eu me sentia como a mãe dela. Quando sabia que a flor estava vindo – é hoje à noite! – eu chamava os vizinhos e todos nós nos reuníamos no quintal ao pôr do sol com champanhe e esperávamos e observávamos ao longo da noite enquanto as

pétalas se desdobravam e a fragrância preenchia o ar. Nós simplesmente ficávamos lá em silêncio como se fosse uma igreja, absorvendo e marcando aquela visão rara e fugaz em nossas memórias. Às vezes conseguíamos até ouvir as mariposas voando ao nosso redor.”

“Mariposas?”, disse eu.

“Sim. Muitas delas. Damas-da-noite são polinizadas por mariposas. Acredito que elas, assim como os humanos, também são atraídas pelo perfume. Ou talvez sejam as pétalas brancas da flor.”

“Somente uma noite”, disse eu.

Ela assentiu. “Somente uma noite. Muito antes do sol nascer as pétalas já estão caindo, a flor, morrendo.” Nós ficamos em silêncio por um tempo. O único som era o clique clique das unhas das patas traseiras do Canela na mesa enquanto Dootsie o segurava por suas mãos diminutas, tentando ensiná-lo como dançar.

“Irônico”, disse Betty Lou, finalmente. “O cereus insiste na luz do sol, é por isso que ele precisa ficar no final do quintal. E ainda assim salva sua flor para a lua. O sol nunca vê o que ele gera.”

“Ele pega do dia”, disse eu, “e oferece à noite.”

Ela bateu na minha mão. “Muito bom. Você devia ser escritora.” Ela foi para a porta de tela. A chuva tinha parado.

“O sol está tentando sair”, disse ela, e respirou fundo.

“Ah... não sou tão louca a ponto de não poder apreciar uma lufada de ar fresco. Venha cá, Estrela.” Fui até ela. “Olhe para esse jardim, que enfadonho está. Costumava existir uma velha senhora em um comercial de hambúrguer que reclamava: ‘Onde está o bife?’. Bem, digo, ‘Onde estão as flores?’” Ela sacudiu a cabeça, com tristeza.

“Oh, meninas”, ela se virou e assentiu para o Canela, “perdoem-me, oh, meninas e menino, se vocês pudessem ter visto meu jardim antes de eu entrar para ficar! Ele era um exemplo, se posso dizer isso por mim mesma. Eu costumava flagrar as pessoas em pé na cerca dos fundos, olhando pra dentro. Mas o que é um jardim”, ela virou o rosto e fechou a porta, “sem um jardineiro?”

25 de julho

Vi Arnold na minha frente na calçada hoje. Dois garotinhos estavam se escondendo atrás dele. Um deles estendeu a mão e puxou a bainha de sua jaqueta, e os dois gritaram, “Te peguei!” e correram. Tive a sensação de estar assistindo a uma peça no palco, que poderia voltar ali dia após dia e ver a mesma coisa. Enquanto os garotos corriam na minha direção, seus olhos se esbugalharam de pavor – eles me viam como uma adulta que ia dar uma bronca neles. Pouco antes de chegarem a mim, eles desviaram para o outro lado da rua, rindo e apontando um para o outro: “Foi ele! Foi ele!”

Queria gritar para eles: “Está tudo bem. Vocês estão sendo apenas crianças! Ele está sendo apenas o Arnold! Tudo faz parte da peça!”.

27 de julho

Tem uma faixa cruzando a rua da Ponte. Vermelho sangue com letras pretas tremidas:

O BLOB ESTA CHEGANDO!

O *Blob* é um filme de ficção científica da década de 1950. Dizem que é um clássico cult. Parte dele foi filmada aqui no Cinema Colonial. Então, agora, todo ano eles têm o Blobfest. Nenhuma rainha ou bandas de cordas para esse festival. Durante o dia, existe um tipo de quarteirão de festa no centro da cidade – a Cometa Azul grelha Blobburguers na calçada – mas, na maior parte, é um evento noturno. Os moradores da cidade vão ao Colonial e veem o filme original. Não há doces ou pipoca para vender na recepção. Em vez disso, Margie arma uma loja e oferece Blobbogobs, que são torrões de massa frita que ela faz em um vermelho assustador com corante de comida. O cinema fica tão cheio que as pessoas se sentam nos corredores, o que deixa o bombeiro-chefe nervoso, então as portas são mantidas abertas e caminhões de bombeiro estacionam em frente à marquise.

Então, eles exibem o filme. O Blob é esse alien, uma gosma vermelha escura que pousa na terra e aterroriza uma pequena cidade. Ele me parece – lembre-se, ainda não assisti – algo como o Estômago que Veio do Espaço. Ele só desliza seu visco de um lugar para outro e encobre as pessoas até que elas estejam dentro dele e ele as esteja digerindo. Disseram-me que é mais divertido que desagradável, na verdade, porque os efeitos especiais de 1958 não eram muito convincentes. Mas não diga isso às crianças no público, que gritam como loucas. E por conta do que está por vir, os adultos se convenceram a ficar assustados também. Todo mundo quer estar no humor correto, porque o que o Blobfest é, mais do que qualquer coisa, é uma reencenação.

A cena do clímax foi filmada no próprio Cinema Colonial, exatamente onde as pessoas estão sentadas. O Blob desliza pela sala de projeção e digere o projetista. Então começa a transbordar pelas janelas da sala de projeção. Alguém nas poltronas olha para cima e o vê, e antes que você perceba, o público inteiro está correndo, gritando enquanto sai do cinema e vai para a rua. É esse momento que aparece nos cartazes do Blob por toda a cidade, as pessoas gritando e correndo do cinema, e essa é a cena que o público irá reencenar daqui a um mês.

Dootsie me disse há muito tempo que irei levá-la. Ela já está praticando os gritos.

28 de julho

De onde você o conhece?

Ele vem aqui de vez em quando.

Quer dizer, na Margie?

Sim.

Geralmente não vou à loja da Margie em um sábado. Hoje fiz isso.

Ele não estava lá.

Ouvi a sinfonia de verão do lado de fora da minha janela. Para ser honesta, não era uma sinfonia de jeito nenhum. Não havia tom, melodia, somente as mesmas notas repetidas vezes. Silvos e chilreios, trinados e zunidos. É como se a orquestra dos insetos estivesse afinando eternamente seus instrumentos, sempre esperando o maestro bater sua batuta e organizá-los. Eu, pelo menos, espero que o maestro nunca chegue. Adoro a bagunça musical disso.

Todo dia agora paro no quintal da Betty Lou e verifico o cereus dama-da-noite. O botão é muito comprido. Ele me lembra uma vagem de feijão gigante. Parece mais gorda e mais inchada a cada dia que passa. E os dias estão quentes e secos novamente, como se o Arizona estivesse nos visitando. Penso na flor dentro do botão: amontoadada, apertada, escura. Embora, de algum modo, ela sinta a noite, conhece a diferença entre a lua e o sol. Ela espera... espera.

Nós nunca ouvimos os grilos juntos, Leo. Nunca vi a lua em seus olhos. Se você me beijar de novo alguma vez à noite, darei uma espiada.

Me sinto solitária.

29 de julho

Cor agora no final do botão. Branco tingido de rosa. Pétalas adormecidas, em camadas, emplumadas. Um cisne miniatura pronto para nascer.

Jardinei dois jardins hoje. Nunca vi um cereus dama-da-noite em lugar algum além da casa de Betty Lou.

31 de julho

Não pretendia adormecer. Simplesmente desabei na minha cama após o jantar, e quando me dei conta era noite. A casa estava escura. Pulei da cama e corri para a bicicleta. Tinha dito aos meus pais sobre a flor e que uma dessas noites...

Pedalei furiosamente até Betty Lou. A lua estava alta e brilhante, iluminando meu caminho. Meus pneus espalhavam pedras enquanto eu me inclinava na rua. Já conseguia sentir seu cheiro: *baunilha!* Pulei da bicicleta, empurrei o portão. Lá estava ela – tão linda que eu quis gritar. Como se uma pedra tivesse caído numa piscina de luz da lua: era esse o splash. Seu tamanho me atordoou – ela era tão larga quanto minhas mãos uma do lado da outra. Desmaiei com o aroma. Caí de joelhos, então agora ela era mais alta do que eu. Tomei consciência dos voos tênues – mariposas estavam rodopiando, saindo da flor, voando para fora. Pensei: *dama-da-noite*. Ajoelhada lá por não sei quanto tempo, comecei a ter uma sensação das mais estranhas, como se uma comunicação, uma conversa, se passasse entre a bela flor e a lua. Fechei os olhos e me permiti mergulhar no encanto daquilo. E ainda assim, maravilhosa do jeito que era, havia algo faltando. Ela precisava ser compartilhada. Queria você aqui, Leo. Ou Archie.

Peguei um punhado de pedrinhas na passagem. Joguei-as na janela do quarto de Betty Lou. Finalmente o rosto dela apareceu. Apontei. Sussurrei tão alto quanto consegui: “Está abrindo!”. O rosto dela sumiu da janela. Um minuto depois, a porta dos fundos se abriu. Ela permaneceu lá em seu roupão atrás da porta telada. Estiquei minha mão. “Venha.” Acho que me esqueci do problema dela por um momento. Mas ela não.

“Não posso”, disse ela.

“É linda”, disse eu.

O rosto triste estava iluminado pela lua. “Eu sei.”

Estiquei ambas as mãos. “Estou aqui”, disse eu. “Só por um minuto. Vai ficar tudo bem. Você está segura.”

“Posso sentir o cheiro daqui”, disse ela.

“Eu sei. Sim! Agora venha vê-la. Quero que você a veja.”

Não houve palavras por um longo tempo. Então, ouvi um rangido fraco da porta telada se abrindo. Ela esticou o braço, uma palidez fantasmagórica. Segurei a mão dela. Ela não viria comigo. “Não posso”, disse ela. “Me desculpe.” Ela estava chorando.

Falei para ela esperar. Voltei para a flor. Levou um longo tempo, e realmente não sei como consegui, mas de alguma forma dei um jeito de levar o enorme vaso plantado pelo jardim até a porta dos fundos. E foi assim que passamos a noite, Betty Lou e eu, e cereus de floração noturna. Betty Lou abriu uma garrafa de champanhe para ela, como sempre fazia nessa ocasião, e um suco de oxicoco para mim. Com a tela escura entre nós, brindamos à Dama-da-Noite. Brindamos à lua e às mariposas e a todas as coisas breves. Nós nos demos as mãos através da porta aberta e cantamos canções suaves nos revezando. Compartilhamos nossos sonhos. Ficamos silenciosas como a flor. Caímos no sono, ela contra a porta telada, eu no degrau. Quando acordamos, o sol estava nascendo e a flor estava morta.

2 de agosto

Minha carroça feliz diminuiu para cinco seixos.

A temperatura hoje chegou a 38°C. Tinha um trabalho de jardinagem hoje. Derrotei o calor, começando cedo de manhã.

3 de agosto

Acordei suada apesar do ventilador de piso zumbindo no pé da minha cama. Tinha sonhado, mas o sonho já havia me escapado.

Eu me vesti e desci na ponta dos pés. Pedalei pela noite e sob a lua alta, desci pelo meio das ruas vazias, sob a faixa do Blob, até o canal. Atravessei a ponte e encostei em um ponto de ônibus na poeira em frente à Oficina de Reparo de Bicicletas e Cortadores de Grama do Ike. Um carro estava estacionado em frente. Deitei a bicicleta com cuidado e fiquei lá, ouvindo os insetos. Caminhei pela parte dos fundos. Quando vi a escada, engasguei. O telhado só tinha um andar de altura, mas parecia arranhar a lua e ser tão proibido quanto Babel. Respirei fundo e comecei a escalar.

Ele estava no meio do telhado, com os braços e pernas abertas em um lençol, nu exceto pelos shorts esfiapados que vestia na piscina, coberto pela luz da lua. Pensei em você, Leo, mantendo a cortina de sua janela do quarto para cima para que a luz da lua pudesse cair sobre você. Sentei na borda erguida do telhado, observando, ouvindo sua respiração. Acho que poderia ter ficado confortavelmente daquele jeito à noite toda – observando, em silêncio – mas aquela era uma pessoa, não uma flor do quintal. Finalmente, chamei da borda: “Oi, Perry”.

Ele não se moveu.

Tentei de novo, um pouco mais alto. “Oi, Perry.”

Seus olhos se abriram para o céu acima dele. Então eles começaram a se mover, apesar do restante dele continuar parado. Eles finalmente pousaram em mim. Sua cabeça se ergueu vários centímetros do lençol. Sua voz saiu rouca: “Quem está aí?”.

Percebi que a lua estava atrás de mim agora, e meu rosto na sombra. Sua simples pergunta me desconcertou. Até onde me lembrava, ele nem sabia meu nome. Então, como eu iria me identificar? Pensei em várias possibilidades e finalmente falei: “A garota em quem cuspiu”.

Ele riu, ou pelo menos algo que lembrava uma risada saiu de sua boca. Sua cabeça desceu para trás. Seus olhos se fecharam. Eu estava com medo de que aquilo fosse tudo, mas ele falou novamente a tempo: “O que você quer?”.

Essas perguntas não estavam ficando mais fáceis. “Dootsie disse que você dormia no telhado nas noites quentes.”

“Não respondeu à pergunta.” Ele tinha razão. Sua voz estava se esforçando, seu tom dizendo: Deixe-me sozinho para que eu possa voltar a dormir.

“Acho que não sei o que quero”, disse eu. “Acordei. Estava quente. Não conseguia dormir. Me lembrei do que a Dootsie falou, e aqui estou.”

“Você não tem seu próprio telhado?”

“Bem, claro que sim, mas não é plano como esse. Além disso, você não está no meu telhado. Está neste aqui.”

“Você quer dormir aqui?”

“Não, não quis dizer isso.”

“O que você quer dizer?”

Eu me sentia bastante desconfortável. O que quer que tivesse me feito vir tinha se acabado. “Não sei”, disse eu. “Eu faço coisas sem pensar.” Fiquei em pé. “Irei embora. Sinto por ter te acordado.”

Suas mãos sacudiram no ar. “Tudo bem. Agora já acordei.” Me sentei novamente. “Você tem um nome?”

“Estrela”, falei. Pela primeira vez, me senti autoconsciente pronunciando-o em voz alta.

Ele abriu os olhos. “O quê?”

“Estrela.”

“*O quê?*”

Eu disse pela terceira vez: “Estrela”.

Pensei que iria fazer um estardalhaço com isso, mas ele apenas disse: “Ah sim”, e fechou os olhos novamente.

Esse era um roteiro completamente novo para mim. Não tinha ideia de quais eram as minhas falas.

Eu disse: “Como você consegue chupar limões?”.

“Suco é suco”, disse ele.

“Você vai ao Blobfest?”

“Não sei.”

“Eu vou com a Dootsie.”

“Bom pra você.”

“Você entra muito na piscina escondido?”

“Quando dá vontade.”

“Você é mais corajoso do que eu. Nunca fui para um mergulho na prancha.”

“Não é nada de mais.”

“É se você tiver medo de fazê-lo.”

“Então você é uma covarde.”

Não sei como esperava que as coisas seguissem, mas não era desse jeito. O que tinha me feito pensar que eu seria bem-vinda? Fiquei em pé novamente. “Perry, realmente sinto muito. Eu...” De repente, se sentou e disparou: “Você veio até minha casa, escalou até aqui em cima e me acordou. E agora estou totalmente acordado. Era isso que você queria, me acordar?”.

“Não”, falei.

“Bem, então o que você quer? Só queria me ver dormindo?”

“Não.”

“Você quer conversar?”

Eu estava tremendo. “Acho que sim.”

“Então converse. Você falou pra caramba antes. Me seguiu até em casa e me chamou de ladrão. Me passou sermão na biblioteca. Quem você pensa que é, alguma madre superiora ou algo parecido?”

“Não.”

“Então abra sua bocona e converse.”

Não sei quanto tempo fiquei lá parada, tentando me recompor. Nunca me senti tão frágil, tão indefesa. Me contive para não explodir em berros. Até então, não tinha percebido o estado

de fragilidade em que me encontrava. Quando pensei que estava sob controle, fiz a coisa mais difícil de todas: dei um passo adiante. Depois outro. Quanto mais perto dele eu chegava, mais claro ficava que os ângulos estavam todos errados. Eu estava me avultando sobre ele. Então me sentei, cruzei as pernas na superfície quente e fina como papel do telhado, a cerca de um metro e meio dele. Nós olhamos um para o outro por um longo tempo. Apesar do que ele tinha acabado de dizer, ambos parecíamos entender que esse não era o momento de conversar. Ainda olhando para ele, me estiquei, tirei minhas sandálias e joguei-as de lado. Acho que estava fazendo uma declaração, mas não tenho ideia de qual ela era. Eventualmente, respirei fundo... “Sonhei com você uma noite.”

“Foi?”

“Bem, mais ou menos com você. Você estava nadando no canal. A Dootsie disse que faz isso...”

“Fiz uma vez.”

“...e eu assistia você debaixo da água. Era uma figura sombria e escura, mas sabia que era você. E então não era mais você, era a Ondine, e depois você novamente, e aí a Ondine, num vaivém...”

“Ondine”, disse ele.

“O livro que você estava lendo na biblioteca aquele dia.”

Ele não me respondeu, apenas me encarou.

“Peguei um exemplar e li numa sentada. Amei.” Ele continuou me encarando. “Gostou dele?”

“Não.”

“Sério? Por que não?”

“Ela é estúpida.”

“Como assim?”

“Ela pensa que tudo é uma maravilha. Que todo mundo é bonito.”

“E você não?”

A resposta dele foi uma bufada. “Ela está sempre cantando. Ela é feliz demais.”

“Feliz demais?”, disse eu. “Isso é possível? Feliz é feliz, não é? Como se pode ser feliz demais?”

“Quando vive em um conto de fadas. Quando o mundo onde vive é falso.”

“Mas nem tudo eram flores para a Ondine”, comentei. “Ela fica triste.”

“Não triste o suficiente. Ela é estúpida. Ela não é real.”

Algo me ocorreu de repente. “Perry”, falei, me puxando um pouco mais para perto, “você chegou a terminar a leitura, não chegou?”

“Ela era horrível.”

“*Chegou?*”

“Não.”

“Bem, tenho novidades para você”, disse eu. “No final, o cavaleiro amado pela Ondine, o Hans, se lembra? – ele morre.”

“Ótimo.”

“E a Ondine se esquece de tudo sobre o tempo dela com as pessoas sobre a Terra e volta

para a água.”

“Ótimo.”

“Para sempre.”

“Ótimo.”

A palavra se pendurou na noite – ótimo – como uma segunda lua mais amarga.

“Então por que leu uma parte dele, afinal?”, disse eu.

Ele deu de ombros. “Estava em frente ao meu nariz.”

Perry se deitou de novo, suas mãos cruzadas num travesseiro sob sua cabeça. Estava me sentindo um pouco mais confiante agora, menos desconfortável, mas ele ainda não era exatamente uma fogueira de calor humano.

“Sabe”, disse eu, “essa é a segunda vez essa semana que fico acordada a noite inteira conversando com alguém.”

“Verdade?”

“Verdade. E você está morrendo de curiosidade para eu contar sobre a outra vez, não está?”

“Mal posso esperar.”

Contei a ele sobre o cereus e a noite no quintal da Betty Lou. “Betty Lou é a pessoa de quem você roubou os donuts na varanda naquele dia. Quando Alvina veio correndo atrás de você.”

“Quem?”

“Alvina Klecko. A garota que te perseguiu. Que jogou o balde de água em você na piscina.”

“A garota com a unha.”

“Ela mesma. Ela diz que você vai na Margie.”

“De vez em quando.”

“Para roubar donuts?” Meu atrevimento me surpreendeu.

“Ela que me dá os donuts.”

“Acho que ela tem uma quedinha por você.”

“Claro.”

“Sério.”

“Ela é uma criança.”

“É uma criança crescendo.”

“Ela é um moleque.”

“Ela é um moleque virando uma garota. Veja só”, contei nos meus dedos, “ela te dá donuts. Ela perseguiu você por metade da cidade. Jogou um balde de água em você. Isso, meu caro Perry”, desdobrei uma perna e o cutuquei no joelho com meu dedão, “é amor.” Recolhi o pé rapidamente, feliz e aliviada de ele não o ter afastado. “Alvina me contou sobre o campo de treinamento”, eu disse. Olhei para ele. “Tudo bem de eu saber?”

Ele deu de ombros. “Todo mundo sabe.”

Os olhos dele brilharam na luz da lua. Cheguei um pouco mais perto. Olhei para o céu estrelado. “Não sei mais o que perguntar.”

“Tente: Por que te mandaram para lá?”

“Por que te mandaram para lá?”

“Por roubar.”

Eu tive que rir. “Bem, eles realmente conseguiram tirar o hábito de você, não é?”

“Tentaram.”

“Foi tão difícil assim?”

“O quê?”

“O campo de treinamento. Foi muito duro para você?”

“Sim, eu acho. De pé às 4 horas da manhã. Correr oito quilômetros. Sim, senhor. Não, senhor. Meias no varal. Aulas. Marchar. Bater continência.”

“Por quanto tempo? Um ano?”

“Sim.”

“E você ainda rouba.”

Ele cuspiu do outro lado do telhado. “Sim.”

Provavelmente não devia tê-lo provocado, mas não consegui me controlar. “Então, qual o motivo, é como o que aconteceu na biblioteca? Se está em frente ao seu nariz você pega, certo? Livro? Donut? Maçã-do-amor? Limão? O que for?”

Ele fungou. “Ninguém te dá as coisas.”

“Você não tem medo de ser pego novamente? De ser enviado de volta?”

“Nem.”

“Talvez devesse arrumar um emprego. Ganhar algum dinheiro. Então você poderia – Deus me livre – pagar pelas coisas.”

“Eu tenho um monte de dinheiro. Prefiro roubar.”

Hora de mudar de assunto.

“Então, você vai ao Blobfest?”

“Já me perguntou isso.”

“Esqueci a resposta.”

“Talvez.”

“Sem talvez para mim. Dootsie irá me arrastar se ela tiver que fazer isso. Você vai se inscrever no concurso de fantasias assustadoras?”

“Acho que não.”

“Dootsie vai de senhora Blob.”

“Parece que temos uma vencedora.”

“Alguma ideia do que eu poderia ser?”

“Você mesma.”

“Não sou assustadora.”

“Não aposte nisso.”

Ele não deu um sorriso, mas ri o suficiente por nós dois.

Eu disse: “Eu medito”.

Ele disse: “Eu não”.

“Não achei que meditasse. Você não é exatamente do tipo autorreflexivo, né?”

“Não.”

“Tem medo de ficar sozinho consigo mesmo?”

“Pavor.”

“Você parece tão certo de tudo. Já tem tudo planejado, hum?”

“Uhum.”

“Cansado das minhas perguntas?”

“Não tô não.”

“Eu falo demais?”

“Não para mim.”

“Sério?”

“Gosto de pessoas que falam muito. Assim não preciso falar.”

“Bem, então...”, ergui os braços... “Eu sou sua garota ideal!”

Agora, por que eu disse aquilo?

Ele abriu os olhos. Estava me encarando. Senti como se ele me visse pela primeira vez. Senti que podia flutuar, como um balão que tem o fio cortado. Precisava descer de volta.

“Pergunte-me alguma coisa”, disse eu.

“Hein?”

“Eu que estou perguntando tudo. Agora é sua vez de me fazer uma pergunta.”

Ele fechou os olhos novamente. “Quem te largou?”

O-ou.

“Me largou?”

“Sim. Quem?”

“Onde ouviu isso?”

“Sua amiga Pootsie.”

“Dootsie.”

“Dootsie. Naquele dia.”

“Pensei que vocês dois estivessem falando sobre limonada. Não sabia que estavam fofocando a meu respeito.”

“Isso foi tudo que ela me disse. Que seu namorado te largou.”

Algo doce e triste me percorreu ao som da voz dele te chamando de meu “namorado”.

“Eu não colocaria dessa forma”, disse eu.

“E como você colocaria?”

Estava com medo de que ele dissesse isso. *Pergunte-me alguma coisa. Eu e minha boca grande.*

“Ninguém jamais disse: ‘Declaro esse relacionamento findo. Vá, retire-se deste aposento’.

Ele estava sob muita pressão. Simplesmente não deu certo.”

“Triste?”

“Talvez. Às vezes. Não sei.”

“Qual era o nome dele?” Aquilo foi um sorriso sutil em seus lábios? Ele estava gostando daquilo. “Ele não era nada. Ele é.”

“É.”

“Leo.”

“De onde?”

“Arizona. Eu me mudei.”

“Você o amava.”

Eu não disse nada.

“E aí?”

“E aí o quê? Você só fez uma afirmação.”

“Você o amava? Ponto de interrogação.”

“É claro.”

Por favor, não pergunte...

“Você o ama? Presente do indicativo.”

Eu desviei o olhar. A borda do telhado parecia a borda da Terra. Estávamos em uma jangada entre as estrelas. Cutuquei-o com o dedão. “Disse me faça uma pergunta, não vinte. Além disso, você é muito intrometido...”

“E você não é?”

“...e eu não vou contar a você cada detalhe da minha vida...”

“Na nossa primeira noite.”

Eu não ia dizer isso. Eu não ia dizer isso.

“Além disso, você está se divertindo muito mais que eu. De agora em diante, eu conduzo a conversa.”

Ele deu um sorriso cacarejado de escárnio. “Uma típica garota.”

“Falando em garotas”, eu disse, “e aquela menina na piscina? Aquela com quem você estava deitado na toalha.”

“O que tem ela?”

“Qual o nome dela?”

“Stephanie.”

Stephanie.

“Certo... então... e quanto a Ike? O reparador de bicicletas e cortadores de grama. Ele é seu pai?”

“Sim. O que tem a Stephanie?”

“O que o Ike faz no inverno? Nenhum gramado para cortar.”

“Limpadores de neve. O que tem a Stephanie?”

“O que tem ela?”

“Não quer saber mais sobre ela?”

Dei de ombros. “Na verdade não.”

“Ela é minha namorada? Eu gosto dela? Eu a amo? Nós vamos nos casar? Quantos filhos nós teremos?”

Ele estava sorrindo debochado de novo.

“Engraçado”, disse eu. “Tenho uma ideia melhor. Vamos falar sobre o meu calendário. Aposto que você não sabia que estou fazendo um calendário.”

“Parabéns.”

“Não do tipo que você está pensando.”

“No que estou pensando?”

“No de papel. Pendurado em uma parede.”

“Você leu minha mente. Como ficou tão inteligente?”

“Estou ignorando seu sarcasmo. Meu calendário é de antes de existir algo como papel. Já ouviu falar de solstício?”

Ele deixou escapar uma longa respiração entediada. “Inverno ou verão?”

Surpresa, surpresa. “Inverno.”

“Quando o sol está sobre o Trópico de Capricórnio. O dia mais curto do ano.”

Acho que simplesmente pisquei e fiquei boquiaberta com ele por um tempo. Ele pareceu ter ido dormir.

“Estou entediando você?”

“Não.”

Não tenho certeza se acreditei nele, mas prossegui e contei sobre meu trabalho semanal na Montanha do Calendário. “Meu objetivo é chegar em 21 de dezembro, como você bem sabe, é claro, já que é especialista em solstício. Quero ter um tipo de, não sei, cerimônia? Comemoração? Quero dar um nome a ela. Alguma ideia?”

Uma pausa de cinco segundos e ele disse: “Solstrela.”

“Hein?”

“Solstrela. *Es-trela. Sols-tício*. Ao contrário.”

Fiquei impressionada. Bobo, eu sei, era uma coisa tão pequena. Mas ao ouvi-lo dizer meu nome pela primeira vez, um tipo de arrepio me percorreu. Ele não era tão indiferente a mim, nem tão entediado quanto parecia.

Pigarreei. “Gostei disso. Obrigada.”

“De nada.”

“Então”, prossegui, “armarei uma tenda, com um buraco nela, exatamente na linha da última espátula, apontando para o horizonte, pronta para afunilar os primeiros raios do sol na minha tenda. Uma espécie de barraca Stonehenge. Convidarei as pessoas.”

Esperei ele me perguntar por que eu estava fazendo tudo isso.

Não perguntou.

“Será um momento muito bacana”, falei. “Talvez eu escreva um poema. Ou uma canção. Eu podia tocar meu ukulele. Podia dançar.” Eu me levantei. Dancei. Dancei pelas bordas do telhado, onde podia ver o canal prateado pela luz da lua. Dancei em um círculo ao redor dele. Quando estava atrás dele, ele não se virou para me olhar, mas se endireitou. Quando me sentei de volta, ele não disse nada. Olhou para mim e assentiu.

“Então”, disse eu, “talvez você pudesse vir comigo alguma manhã quando eu for firmar um novo marcador.”

“Talvez.”

“Ou me encontrar lá. Vou às quintas-feiras.”

“Talvez.”

Tive a sensação de que depois do segundo “talvez” nós nos olhamos por horas, mas acho que podem ter sido apenas minutos, talvez menos. Horário de telhado é mais difícil de monitorar do que horário do nascer do sol. Cedo ou tarde eu disse: “Bem...”. Calcei minhas sandálias e me levantei. “Boa noite.”

“Boa noite”, disse ele.

Eu fui para a borda. Ele havia se deitado novamente. “E não sou uma típica garota”, disse

eu, pisando na escada e voltando para o solo.

8 de agosto

Um tordo se mudou para nossa vizinhança. Ele se empoleira no alto do poste de telefone atrás do quintal. Toda manhã, é a primeira coisa que escuto. É impossível ficar infeliz quando se escuta um tordo. É tão cheio de canções, e não parece conseguir decidir qual delas cantar primeiro, então canta todas, uma dúzia de músicas diferentes de uma vez, em dezenas de vozes diferentes. Continuamente, canta sem uma pausa, tão vivaz, até mesmo frenético, como se sua voz sozinha pudesse manter o mundo acordado.

9 de agosto

Antes de caminhar até a Montanha do Calendário hoje, perguntei a minha mãe sobre nossos vizinhos ao lado, os Cantellos, e sua luz da varanda. Notei que ela está acesa toda vez que vou à montanha. A princípio pensei que a tivessem deixado ligada por engano, mas agora estava começando a me questionar. “Não é por engano”, disse minha mãe. Ela havia contado à senhora Cantello sobre meu ritual de começo das manhãs de quinta-feira, então a senhora Cantello ajuda a iluminar o caminho para mim. Não é legal?

10 de agosto

Contei à Betty Lou sobre a noite no telhado com o Perry.

“E quanto ao Leo?”, disse ela. (Eu havia lhe contado sobre você há bastante tempo.)

“Leo está lá”, disse eu. “O Perry está aqui.”

Também contei à Betty Lou sobre o tordo. “Você é tão sortuda”, disse ela. “Queria eu ter um tordo.”

11 de agosto

Caro Archie,

(Carta dentro de uma carta aqui, Leo, mas você tem permissão de espiar. Como disse antes, não tenho nada a esconder de você.)

Conheci um garoto. Perry. Nem sei o sobrenome dele. Mora atrás de uma loja de reparos de bicicletas e cortadores de grama. (Lembra-se do que são cortadores de grama, seu escavador de deserto?) O cabelo dele é preto, os olhos azuis. Às vezes, dorme no telhado. Parece ser pobre. Ele garimpa em contêineres de lixo e rouba. Já esteve encarcerado com a justiça. Foi parar em um desses chamados campos de treinamento por um ano. Chupa limões e cospe as sementes em mim. Não fala muito (embora tenha gritado comigo uma vez), e está quase sempre amuado. Mas ele é legal com minha pequena amiga Dootsie. Talvez a melhor coisa que possa dizer sobre Perry é que Dootsie realmente parece gostar dele. Ele lê. Me apresentou à Ondine. É muito inteligente, mas demora um pouco para se descobrir isso. Às vezes, age como se fosse o dono do mundo. Anda cheio de marra. Quando sobe a ladeira para a prancha de salto na piscina, não pula na mesma hora, e sim fica lá por um tempo, analisando seu domínio. Ele se deita em uma toalha de praia com uma garota chamada Stephanie, mas depois que entra na água, não volta para ela. Minha amiga Alvina, a Pestinha, tem uma queda por ele.

“Você tem?”, posso te ouvir dizer.

Não sei, Archie. Sinto algo, mas não sei como chamar isso. Passei quase a noite inteira no telhado com ele (sem namorico). Nós conversamos... bem, só eu falei, praticamente (exceto quando ele gritou comigo). Dancei para ele. Me oferece tão pouco, que tudo que precisa fazer para me deixar feliz é manter os olhos abertos.

“E quanto ao Leo?”

Você não é o primeiro a me perguntar isso. No momento, preciso admitir que não estou pensando muito no Leo. Na verdade, estou deixando de pensar nele de propósito. Cada dia quando acordo, a pergunta está lá esperando por mim: *E quanto ao Leo?* Mas eu me afasto dela. Finjo não ouvi-la. Você acha que é porque tenho medo de respondê-la? Gostaria que a Dootsie pudesse conhecer o Leo pessoalmente. Como está, ela o despreza porque ele me “largou”.

Se isso estivesse acontecendo em Mica, eu estaria sentada na sua varanda nesse instante, você e eu nas cadeiras de balanço brancas, você soprando seu cachimbo, o ar cheirando a cerejas. Você me ouviria e assentiria, depois sorriria e esperaria pacientemente até eu terminar de falar. Faria algumas perguntas. Então provavelmente diria: “Por que não consultamos o Señor Saguario?”. E nós caminharíamos até o Señor Saguario e você falaria com ele em espanhol, e ele responderia, e você traduziria para mim, e entre vocês dois – você e o Señor Saguario – você tornaria as coisas um pouco mais claras para mim, me mostraria o caminho.

Sua querida pupila,

14 de agosto

Hoje foi o aniversário do Charlie. É o que diz na lápide que ele compartilha com a Grace. 14 de agosto de 1933. Então o traço. Depois o espaço em branco, esperando pacientemente. Tenho pensado no dia de hoje faz algum tempo. Comprei um presente para o Charlie. Embrulhei-o. Papel branco, fita azul.

Decidi que seria hoje o dia em que caminharia diretamente até Charlie e diria algo. Estava prestes a ir ao cemitério quando Dootsie irrompeu pela porta: “Vamos a algum lugar!”.

Dilema.

Por um lado, no dia anterior, meu pai tinha feito um pequeno carro de puxar para a minha bicicleta, assim eu poderia puxar Dootsie pelo caminho quando saísse. Dootsie estava louca por uma corrida. Por outro lado, isso seria tudo que eu poderia fazer para lutar contra o meu medo e encarar Charlie – como eu conseguiria controlar Dootsie e sua imprevisibilidade ao mesmo tempo? Em um terceiro lado, como eu poderia dizer não para aquela carinha implorando sorrindo para mim?

“Tudo bem”, falei, e antes que ela parasse de gritar, o novo carrinho estava conectado e nós estávamos em movimento. Canela sentou no colo de Dootsie. Ao longo do caminho, tentei explicar a situação o melhor possível. Disse a ela que Charlie estava triste porque sentia falta de sua esposa, e que ia lá todo dia. Disse a ela que precisávamos respeitar seus sentimentos e não incomodá-lo. Simplesmente daria a ele o presente e diria algo breve, e depois nós partiríamos. Dootsie acompanhou meu raciocínio e não disse uma palavra. Geralmente, eu pedalava minha bicicleta dentro do cemitério. Dessa vez, estacionei na entrada. Coloquei o Canela no meu bolso. Enquanto Dootsie escalava para sair do carrinho, me ajoelhei em frente a ela, a segurei pelos ombros e a olhei nos olhos. “Entende tudo que eu falei agora?”

Ela assentiu vigorosamente. “Uhum”, disse ela. “E não direi uma palavra.” Para provar seu ponto, ela trancou os lábios e jogou a chave fora.

Nós seguimos para o lugar do túmulo. Dootsie apontou. Ela sussurrou: “Aquele é o Charlie?”.

“Sim”, sussurrei, “agora *shhh*.”

Nós o abordamos pelo lado. Se ele conseguia nos ver pelo canto do olho, não demonstrou. Meus joelhos eram pura gelatina. Se Dootsie não estivesse lá, acho que teria virado e corrido.

Continuei dizendo a mim mesma: *Ele aceitou seus donuts. É só um homem. Não vai morder você.* Também continuei ouvindo a voz de Perry: *Quem você pensa que é?*

Como sempre, ele se sentou na cadeira de alumínio com listras verdes e brancas. Vestia uma camisa branca de manga curta, calças pretas e sapatos com meias brancas. Suas canelas eram quase tão brancas quanto suas meias. A velha maleta de metal repousava na grama. O cachecol xadrez vermelho e amarelo estava em volta de sua coxa. Pela primeira vez me dei conta de que isso era tudo. Nenhuma revista, nenhum livro, nenhum rádio ou TV portátil, nenhum fone de ouvido, nada além para fazer, nada além para ajudá-lo a passar o tempo. Mesmo depois da morte, Grace era tudo que ele precisava. Do seu próprio jeito, estava ecoando a lenda da garota de Lenape. Já tinha pulado, só estava demorando mais para cair.

Nós paramos a alguns centímetros de distância. Ainda assim, ele não parecia saber que estávamos lá. A mão pequena de Dootsie segurou o meu dedo. Quando finalmente ousei olhar diretamente para seu rosto, descobri, para meu pavor, que ele estava sorrindo de leve.

Sem dúvida nenhuma, ele estava revivendo um momento feliz com Grace ou talvez conversando com ela. Fiquei mortificada. *Sua idiota! Sua enxerida! Vá embora! Deixe o homem em paz! Corra!*

E eu teria corrido, se ele, de repente, não tivesse virado a cabeça e olhado para nós. Pela primeira vez, eu via o rosto inteiro da pessoa com quem Grace havia vivido. Seu sorriso foi embora. Seus olhos, fora da sombra da aba do gorro, nos olhavam a partir de outro lugar. O sofrimento não o tinha derrubado. Ele era musculoso. Seus pulsos eram grossos como um pão francês, seus braços com pelos brancos, manchados e vermelhos do sol do verão. Havia um logotipo bordado sobre o bolso de sua camisa branca. Dizia MOTOR GOSHEN FUNCIONA.

“Desculpe”, gaguejei. “Eu...”, não fazia ideia do que dizer.

De repente, Dootsie arrancou o presente de mim, empurrou-o para ele e disse: “Feliz aniversário, Charlie!”.

Eu apenas fiquei lá em pé como uma estúpida enquanto Dootsie assumia o comando.

Quando Charlie não pegou o presente, Dootsie o deixou em seu colo. Não tirou os olhos dela. Dootsie não esperou muito tempo antes de dizer: “Você não vai abrir?”. Ela não esperou pela resposta. Ela o pegou, rasgou o papel e abriu a caixa. Tirou-o de dentro. “Veja!”

Ele olhou para o presente, para ela, para mim.

“É um borrifador”, disse eu. “Você borrifa em si mesmo para se refrescar no clima quente.”

Dootsie balançou a garrafa plástica. “Viu? Nós já colocamos água nele. Quer que eu borrife você?” Ela assumiu seu silêncio como um sim. Borrifou um de seus braços. Gotas brilharam como orvalho no sardento prado branco de pelos. Ele continuou olhando seu braço. Pelo menos se esticou. Pegou o borrifador da mão dela. Borrifou seu outro braço. Dootsie arrancou a garrafa de volta. Borrifou seu próprio rosto. Depois o meu. Depois o dele. Ele piscou. Ela gritou “Uhul!” e pulou para cima e para baixo, girou, disparou duas vezes ao redor da lápide e entregou o borrifador de volta a ele. Apesar de ainda não ter aberto um sorriso, seus olhos estavam diferentes agora, eles estavam aqui.

Dootsie se colocou na frente dele. “Então, Charlie, qual a sua idade?”

Charlie respondeu com os dedos. Dootsie os contou. “11?”

“Tenho 74”, disse eu. Primeiro pensei que tinha sido fofo responder à pergunta de uma garotinha com os dedos, depois outra coisa me ocorreu.

“Tenho 5”, Dootsie dizia. “A Estrela tem 16. Ela foi largada.”

Ele parecia um pouco confuso. Eu parecia um pouco ofendida.

Parei na frente dele e esperei que olhasse para mim. Apontei para minha orelha e enunciei com toda clareza que consegui: “Consegue me ouvir?”.

Ele balançou a cabeça em negativa.

Coloquei minha mão no ombro de Dootsie. “Charlie não consegue te ouvir.”

Dootsie curvou as mãos ao redor da boca, e antes que eu pudesse impedi-la ela gritou bem na cara dele: “CONSEGUE? ME? OUVIR?”.

Ele me olhou. Estava sorrindo. Pensei: *Estamos compartilhando algo! Dois adultos sorrindo diante das palhaçadas de uma criança.* Então enfiou a mão no bolso, puxou uma coisinha rosada e a colocou em seu ouvido. Ele se inclinou na direção do rosto de Dootsie. “Agora posso te ouvir.”

A abelhuda aqui perguntou: “Por que não o estava usando?”.

“Eu nunca o uso aqui”, disse ele. “Assim consigo ouvir a Grace melhor.”

A voz dele era áspera, calosa como suas mãos carnudas.

Dootsie olhou para mim, para ele. “A Grace é a sua esposa que morreu?”

Ele assentiu.

“E você está triste porque ela morreu, não é?”

Ele assentiu.

Ela disse: “Vou ficar triste com você, Charlie”. Ela subiu no colo dele e o abraçou. Ele fechou os olhos e acariciou os cabelos dela. Olhei para a lápide.

Quando desceu do colo dele, ela apoiou os cotovelos nos joelhos dele e disse: “Você vai ao Festibal do Blob?”.

Ele balançou a cabeça. “Não.”

“Eu vou”, disse ela, vivaz. “Serei a senhora Blob. E vou vencer!”

Ele olhou para mim. “Senhora Blob?”

Dei de ombros. “Foi ideia dela.” Cutuquei Dootsie. “Muito bem, mocinha, hora de ir. Já incomodamos o Charlie o suficiente por um dia.” Eu a coloquei em pé.

Ela estendeu o braço. “Muito prazer, Charlie.” Antes que ele pudesse responder, ela gritou: “Espere! Eu me esqueci!”. Ela puxou o Canela do bolso. Ela o segurou em frente ao rosto de Charlie.

Ela levantou a patinha do Canela. “Você precisa conhecer o Panela.”

Charlie nem piscou. Pegou a patinha do Canela entre o dedão e o indicador e a sacudiu. Dootsie o puxou até ele se inclinar e colocou o Canela no ombro dele. Charlie se endireitou. Ele e Canela olharam um para o outro. Ele se virou para a lápide e – com orgulho, assim me pareceu – se exibiu para Grace.

“Bem...”, falei enfim, sem confiar em mim para dizer mais nada. Devolvi o Canela ao meu bolso. Dootsie pegou a mão de Charlie e a balançou. “Tchau, Charlie.” Ela acenou para a lápide. “Tchau, senhora Charlie.”

“Tchau...”, disse Charlie, e olhou para mim, cenho franzido. “O nome dela é Dootsie”, disse eu.

O franzido permaneceu.

Dootsie pronunciou dessa vez, puxando-o novamente na direção dela:

“*Doot-sie*”.

Ele assentiu.

“Agora repete”, disse ela.

Ele quase sorriu. “Dootsie.”

Eu a levei embora, então o ouvi chamar: “Ei”. Eu me virei. “E você?”

“Estrela.” Vi um olhar enigmático. “Sério”, disse eu.

Ele sorriu. “Nomes engraçados, os de vocês duas.”

Nós continuamos a caminhar e ele chamou de novo: “Ei”. Eu me virei. “Os donuts.” Ele apontou. “Foi você?”

Eu assenti. “Fui eu.”

Ele não chegou a dizer a palavra “obrigado” exatamente. Não precisou.

Enquanto subia na minha bicicleta, me perguntei por que razão no mundo eu havia hesitado em levar Dootsie comigo.

16 de agosto

Quinta-feira. O único dia da semana em que acordo mais cedo que o tordo. Hoje eu estava em pé mais cedo do que o habitual. Fingi que minha mãe não notou.

Eu vou às quintas-feiras.

Tinha dito isso a ele no telhado. Estava só informando?

Ou havia algo mais?

Praticamente corri para a Montanha do Calendário.

Ele não estava lá.

Por que estaria? Não o tinha convidado diretamente a vir (pateta).

Caminhei pelo campo. Juntei-me aos insetos cantando.

A lua estava cada vez mais alta. A lua também estava procurando por ele? Varri o horizonte procurando sombras. Caminhei ao redor com a lanterna acesa, para que ninguém por perto deixasse de me notar. Quando o sol chegou, firmei o novo marcador e fui para casa.

18 de agosto

Hoje fiz alguns serviços no centro da cidade para Betty Lou. Estava na loja de produtos e serviços pagando por lâmpadas e grampos de cabelo no caixa quando olhei pela janela e vi Perry do outro lado da rua. Com uma garota. Rabo de Cavalo. Não a ruiva Stephanie. Rabo de Cavalo estava segurando algo para ele. Ele deu uma mordida. Ela deu um chute na bunda dele, de brincadeira. Ele a chutou, de brincadeira. Eles riram e se acotovelaram subindo a rua.

De repente, eu tinha que conversar com Alvina. Agora. Corri para a Margie.

“Alvina está aí dentro?”, falei, sem fôlego.

Margie apontou por sobre o ombro. “Lá atrás.”

Quase comemorei. Passei pela porta vaivém. Alvina estava limpando bandejas de donuts.

Eu tinha minha primeira pergunta pronta – minha vida não poderia prosseguir sem a resposta – mas não queria ser muito óbvia. Comecei com conversa do dia a dia, esperando por uma abertura. Quando ela veio, tentei soar como se algo tivesse acabado de me ocorrer: “Ah sim... se lembra daquele garoto? O Perry? Qual é o sobrenome dele, afinal?”.

Ela limpou farelos de donuts de um pano. “Delloplane”, disse ela.

Ah, Perry Delloplane. “Você acha ele bonito?” De onde veio isso? Não tinha planejado dizer isso.

Alvina estava fazendo uma cara de sinto cheiro de gambá para mim e minha pergunta quando a voz de Margie soou da frente da loja: “Alvina!”.

Um cliente tinha derramado MargieMocha pelo chão inteiro, e Alvina tinha que passar o esfregão. Depois, precisava tomar conta do balcão enquanto Margie ia ao banheiro. Uma coisa depois da outra ocupou Alvina pela próxima hora, então finalmente desisti e fui embora.

Estou confusa. Como aquele MargieMocha, derramado pelo chão, mas sem ninguém para me esfregar. Tudo que consegui depois desse dia foi: *Perry Delloplane*. O som de um nome. Ele é uma uva na minha boca. Eu o rolei para lá e para cá na minha boca – *perrydelloplaneperrydelloplaneperrydelloplaneperrydelloplane* – mas quando tento esmagá-lo com meus dentes, ele escorrega.

19 de agosto

Hoje o tordo não soou feliz. Ele soou como se estivesse desmoronando. Como se seu coração – sua canção – estivesse se quebrando em pedaços e voando em centenas de direções.

21 de agosto

Eu trabalho. Arranco ervas daninhas dos jardins de outras pessoas. Tiro ervas daninhas e as coloco em sacolas plásticas, e as pessoas as jogam no lixo. Quando termino, não há nada além de flores e outras plantas não daninhas apumadas e adequadas. Às vezes quase ouço as flores me dizerem: “Ah, obrigada por se livrar daquela ralé. *Eles estavam sujando a vizinhança*”. Fiquei muito boa em diferenciar plantas daninhas de não daninhas. Mas de vez em quando tenho minhas dúvidas. Deparei-me com uma raiz especialmente difícil. Puxo e ela não sai. Puxei de novo. Ela resiste. Enfio meus dedos enluvados no solo e a agarro com ambas as mãos e puxo novamente. Ela começa a sair, mas posso ver que levará mais um monte de puxões com força. E é quando a dúvida começa. Começo a me perguntar: *Cometi um erro? Isso realmente é uma erva daninha? Se ela não deveria estar aqui, por que está resistindo tanto?* Mas é tarde demais agora. Não há nada para fazer com uma planta puxada pela metade do que ir até o fim. E, assim, puxo um pouco mais e, finalmente, derramando pedaços de terra e minhocas, ela se liberta da terra – e tento não ouvir o sutil grito angustiado.

23 de agosto

Outra manhã de quinta-feira na Montanha do Calendário. Sozinha.

Uma equipe de TV veio à rua da Ponte hoje. Estão filmando a faixa do Blob e a frente do Cinema Colonial. Entrevistaram o prefeito, que disse: “Foi nosso dia de sorte quando o Blob rastejou para dentro da cidade”.

Minha mãe me fez desistir de vestir o Canela e levá-lo como Frankenrato. Ela argumentou que em uma multidão como aquela, alguém podia entrar em pânico ao ver um rato. Não seria seguro para o Canela.

Esse problema não existia com Dootsie. Minha mãe ficou tão feliz com a fantasia de senhora Blob que veio comigo entregá-la. No momento em que Dootsie a viu, ela vestiu a roupa – o que foi bem fácil, já que tudo que precisava fazer era descê-la sobre ela inteira. Nenhum braço, nenhuma perna para lidar. Minha mãe havia costurado um par de lençóis, tingindo-os de rosa, e grudado pedaços de espuma de almofada no espaço entre eles. O resultado foi uma dobra granulosa e sem forma – um Blob – que lembrava uma meia gigante amarrotada. Havia dois furos para os olhos e, para que ninguém confundisse a senhora com o senhor, um pequeno e bonito chapéu no formato de um dedal. A dobra tinha sido feita muito longa de propósito, para que a bainha cobrisse seus pés e deslizesse pelo chão. A senhora Blob parecia estar com asas brotando quando dois braços escondidos socaram para cima e ela declarou: “Sou uma vencedora!”. Então ela veio deslizando até nós, e nós corremos gritando pela casa.

24 de agosto

Seis da tarde. Blobs e outros malvados variados reuniam-se na rua da Ponte, já que qualquer tipo de monstro podia se inscrever no concurso. Demônios, bruxas, zumbis, esqueletos, aliens, fantasmas, ghouls, canibais – e Blobs – todos vinham caminhando pesadamente pelas calçadas em direção ao Cinema Colonial.

A entrada do cinema era a Grande Central da Monstruosidade. Avistei uma feiticeira ensanguentada com uma unha elegante. Ela estava acompanhada de um Frankenstein baixinho e um homem que assumi ser o senhor Klecko. Avistei a garota de rabo de cavalo com quem tinha visto o Perry. E a ruiva Stephanie da piscina. Mas nem sinal do Perry.

Todos queriam os Blobogobs de massa frita da Margie. Foi para lá que Dootsie correu com alguma dificuldade. Como minha mãe não tinha feito um buraco para a boca na fantasia (“O Blob não tem uma boca”, disse ela, “o Blob é uma boca”), tive que alimentar Dootsie com seu Blobogob por um olho.

Quando o último lugar do balcão foi ocupado, os monstros foram convidados aos bastidores. Um a um, eles saíram detrás da cortina e cruzaram o palco para os gritos e assovios da plateia. Dootsie começou bem – ela até teve alguns uivos de lobos. Mas então ela teve problemas. Tropeçou na sua bainha e caiu. Quando se levantou, procurou o chapéu e descobriu que ele não estava na sua cabeça, e que ainda estava no chão, mas ela não sabia exatamente onde, porque os furos dos olhos tinham ido agora para trás da sua cabeça e ela não conseguia ver. Ela estava se arrastando cegamente pelo chão, tateando em busca do chapéu – realmente parecendo com o Blob agora – e rastejou diretamente para a borda do palco. Pulei e gritei “Dootsie!”, mas um jurado estava lá, segurando-a. Ele a devolveu ao palco, colocou-a em pé, reposicionou seu chapéu e puxou os buracos para a altura dos olhos. Ela subiu o lençol até o pescoço, mostrando ao mundo que usava somente sua calcinha do Babar, o Elefante, e correu para fora do palco sob o riso e a mais alta ovação da noite.

Havia duas divisões: crianças pequenas e grandes. A vencedora entre as crianças pequenas foi... “Dootsie Pringle!” Entre as grandes, Alvina ganhou uma menção honrosa. Queria que Betty Lou estivesse lá para ver tudo aquilo.

Quando os monstros voltaram aos seus lugares, as luzes se apagaram e o filme começou. O que eu havia escutado sobre o filme era verdade – ele era mais engraçado do que assustador, pelo menos para as crianças mais velhas e para os adultos na plateia. Mas isso não impediu as criancinhas de gritarem cada vez que o Blob deslizava pela tela. A grande cena surgiu com uma hora de filme: Blob deslizando para fora da cabine de projeção, o público gritando, debandando sob a marquise e para a rua... O filme parou de repente, congelando as silhuetas fugindo no meio do grito, saias no meio das pernas e penteados pompadour voando. As luzes do cinema se acenderam. Uma voz baixa veio pelo alto-falante: “Muito bem, Blobbonianos, esse é o momento pelo qual vocês esperavam. O momento mais famoso da história dos filmes de terror – e ele aconteceu beeeem aqui, no seeeu Cinema Colonial. Agora é sua chance de reviver essa história. Terminem seu Blobogobs, umedeçam suas cordas vocais e preparem-se para gritar, Blobbonianos. E pais, lembrem-se de segurar seus filhos. Ninguém é pisoteado.

Ninguém se machuca. Essa é uma bagunça civilizada. Uma fileira por vez. Começando pela de trás. Última fileira primeiro. Sigam devagar e tranquilamente para a recepção, e depois saiam pela porta e... *lá vamos nós!* As câmeras estão rodando. Fileira de trás, comecem.. AGORA!”.

Nós não devíamos atuar como se estivéssemos apavorados até chegarmos à calçada, mas assim que o anunciante disse “AGORA!”, todas as criancinhas gritaram. As fileiras se afunilaram pelos corredores. Estávamos em uma das fileiras da frente, então quando chegamos à recepção, o tumulto do lado de fora voltava sobre nós, e pela primeira vez na minha vida senti a força de uma multidão em pânico. Com medo por Dootsie, comecei a erguê-la, mas ela se soltou de mim e mergulhou na multidão, sacudindo seus braços dentro do lençol rosa, empurrando outras crianças de lado em seu pânico de escapar da gosma rastejante, tropeçando sobre o lençol, caindo sobre seu rosto, levantando-se, a multidão atropelando seu chapéu de dedal. Eu a perdi de vista, depois a vi enquanto éramos varridos pelas portas e pela luminosidade escandalosa da marquise e das luzes da TV. Agarrei-a pelo alto e um momento depois não tinha nada além de um lençol rosa na mão, enquanto ela corria gritando no meio da rua da Ponte, nua, exceto por seus tênis e pela calcinha de Babar, o Elefante.

Eu a alcancei em um sinal de trânsito. Ela estava rindo e gritando: “Estou apabobada!”. Eu a envolvi com o lençol até ela parecer uma pequena romana com uma toga descuidada. Nós nos juntamos à multidão pós-pânico fazendo hora fora do cinema. Muitos voltariam para assistir o restante do filme. Nós estávamos prestes a nos juntar a eles quando Dootsie gritou: “Perry!”. Ela se livrou de mim e correu para a Pizza Delícia, diretamente do outro lado da rua do Colonial. Perry estava sentado em uma mesa na janela da frente, vendo as festividades. A ruiva Stephanie sentava-se em frente a ele.

Eu assisti Dootsie correr para dentro do restaurante e anunciar, “Eu venci!” e saltar no colo do Perry. Stephanie riu. Um longo garfo de dois dentes de ciúme se fincou fundo dentro de mim.

Dootsie tagarelava na cara do Perry quando entrei. Perry olhou além dela, sorriu para mim e se virou para Stephanie. “É ela”, disse ele.

É ela.

Stephanie olhou para mim. O cabelo vermelho dela estava especialmente brilhante na luz fluorescente. Ela esticou um fiapo de queijo do seu queixo e o enfiou na boca. Limpou os dedos em um guardanapo e esticou a mão para mim. O sorriso dela parecia natural. “É realmente Estrela? O seu nome?”

Apertei a mão dela. “É sim”, disse eu.

“Ensino domiciliar, hum?”

“Sim.”

Ela sacudiu a cabeça. “Que pena.”

“Por quê?”, disse eu.

“Poderíamos usá-la na escola de ensino médio. Precisamos de algumas pessoas fascinantes por lá.” Ela lançou a palavra “fascinante” pela mesa na direção de Perry, seus olhos flamejando por um instante. Ela se virou novamente para mim, sorriu. “Nós já temos

peessoas entediadas demais.”

Perry disse: “Eu não falei ‘fascinante’”.

Ela apontou para ele, os dedos como uma pistola. “É verdade. Ele disse que você era esquisita.” Ela deu um risinho, pegou um disco de pepperoni do pedaço dela e o lançou pela mesa. Perry o pegou com sua boca. Aquilo não poderia ter sido feito tão bem sem muita prática. “Eu o socaria se fosse você.”

“Eu disse a ela que você era interessante”, Perry falou para mim.

Dootsie queria atenção. Levantou-se do colo de Perry. Ela o agarrou pelas orelhas e virou o rosto dele para o dela. “Estou dizendo que venci.”

A palavra “interessante” tremulou sobre a minha cabeça.

“Senta aí”, disse Stephanie.

Eu me sentei. Senti-me como se estivesse numa audição.

Uma feiticeira ensanguentada apareceu na mesa. “Oi, Alvina”, disse eu, mas ela estava concentrada somente em Perry. Ele tinha acabado de pegar um pedaço de pizza e estava a ponto de mordê-lo quando Alvina o arrancou da mão dele. “Ei”, disse ele, “pega aquele ali.” Ele apontou para o último pedaço no prato. “Eu quero *esse*”, disse ela, e o mordeu.

“Ela bate em garotos”, Dootsie contou a Perry.

Alvina sentou na última cadeira vazia.

“Parabéns pela sua menção honrosa”, disse eu.

“Eu sou uma droga”, disse ela.

“Eu venci!”, disse Dootsie.

“Cadê seus pais?”, perguntei a Alvina.

“Eles foram para casa.”

“Saindo sozinha de noite”, disse Stephanie. “Uma menina crescida.”

Dootsie piou, “Ela é uma garota crescida. Olha só.” Ela agarrou o dedo mindinho da Alvina e mostrou a unha caprichada.

Stephanie assoviou. “Impressionante.”

Dootsie se esticou por sobre a mesa e arrancou o último disco de pepperoni da fatia da Stephanie. “Abra”, ela ordenou a Perry, e de uma distância de dois ou três centímetros, ela o atirou em sua boca. Alvina pegou um pepperoni da sua própria fatia e o arremessou. Ela errou. Dootsie o pegou do colo de Perry e o entregou de volta à Alvina. Dessa vez, Alvina levou o pedaço aos lábios de Perry. Ele o pegou entre os dentes.

Ela puxou com força. Ela o segurou por um segundo, depois o soltou. E me perguntei se ele ainda acreditava que ela não tinha uma quedinha por ele.

“Parece que sou a única garota na mesa que não alimentou o Perry essa noite”, disse eu.

Então uma voz surgiu atrás de mim: “Oi”.

Era a Rabo de Cavalo. Com uma zumbi.

“Ooh, gostoso”, disse Rabo de Cavalo. Ela pegou a última fatia e deu uma mordidona. “Como vocês sabiam que eu queria pepperoni?”

A Zumbi arrancou a fatia da Rabo de Cavalo, dobrou-a e a enfiou inteira na boca. Ela disse algo que saiu assim: “Yuh yuh yuh yuh”.

Todas as garotas começaram a rir e a golpear umas às outras de brincadeira. Não parecia

haver qualquer animosidade entre elas. De repente, Zumbi se inclinou na direção de Perry e lhe tascou um beijo demorado nos lábios. Dootsie cruzou os braços e olhou para os dois se beijando. Alvina olhou para o outro lado, como se a cadeira ao lado dela estivesse vazia. Ela fingiu estar procurando alguém no restaurante. Finalmente, enquanto o beijo ainda rolava, ela se levantou e saiu. Quem dera eu pudesse fazer o mesmo. Zumbi, de algum modo, conseguiu se sentar no lugar vago da Alvina enquanto ainda beijava Perry. Finalmente Dootsie reclamou: “Já chega”, e empurrou a cara da Zumbi para longe.

Mais risadas.

“Quem é a criancinha?”, disse Rabo de Cavalo.

“Senhorita Dootsie Pringle”, disse eu.

“Não sou uma criancinha”, disse Dootsie. “Sou a senhora Blob.”

Perry apontou para mim. “E essa é a Estrela.”

“Imaginei”, disse Rabo de Cavalo. “Nome legal.”

“Obrigada”, disse eu.

“Seus pais que te deram esse nome?”

“Eu dei.”

“E tudo bem para eles?”

“Claro.”

“Pais legais. Sua mãe te ensina em casa, não é?”

Havia alguém com quem Perry não tivesse tagarelado?

“Sim”, disse eu.

“Legal. Você já foi a uma escola real?”

“Ensino domiciliar é uma escola real”, disse Perry.

Ela esticou a língua para Perry, depois virou seu rosto amigável para mim. “Sabe o que eu quis dizer.”

Assenti. “Eu sei. Sim. Cheguei a ir a uma escola regular de ensino médio no ano passado.”

“Sério? Onde?”

“No Arizona.”

As meninas se espantaram. “Sério?”, disse Stephanie. “E como foi?”

“Quente.”

Zumbi riu em silêncio. “Está falando dos garotos?”

Pensei: *Um garoto.*

Eu disse: “Tô falando do clima”.

“Não gostou?”, disse Rabo de Cavalo. “É por isso que voltou ao ensino domiciliar?”

“As coisas não saíram tão bem quanto eu tinha imaginado”, disse eu.

Zumbi disse: “Mas você não sente falta, tipo, das pessoas?”.

“Convivo bastante com pessoas”, disse eu.

“Eu sou uma pessoa”, disse Dootsie. “Um cereal humano.” Ela prendeu o nariz de Perry entre os dedos e torceu com força.

Perry gritou: “Oww!”.

Dootsie sacudiu o dedo no rosto dele. “Não quero vê-lo beijando mais garotas.”

Zumbi sorriu. “Quem sabe um dia.”

“Parece que você tem uma nova namorada”, disse Stephanie.

Então ela se virou para mim, mas não falou. Apenas olhou para mim. Ela parecia estar se divertindo. Finalmente ela disse, “Então. Estrela. O que você acha?”

Todo mundo olhou para mim.

“Acho de quê?”, disse eu.

“De se juntar ao harém do Perry?”

Não sei quanto tempo fiquei sentada lá parecendo uma estúpida antes de Dootsie finalmente me salvar. “O que é um harém?”, disse ela.

Rabo de Cavalo, a única ainda em pé, esticou a mão e pressionou o nariz de Dootsie como um botão. “Um harém é quando um monte de garotas gostam do mesmo garoto.”

Zumbi enfiou seu dedo na orelha do Perry. “Mesmo se o garoto é um desorientado.”

Rabo de Cavalo colocou a mão no meu ombro. “O Pequeno Perry ali não quer se comprometer com ninguém...”

“...Então ele fica semicomprometido com várias de nós”, disse Stephanie.

“Perry é um espírito livre”, disse Zumbi. “Ele não pertence a ninguém. Certo, Per?”

Perry manteve sua cara inexpressiva usual, mas eu podia dizer que ele estava gostando daquilo tudo. As piscadelas que eu recebia das garotas me fizeram imaginar se ele tinha contado a elas sobre nossa noite no telhado. Eu esperava que não.

Zumbi o cutucou. “Conte a ela seu apelido, Per.”

Perry fungou. “Conta você.”

Ela sorriu. “Dândi.”

Eu olhei para Perry. “Dândi?”

“Como em dandelião”, disse Zumbi.

“Como em flor”, disse Rabo de Cavalo. “Como em uma flor que atrai um monte de abelhas.” Ela olhou para as outras, sorrindo. “E nós somos... ta-dá!” Cada uma das três meninas içou uma perna sobre a mesa para mostrar tatuagens pretas e amarelas do tamanho de uma moeda de abelhas em seus tornozelos. Elas pareciam falsas, do tipo lavável. Esperava que fossem.

“E Dândi”, Zumbi beliscou sua bochecha, “é a flor.”

Rabo de Cavalo estalou os dedos. “Ei...”, ela apontou para mim. “*Estrela...*”, ela apontou para si e para as outras. “Nós poderíamos ser as... Estrelas do Perry!”

Stephanie e Zumbi batucaram na mesa.

“Sim!”

Stephanie estava me encarando. “Ela acha que estamos brincando.”

Rabo de Cavalo me estudou. “Pensa que estamos mentindo.”

Zumbi cutucou o Perry. “Estamos mentindo, Dândi?”

Perry olhou para mim. Ele assentiu. “Elas estão mentindo.”

“Eu minto”, disse Dootsie, mas sua confissão se perdeu na risada e nas pancadas brincalhonas que Perry recebeu das três garotas.

“Só tem uma coisa sobre Perry Dollaplane que é uma mentira”, disse Stephanie.

Eu mordi a isca. “É? O quê?”

“Ele realmente não foi para um campo de treinamento. Ele foi para...” Ela olhou para as

outras e balançou os braços como uma regente de orquestra, e na descida que inicia o compasso todas elas cantaram CAMPO DE ABUNDAMENTO e riram e bateram as mãos.

Dootsie estava cansada de ser ignorada, e agora ela via uma abertura. Ela escalou a mesa e ficou em pé na bandeja vazia de alumínio da pizza. “Eu tenho um bumbum!”, proclamou para todos, ergueu sua toga e começou a remexer uma dezena de pequenos Babars cinza vibrantes na nossa cara. Assobios e mais assobios vieram de todo o restaurante.

Eu me levantei. “Certo. Por hoje chega.” Eu a ergui da mesa. Ela protestou. As meninas também. “Já passou da sua hora de ir para cama”, eu disse a ela. “Seus pais vão me matar.”

Os clientes aplaudiram enquanto eu a carregava para fora. Enquanto passávamos pela porta, ela gritou por cima do meu ombro: “Eu venci!”.

No nosso caminho para a rua da Ponte, passamos pela lavanderia Laundromat. Havia uma senhora sentada do lado de dentro, lendo uma revista. Na frente dela, duas secadoras funcionavam. Por trás das janelas das portas, as roupas giravam, giravam...

Que nem eu.

25 de agosto

O tordo não me larga. O tordo não tem um harém. O tordo não leva nada, não exige nada. O tordo não faz nada além de oferecer sua canção. Após ouvir o tordo o dia inteiro, sinto como se tordês fosse agora minha segunda língua. Ofereço aqui a primeira tradução do mundo de tordês para inglês, conforme registrado:

“Ha ha ho ho hi hi! Espere até ouvir essa aqui. Beep! Beep! Sinto-me cantarolando. Bah bah bah bu! Elton John, sou melhor que você. Ei, a gangue está toda aqui! Ha ha ho ho hi hi! Você não me ama? Hey Hey, a gangue, hey, onde está a gangue? Quem precisa deles, afinal. Bababababaaaaa bababababooooo. Hey, ouvi um pássaro-gato outro dia mesmo. Olha só: miau miau. Acertei, não foi? Carnegie Hall, sou melhor que você. Hiihihahahoho. E agora, meninas e micróbios, minha imitação de um pássaro-vaca: Miaumu! Miaumu! Obrigado, obrigado. Não precisa se levantar para aplaudir. Você não me ama? Utcha, utcha, utcha!”

29 de agosto

Primeiro dia de escola. Agora sou uma jardineira aposentada. E Dootsie começa o primeiro ano. Espero que a professora dela tenha descansado bastante no verão.

As crianças da escola pública terão aula meio período. Não essa aluna de ensino domiciliar. Minha mãe não acredita em meios períodos. “Ou você tem um dia inteiro ou não tem nada”, diz ela. “O ensino é tão assustador que eles sentem como se tivessem que fugir dele? Ninguém se incomoda de cortar o tempo pela metade?”

Acho que tudo isso a levou à minha primeira tarefa do novo ano escolar...

EXCURSÃO:

O RELÓGIO DO PRÉDIO DA FOLHA DE LENAPE

Os relógios precisam ser círculos?

O tempo não é um círculo.

Suponha que a Mãe de Todos os Minutos começou bem aqui, na calçada

em frente ao Prédio da Folha de Lenape, e a parada de minutos que a seguiu – cada um deles, suponha, um centímetro mais longo – seguiu por aquele caminho, descendo a rua da Ponte.

Onde estaria o Agora? *Esse minuto?*

Lá depois da lua?

Depois de Júpiter?

Da estrela mais próxima?

Quem falou em minutos, de qualquer maneira?

Quem precisa deles?

Diga uma coisa boa que um minuto já fez.

Eles encurtam a diversão e medem a miséria.

Livre-se deles, eu digo.

Abaixo os minutos.

E enquanto faz isso, leve as horas com você também. Nem gosto de pensar nelas.

Relógios – esse é o problema.

Cada relógio é um ninho de minutos e horas.

Relógios nos limitam à forma deles.

Em vez de seguirmos para a estrela mais próxima, tudo que fazemos é nos movermos em espiral.

Relógios nos prendem aos minutos, fazem rodas-gigantes guiarem todos nós, nos manejam de novo e de novo

de número a número,
cortam o tempo de nossas vidas em pequenos pedaços
até que os pedaços sejam tudo que conhecemos
e a única pergunta importante de se responder seja:
“Que horas são?”

Como se os minutos pudessem dizer.
Como se o Arnold pudesse olhar para esse relógio
no Prédio do Lenape e ler:
15 minutos até me encontrarem.
Como se o tempo do Charlie não estivesse para sempre preso
em meia hora depois de Grace.
Como se um enxame de minutos ferroantes fosse esperar Betty Lou
pisar do lado de fora.
Como se o amor não conte o tempo inteiro o que os Huffelmeyers
precisam saber.

Minha mãe ficou surpresa com isso. Ela o colocou na geladeira. “Espere”, disse ela, e saiu. Ela voltou com seu relógio de pulso e um martelo. Nós saímos para os fundos. “Quer fazer isso?”, disse ela.

“Quero”, disse eu.

Coloquei o relógio no degrau de baixo. Acertei-o com o martelo. O cristal quebrou, e foi isso.

“Aqui”, disse ela, pegando o martelo de mim. Ela atacou como um lenhador e desceu o martelo, e o relógio ficou em pedaços. Minutos voaram como moscas.

Fiz o mesmo com o meu relógio. Pegamos uma espátula de jardinar e enterramos os pedaços. Descemos todos os relógios da casa e os jogamos no lixo.

“Eu não tenho que desmontar a Montanha do Calendário, tenho?”, disse eu.

“Não”, disse ela. “Aquele é o tempo real.”

30 de agosto

Mais duas luzes de varanda se juntaram à dos Cantellos no caminho para a Montanha do Calendário. Curioso.

1º de setembro

Cortei uma laranja ao meio.

Nos fundos do nosso jardim fica uma churrasqueira. Ela veio com a casa. Nós ainda não a usamos. Ela é feita de tijolos. A camada superior de tijolos é quase tão alta quanto eu. Foi lá que coloquei uma metade da laranja, a face cortada para cima.

3 de setembro

A própria Margie estava varrendo o chão hoje.

“Cadê a Alvina?”, perguntei a ela.

Ela se inclinou sobre a vassoura, suspirou, balançou a cabeça. “Eu a demiti.”
(É possível ser “demitida” de um trabalho que te paga em donuts?)

“O que aconteceu?”, disse eu.

“Brigou com aqueles garotos de novo. Já disse várias vezes a ela. Não traga esse problema para minha loja. Mais uma vez e você está fora. Ela não pode dizer que não foi avisada.”

“Ela é uma pestinha”, disse eu.

“Nem me diga.” Ela olhou fixamente para mim. “Então... quer um emprego?”

“Não esse.”

“Eu pagaria com dinheiro de verdade. *Mais* os donuts.”

“Amo seus donuts demais para ficar perto deles o tempo inteiro”, disse a ela. “Se trabalhar aqui, cheirá-los, comê-los todos os dias, eles deixariam de ser algo especial para mim. Quando entro pela sua porta quero me arrepiar.”

Ela olhou para mim como se eu fosse insensata. Deu de ombros, “Tudo bem, faça do seu jeito”, e seguiu varrendo. Pensei em Betty Lou. Quem levaria os donuts dela toda segunda-feira agora? Perguntei a Margie.

“O mesmo de sempre”, disse ela. “Nunca esqueceria da Betty Lou. Quando demiti a menina, ela disse que ainda viria pegar os donuts da Betty Lou às segundas-feiras.”

“Ótimo”, falei. *Muito bem, Alvina*, pensei.

“Parece que ela não está brava com você por demiti-la”, disse eu.

“Ela nunca fica brava comigo”, disse ela. “Ela sabe que não tolero nenhum disparate.”

“Então”, disse eu, “você conhece Betty Lou?”

“Claro. Nós nos formamos juntas. Ela era linda naquela época. Festival de Dogwood. Ela fazia parte da corte.”

“Ela me contou.”

“Deveria ter sido a rainha.”

“Sério?”

“Sério. O problema é que ela não era vistosa o suficiente. O cabelo dela era sem graça. Roupas simples. Nenhum glamour. Tímida. Nunca falava. A garota mais bonita da sala, mas você tinha que se esforçar para ver. É um espanto ela ter entrado na corte. Provavelmente recebeu os votos de todas as demais violetas tímidas.”

Margie estava no balcão agora, usando um marcador numa folha de papel. Ela o ergueu para mim. Ele dizia PRECISA-SE DE AJUDA. Ela pegou um rolo de fita adesiva e o fixou na janela da loja. Deu um soco na porta da frente. “Droga de menina. Ela era uma excelente varredora.”

5 de setembro

Falando em Alvina...

Recebi um telefonema da mãe dela hoje. Ela começou dizendo que Alvina “sempre fala bem” de mim e que eu parecia ser uma das poucas amigas dela atualmente. Disse que tinha gostado do jeito como lidei com a Calamidade da Unha Quebrada, e que estava muito feliz com meu trabalho no jardim, o que foi muito legal, mas me deixou me perguntando o que ela queria de verdade. Ela me perguntou se eu sabia que Alvina tinha sido “demitida” do emprego dela na Margie. Disse que sim, que tinha ouvido falar. Ela disse: Sabia que a Alvina foi mandada para casa pela escola hoje? Falei que não.

Ela disse: “Bem, ela foi. Foi suspensa por um dia”. A voz dela falhou na palavra “suspensa”.

“Consegue imaginar o motivo?”, disse ela.

“Por briga?”, falei, talvez rápido demais.

“Sim”, disse ela. “E o período letivo só está começando. Tenho medo de pensar no que vem pela frente. Ela parece estar ficando pior.”

Pensei no olhar de Alvina para Dootsie do outro lado da mesa na loja de Margie. Pensei na promessa dela de continuar entregando os donuts de Betty Lou mesmo depois de ser demitida. “Senhora Klecko”, disse eu, “sei que não é da minha conta dizer isso para você porque você já sabia muito antes de mim, mas a Alvina é uma boa menina. Acho que não há nada de errado que um pouco de tempo não cure. Acho que ela só está meio que presa entre bonecas e garotos.”

Houve uma pausa do outro lado do telefone. Tive a impressão de que a senhora Klecko estava se recompondo. Finalmente ela falou, “Obrigada. Também acho. Pelo menos espero que sim. Nesse meio tempo”, ela deu uma risadinha, “temos todos que passar por isso, não é?” Eu ri. “Temos sim.”

“Então... Tenho um grande favor para te pedir – e quero deixar claro desde já que insistiríamos em pagá-la por isso – o pai dela e eu estávamos imaginando se você estaria disposta a tomar conta de Alvina, por assim dizer. Por um tempinho. Talvez você consiga suavizar as pontas ásperas. Ela gosta de você.”

Eu não sabia o que dizer, então disse apenas: “Uau”.

“Desafiador?”

“Sim, acho que sim. Não é como me imagino, no comando de alguém. Não sei se quero tanta responsabilidade sobre outra pessoa.”

“Não é assim. Você não estaria ‘no comando’ dela. Não estamos pedindo que você comece algum tipo de programa. Só estamos pedindo para estar perto dela. Sair com ela. Levá-la com você aqui e ali quando for a algum lugar.”

“Então vocês não estão esperando, tipo, um campo de treinamento?”

Ela riu. “Não, não, por favor. Apenas seja você mesma, é só isso. A irmã mais velha sem o lado mandão. Com alguma esperança, ela irá absorver algo.”

Bem, eu ainda não estava confortável com a ideia no todo, mas finalmente disse sim, mas

somente se ela promettesse não me pagar.

Ela concordou. Então agora eu sou a – gulp! – irmã mais velha da Alvina.

6 de setembro

Todos os dias até agora vinha colocando metade de uma laranja no alto da churrasqueira. Hoje coloquei três casas abaixo na ruela dos fundos, no telhado de um galpão de ferramentas.

7 de setembro

Fomos ao shopping hoje – minha nova “irmãzinha” Alvina e eu em nossas bicicletas, Dootsie no carrinho dela atrás de mim. Elas tinham o dia de folga na escola, eu matei aula. Dootsie queria uma lancheira do Babar, o Elefante. Ela não queria levar o almoço para a escola dentro dela. Ela só queria carregar a lancheira.

Ela se esqueceu da lancheira assim que avistamos a Piercing Pagoda. “Eu quero uma argola no nariz!”, ela gritou, puxando-me para a baia no meio do corredor.

“Não”, eu disse a ela. “Você já tem as orelhas furadas. Sua mãe não iria deixar.”

Ela me abraçou. “Você é a minha chefe agora. Você pode dizer sim.”

Ela ligou o charminho. “*Por favooooor.*”

“Está desperdiçando sua carinha adorável”, respondi. “Além disso, eles nem furam narizes aqui.”

Ela bateu os pés no chão. “Caquinha.”

“Quero uma tatuagem”, disse Alvina. Quando eu estava me virando para responder, uma mão disparou e a acertou na nuca, e então três garotos saíram correndo. Alvina gritou: “Eu mato vocês!” e começou a correr atrás deles, mas ela sacudiu em um tranco, porque minha mão estava firme na parte de trás de sua gola. “Ai!”, ela gritou desafinada. “Você quebrou meu pescoço.”

“Desculpe”, falei. Naquele momento, fiquei feliz de ela não ser minha irmã de verdade.

Ela pegou minha mão. “Me larga.”

“Não, Alvina”, disse eu. “Você tem que deixar isso de lado. Você não é uma guerreira, é uma menina de 11 anos de idade.”

Dootsie cutucou a perna dela. “Você é um cereal humano.”

Os garotos já passavam da loja Tia Anne agora. Estavam nos encarando, rindo. Um deles era o garoto loiro, a foto atrás da porta do quarto dela. Ele é que havia batido nela. Em maio, no Festival de Dogwood, Alvina tinha batido nele. Deixado-o sangrando. Envergonhado. *Espancado por uma garota!* Outro garoto teria saído de fininho para casa, rastejado para baixo da cama e nunca mais teria saído. Mas ali estava ele, ainda com seus amigos, encarando sua algóz, empinando o nariz para ela. Eu gostava desse garoto.

Alvina puxava minha mão como um cachorro numa coleira. Ela apontou para o shopping. “Você tá morto! Mortinho da Silva!”

Eu passei meu braço em volta dela e a puxei para perto. Ela estava arfando.

Dootsie olhava para ela com medo e fascínio. “Você vai bater neles, Alvina?”

“Não”, disse eu, “Alvina não vai bater em ninguém. Alvina vai descobrir que garotos são pessoas também. Eles não são o inimigo. Alvina vai aprender que lutar não é a única maneira de lidar com eles.”

Peguei ambas as meninas pelas mãos e as levei na direção oposta dos garotos. Encontramos a lancheira da Dootsie e um DVD para Alvina. Foi um presente meu. Disse que ela podia escolher o que quisesse contanto que fosse na seção de comédia. Ela resmungou e tentou me levar para a seção de terror, mas finalmente cedeu e escolheu *O professor alopchado*.

Só comemos porcaria no almoço. Cheesecake de chocolate com cereja e vacas-pretas na Cheesecake Factory. (Eles não tinham smoothies de morango com banana.) As garotas sentaram na minha frente, do outro lado da mesa. Dootsie continuou tirando com a colher o chantilly do topo da bebida de Alvina. Continuei a dizer a ela para parar. “Você tem um monte do seu.” Ela me ignorou, rindo a cada novo roubo. Para minha surpresa, Alvina não pareceu especialmente aborrecida. Cada vez que Dootsie enfiava a colher no chantilly de Alvina, Alvina simplesmente roubava uma colherada do dela. E então Dootsie pegou a cereja da bebida de Alvina e a colocou na boca, e antes de Alvina poder retaliar, Dootsie devorou sua própria cereja também. Alvina bateu na mão dela com sua longa colher de cabo longo. A risadinha parou. Dootsie arregalou os olhos enquanto olhava descrente para a mancha de chantilly deixada em sua mão. Alvina agora estava se concentrando na sua bebida como se nada tivesse acontecido.

O lábio de Dootsie começou a tremer.

“Dootsie, vem aqui comigo agora”, falei. Puxei a bebida dela para o meu lado. Dootsie veio.

Nós comemos nosso cheesecake e bebemos nossas vacas-pretas em silêncio por um tempo. Então eu disse: “Alvina, você ouviu falar em tocar no inimigo?”.

“Não”, disse ela.

“É uma tradição dos índios americanos”, disse. “Quer saber o que é?”

“Não.”

“Certo, tudo bem. Eu te conto, então. Tem a ver com honra e a ideia de que existe mais honra em tocar do que em matar. Digamos que você faça parte de uma tribo e esteja em guerra com outra tribo. Se você matar um membro da outra tribo, isso seria uma grande honra para você. Se eles tivessem algo como troféus na época, você provavelmente ganharia o maior deles.”

Dootsie reclamou: “Não ganhei um troféu pela senhora Blob”.

Eu bati na mão dela com carinho. “Um dia.” Virei-me de volta para Alvina. “Mas havia uma honra ainda maior, uma honra que viveria para sempre. Se você quisesse essa honra maior de todas, você não mataria o outro guerreiro. O que você faria é se esgueirar até ele e apenas tocá-lo, talvez apenas encostar a ponta de sua lança no ombro dele por um segundo, e então pronto. E pelo resto de sua vida você poderia contar a história de quão corajosa tinha sido de chegar tão perto do seu inimigo e nem mesmo machucá-lo. E pelas próximas gerações seus filhos e bisnetos contariam sua história em volta de uma fogueira, e você se tornaria uma lenda.”

Dootsie estava prestando toda atenção e boquiaberta. Alvina bebia o final de sua vaca-preta de forma barulhenta, mas eu sabia que ela estava escutando. Me estiquei e toquei no ombro de Dootsie com a ponta do dedo. “Isso”, disse eu, “é chamado tocar o inimigo.”

Nós passeamos mais um tempo pelo shopping. Dootsie se cansou e me puxou. “Me carrega?” Eu a carreguei por um tempo, e assim que a coloquei de volta no chão, Alvina disse: “Me carrega?” Ri com a piadinha, mas o rosto dela estava inexpressivo como de costume, quando ela repetiu: “Me carrega?”.

Eu olhei para ela. “Está falando sério?”

“Tá bom então”, disse ela. “Não carregue.” E se afastou.

Agarrei-a, levantei e a carreguei pelo shopping enquanto meus braços aguentaram. Recebemos algumas olhadas estranhas, e Dootsie ficou cheia de ciúme.

No caminho para casa, quando Dootsie estendia o dedo e ele alcançava o ombro de Alvina, ela a ficava cutucando uma centena de vezes, dizendo a cada vez: “Isso é bom pra você?”. No fim, Alvina estava quase perdendo a luta contra o riso.

8 de setembro

Sabe que dia é hoje, Leo?

É nosso aniversário. Dois anos.

A primeira vez que nos vimos.

Dois anos atrás, no dia de hoje, há duas voltas ao redor do sol, entrei no refeitório da Escola de Ensino Médio de Mica com meu ukulele, cativada por um par de olhos me encarando, seus olhos, apavorados de que eu cantasse para você. E embora tenha passado pela sua mesa e seguido adiante para cantar para outra pessoa, deixei algo para trás com você: meu coração. É claro, você não sabia disso na época. Talvez nem eu soubesse. O que você fez com meu coração, Leo? Você cuidou bem dele? Você o substituiu?

10 de setembro

Acho que farei isso em uma espécie de telegrafia a partir de agora.

Torná-lo mais divertido para você.

L, é claro, corresponderá a Laranja.

Então vem o símbolo _, que significa Eu Coloquei Uma Hoje de Novo.

Depois (B), que significa o Beco atrás do Endereço da rua Seguinte.

Ou (Q), que significa Quintal.

Depois o Endereço da rua.

E aí (C) para Cerca.

Ou (P) para Poste.

Ou (OU) para Outra Coisa.

Então, por hoje...

L_(B)RappsDam219(C)

Entendeu? Hoje coloquei uma Laranja na Cerca do Beco atrás da rua Rapps Dam, 219.

Curioso?

Encantado?

12 de setembro

Fui ao centro da cidade comprar botões para minha mãe – ela está costurando fantasias para a produção de Os piratas de Penzance, do Teatro e Luz Popular – quando vi Perry. Ele vinha do Pizza Delícia, virou para o outro lado e caminhou até a rua da Ponte, então não me viu. Nós provavelmente éramos as únicas crianças nas ruas nessa quarta-feira de manhã: eu, a estudante de ensino domiciliar, ele, o matador de aula renegado.

Ele trazia uma fatia de pizza em uma das mãos, e um copo de papel na outra. Ele sacudiu a mão com a pizza e um pedaço de guardanapo flutuou para a calçada. Comeu a fatia de pizza em cerca de três mordidas. Pareceu comer metade da borda, então jogou o restante na rua. Tomou sua bebida e jogou o copo na sarjeta. Pude ouvi-lo arrotar. Tudo isso aconteceu no espaço de um quarteirão.

Eu estava fumegante. Gritei para ele: “Já ouviu falar em lata de lixo?”.

Ele se virou. Quando me viu, sorriu e acenou. “E aí.”

Caminhei até ele. “Eu disse, já ouviu falar em lata de lixo?” O sorriso dele desapareceu. Pegou uma barra de Snickers do bolso, puxou a embalagem pela metade e ofereceu para mim.

“Quer uma mordida?”

“Não”, disse eu.

Ele arrancou numa mordida metade da barra. Ficou lá parado mastigando na minha frente, me olhando. “Como vai a Dootsie?”, disse ele.

“Isso não é da sua conta”, disse eu.

Ele riu, cuspiendo pedaços de amendoim.

“O que achou tão engraçado?”, disse eu.

“Eu ia dizer exatamente isso.”

“Pode ser uma novidade surpreendente para você”, disse eu, “mas acontece que esse é o mundo onde vivo, então talvez seja da minha conta.”

Ele colocou o resto da barra na boca, amassou a embalagem e a jogou por sobre o ombro. Seus olhos nunca desviaram dos meus.

“Você está sujando o meu mundo”, disse eu.

Ele sorriu. “Você poderia dizer que estou sujando meu próprio mundo.”

“Exatamente.”

A língua dele veio para fora passou pela boca, esfregando o rastro de chocolate e molho de pizza.

“Exatamente”, disse ele. “E aí, não teve ensino domiciliar hoje?”

“Pare de ficar mudando de assunto.”

“Qual era o assunto?”

Ele começou a caminhar. Não tive muita escolha além de acompanhá-lo.

“O assunto é você e seus hábitos.”

“Meus hábitos imundos.”

“Seus hábitos imundos.”

“Eles incomodam você.”

“Pode-se dizer que sim.”

“Você tem algum hábito imundo?” A voz dele era firme e agradável. Você poderia pensar que estávamos discutindo sobre Ondine ou algo parecido.

“Está mudando de assunto de novo”, disse eu.

Ele estalou os dedos. “Esquece. Esse é outro hábito ruim que tenho, ficar mudando de assunto.” Ele colocou seu dedo no ar. “Certo... assunto... sujeira... sujeira...” Colocou o dedo nos lábios, fingindo ponderar. Olhou diretamente para mim.

“Muito bem. O mundo já é sujo. Que mal fará mais sujeira? Se o mundo é uma lixeira, então tudo é lixo.”

Ele deu de ombros. Sorriu. “Tá bem?”

Eu só olhei para ele. Ele inclinou o rosto para a frente e veio na minha direção. Por um instante, pensei que fosse me beijar, mas bateu na minha testa. “Olá, tem alguém aí?”

“Se o mundo é uma lixeira”, disse eu.

Ele agarrou minha mão e a sacudiu zombando. “Foi o que falei. Parabéns.”

“Mas o mundo não é uma lixeira.”

“Você quem está dizendo.”

“Mas você acredita nisso.”

“É o que acabei de dizer.”

Eu o encarei por mais um tempo. Não sabia por onde começar.

“Você está errado.”

Ele deu de ombros. “Me processe.”

“Você não pode acreditar...”

“Posso acreditar no que eu quiser.”

Ele continuou a caminhar. Eu o segui. Estava começando a perceber o quão pouco sabia sobre ele.

“Por quê?”, disse eu.

Ele riu. “Voltamos para onde começamos.” Ele forçou uma voz de menininho petulante: “Não é da sua conta”.

“E o que espera que eu faça?”, perguntei. “Que te dê parabéns? – ‘Muito bem, Perry’ – quando você rouba e suja a cidade?”

Ele sacudiu o dedo na minha cara. “Não espero que você faça nada. *É você quem está tentando me mudar.* Lembra-se? Até onde eu saiba, pode fazer o que quiser.”

“Menos criticar você.”

“Ei”, disse ele, “se é assim que quer passar a sua vida, continue a me criticar” – ergueu os braços – “fique à vontade.”

Ele virou seus olhos de um azul profundo para mim. “E de qualquer maneira...” Fez uma pausa estratégica. Estava sorrindo.

De repente, senti como se estivesse de patins. “O que foi?”

“Sei por que está fazendo isso.”

Eu parei. Ele se afastou.

“Fazendo o quê?”, disse eu. “O quê? Por quê?” Acho que estava balbuciando.

Lançou sua resposta tão alegremente quanto uma embalagem de chocolate sobre o ombro:

“Você sabe”.

14 de setembro

Anúncio na *Folha de Lenape*:

Ele diz que o mundo é um lugar ruim,
mas eu já o vi na prancha de mergulho,
o orgulho em seus olhos.

15 de setembro

Dori Dilson me escreveu e me contou onde você fará faculdade. Gosto de saber onde você está. Sempre saberei onde você está.

16 de setembro

L_(Q)RappsDam303(P)

22 de setembro

Não é uma quinta-feira, mas fui à Montanha do Calendário mesmo assim, porque hoje é o equinócio de outono. O começo do outono. Nesse dia o sol ao meio-dia está diretamente em cima do equador, o que significa que o dia e a noite são iguais. De agora até o solstício de inverno, a noite será mais longa que o dia. A luz está partindo.

Tive que pedalar firme para chegar à montanha na hora de prender o marcador de hoje. Mal consegui chegar antes do sol. Ainda estou me acostumando a viver sem relógios de parede e de pulso. O mais importante é me levantar na hora nos dias de marcar o calendário. Quando vou para cama na noite anterior, digo a mim mesma: *Quando o sol estiver a uma corrida de bicicleta de distância, eu o ouvirei. Ele soará como o vento na copa das árvores. Eu acordarei.* E funciona!

Meu pai não ficou muito feliz no dia em que chegou em uma casa sem relógios. “Como um leiteiro vai conseguir acordar às duas da manhã sem um despertador?”, disse ele.

Tivemos que concordar que aquela era uma boa pergunta.

“Bem, então imagino que você terá que dormir no porão”, disse minha mãe, piscando para mim. “Alarmes às duas da manhã não fazem mais parte da minha vida.”

Então meu pai comprou para si um relógio de pulso com um pequeno alarme que apita para acordá-lo de manhã, mas deixa a minha mãe dormir. Ele não aguentou nos ver quebrar seu antigo relógio com o martelo, então o deixou em um banco de parque para alguém encontrá-lo. Na verdade, ficou bastante à vontade com a coisa toda. Afinal, no último ano, mudou-se do Arizona para a Pensilvânia, e deixou de ser engenheiro eletrônico para ser leiteiro, então isso não foi grande coisa. Meu pai é muito flexível.

Todos esses pequenos obstáculos de lado, tenho que dizer que amo viver em um mundo sem relógios. Os grilhões se foram. Sou um filhote libertado em um campo de tempo. Enquanto assistia ao sol nascer essa manhã, tive uma nova sensação de afinidade com ele.

Algo primitivo se agitou dentro de mim, algo que me lembra o próprio nascer do sol. Antes havia minutos, cronogramas e calendários, antes havia mesmo palavras como “manhã”.

Dias até o solstício: 90

28 de setembro

Hoje peguei minha nova irmã, Alvina, para entregar leite. A mãe dela adorou a ideia. Ela estava esperando com Alvina no degrau da frente. Ela acenou enquanto sua filha subia no caminhão. “Divirtam-se!”, ela falou.

Tinha me esquecido que conseguir um lugar seria um problema, já que o assento auxiliar que meu pai tinha instalado para mim era a única provisão para passageiros. Alvina e eu nos apertamos no banco. “Não acredito que está fazendo isso comigo”, ela resmungou. “Ainda está escuro.”

Eu sorri e assenti para meu pai. Tinha dito a ele para não esperar a criança mais alegre do mundo. E então Alvina se levantou e, sem nenhum aviso, se jogou no meu colo. Em segundos ela estava dormindo, sua cabeça pendendo contra o meu ombro.

Ela não teve muito tempo para cochilar, já que meu pai logo estacionou o caminhão no Restaurante Vista da Serra. “Hora de tomar café”, disse. Eu meio que a carreguei, meio que a arrastei para o restaurante.

Pegamos uma mesa na janela. Alvina se afundou no lugar dela, resmungou “não acredito nisso”, e voltou imediatamente a dormir.

“Ainda acha que isso é uma boa ideia?”, disse meu pai.

Quando a garçonete veio e disse: “Café, pessoal?”. Acordei Alvina com uma sacudida. A garçonete deve ter se perguntado por que havíamos levado essa criança para sair no meio da noite.

“Alvina”, falei, “o que você quer beber? Leite? Chá?”

O queixo dela estava apoiado no peito, os olhos fechados. “Café.”

“Nada de café”, disse eu. “Você é criança.”

“Sempre tomo café”, ela murmurou. “Quero café.”

Sabia que ela estava mentindo. Sabia que crianças de 11 anos e cafeína não eram uma boa combinação. Mas esse dia inteiro seria desperdiçado se ela dormisse. Olhei para meu pai. Ele assentiu.

“Tudo bem”, falei para a garçonete. “Três cafés.”

Dez minutos depois, Alvina estava acordada e a garçonete estava colocando uma pilha de panquecas e bacon na frente dela. A garçonete tocou na unha de Alvina. “Estilosa.”

Alvina cortou as panquecas dela e fez sua cara de “quem te deu permissão”. “*Estilosa?*”

A garçonete agitou as próprias unhas sobre a mesa. “Olha só as minhas.” As dela eram de um vermelho profundo com rabiscos cor de rosa.

Alvina fez uma demonstração zangada de paciência e deu uma olhada.

“A minha é mais bonita”, disse ela, e voltou a cortar.

A garçonete franziu a testa, estudou suas unhas, assentiu e disse “Você tem razão”. Em seguida, me deu um sorriso breve e foi embora. “Aproveitem o café da manhã.”

Meu pai começou a comer seu pão doce grelhado e grudento. E apontou o garfo para a unha. “Muito impressionante. Aposto que faz os garotos virem correndo.”

“Odeio garotos”, disse Alvina. Ela começou a derramar calda de açúcar sobre as

panquecas.

“Garotos são ratos”, disse meu pai.

“Ei”, disse eu, “eu sou a mãe de um rato, por um acaso.”

“Desculpe, esqueci. Garotos são doninhas.”

A garrafa de calda estava metade vazia e ainda assim ela continuou a derramar. Eu a arranquei dela.

Sabia que meu pai estava tentando provocar Alvina, mas a reação não viria. Mesmo assim, abriu espaço: “Aos 10 anos, todos os garotos do mundo deviam ser virados de cabeça para baixo e uma minhoca devia ser largada em cada narina”.

Eu caí no riso. Cuspi metade do meu pão doce semimastigado em cima do meu prato. Alvina simplesmente continuou comendo, não ergueu uma sobrancelha.

Eu podia sentir meu pai se infiltrando. Ele não desistiria sem lutar. Meu pai tinha um tipo peculiar de radar que sentia a resistência a sorrir. Se houvesse alguém mal-humorado entre ele e o horizonte, ele parecia saber. Não apenas isso, sentia que tinha de fazer algo a respeito. Penso nisso como uma desordem obsessivo-compulsiva inofensiva. Além disso, havia o fator timidez. A maioria das crianças – assim ouvi dizer – perdia a fala diante de adultos. Mas meu pai tinha sido mal-acostumado – teve a mim falando em seu ouvido por dezesseis anos. E agora tinha a Dootsie. Não estava acostumado com uma criança não comunicativa.

“Existe uma teoria”, disse, mirando Alvina, que estava mirando suas panquecas, “de que garotos na verdade são de uma espécie diferente das garotas. Alguns cientistas acreditam que os garotos descendem de mamíferos pequenos e malcheirosos. Possivelmente gambás.”

Ele esperou uma resposta. Não veio nenhuma. Alvina derramou calda de açúcar no seu bacon.

“Então, Alvina...”, disse ele, “o que você acha?”

“Sobre o quê?”, disse ela de boca cheia.

“Sobre o que acabei de dizer.”

“O que você disse?”

Meu pai revirou os olhos. Acho que estava percebendo que esse poderia ser seu maior desafio até então.

Silenciosamente, murmurei para ele: te avisei.

“Então, Alvina...”, disse ele, “cordão legal.”

Ela não respondeu. Como sempre, o rosto sorridente do Ursinho Pooh contrastava com o dela.

“Você também tem uma unha do pé bacana?”

“Não.”

Eu sabia o que ele estava fazendo. Estava tateando em torno da concha, sondando um ponto fraco.

“Então, Alvina... você odeia garotos. Isso significa que odeia todos eles?”

“Sim.”

“Cada garoto do mundo?”

“Sim.”

“Incluindo eu? Eu sou um garoto.”

“Você é um leiteiro.”

“Ouvi dizer que tem um irmão. E quanto a ele? Ele é um garoto.”

“Ele especialmente.”

Meu pai assoviou suavemente. “Você é durona.” Apontou o garfo para as panquecas dela. “Posso pegar um pedaço?”

“Não.”

Ele fez um beicinho. “Nem um pedaço pequenininho?”

Alvina ergueu os olhos de seu prato e mirou diretamente nos olhos dele. Ela enunciou ferozmente: “*Não.*”

O garfo recuou. Isso era mais divertido que o Blob.

Meu pai me enviou um olhar e um sorriso e começou de novo. “Então, Alvina... sei que você odeia todos os garotos, mas aposto que existe um garoto especial. Um que você odeia mais do que todos os outros juntos, certo?”

Alvina apenas mastigou por um tempo. Então deu de ombros.

“Talvez.”

“Ele vai para a escola com você?”

“Talvez.”

“Você pensa nele de vez em quando? Quero dizer, em quanto você o odeia? Pensa em como gostaria de torturá-lo? Como, por exemplo, despejar um carrinho de mão cheio de formigas que mordam em cima dele? Coisas assim?”

Ela deu de ombros. “Talvez.”

“Bem”, disse ele, “sei como você se sente. Odiei alguém assim uma vez.”

Ela enfiou o último pedaço de panqueca na boca.

“É?”

“Sim. Estávamos no sétimo ano. Ela estudava na minha sala. Eu a odiava mais do que a qualquer pessoa no mundo.”

“Sério?”

“Sim. Sabe o que fiz com ela?”

Ela estava prestando atenção total nele. “O quê?”

Ele sorriu. Apontou para seu dedo anular. “Casei com ela.”

Queria ficar em pé e aplaudir, mas me contive. Alvina apenas revirou os olhos e torceu o nariz, como se um cheiro ruim tivesse entrado pela porta.

Meus olhos pousaram acidentalmente no relógio em cima da estante de tortas. “Pai, já estamos atrasados.”

Mas meu pai não queria parar. Assim como eu, ele não sabia quando havia chegado ao limite.

“Então, Alvina... quantos anos você tem?”

Ela derramou calda no resto de seu café frio. Nós não a tínhamos deixado tomar um refil.

“Tenho 11 anos e três quartos.”

“Tem certeza de que não é 11 anos e quatro quintos?”

Ela deu de ombros. “Pode ser.”

“Bem”, disse com desânimo exagerado, “isso é péssimo.”

Ela tomou um gole de café frio com calda de açúcar, decidiu que havia gostado e tomou o restante. Então olhou para ele, debatendo se faria ou não a pergunta óbvia. Ela fez. “Por quê?”

Ele balançou a cabeça com tristeza. Se não conhecesse meu pai, pensaria que tinha acabado de vir de um funeral. “Por quê? Porque está chegando ao fim de uma época linda, maravilhosa. Sua infância está quase no fim. Sabe o que acontece depois, não sabe?”

Alvina não havia aprendido nada com a experiência – ela se levantou para morder a isca outra vez. “O quê?”

“Doze. É isso que acontece. E sabe o que vem depois?”

Ela não queria de fato responder uma pergunta tão idiota, mas não podia se conter para descobrir aonde levaria esse nonsense. “Treze”, disse ela.

Meu pai estalou os dedos e apontou para ela. “Exatamente! Em outras palavras, você se torna uma adolescente.” Suspirou cheio de pesar.

“Uma pena.”

Alvina olhou para mim, para ele. “Por quê?”

“Por quê? Porque você sabe o que eles dizem.”

“Eles quem?”

Pensei: *Marque um ponto para você, menina.*

Meu pai ignorou a pergunta. “Eles dizem que adolescentes não prestam. Eles deixam de ser criancinhas bonitas e fofas para se tornarem monstros que querem ficar fora até tarde e caminhar um quarteirão à frente de seus pais.”

Fiquei um pouco desconfortável. Sabia que meu pai só estava brincando com ela, tentando provocá-la, mas não tinha certeza de que Alvina sabia disso. Ela olhou demoradamente para mim. Acho que, dessa vez, ela me viu. Ela parecia prestes a dizer alguma coisa, e juro que pude ver as palavras se formando do outro lado de seus lábios: *A Estrela até que presta*. Mas elas nunca saíram. Ela brincou com a colher na xícara vazia de café. Balançou a cabeça.

“Não eu.”

Meu pai e eu fomos pegos de surpresa. A colher girou na xícara. Finalmente meu pai a incitou. “Você não?”

A brincadeira com a colher não parou. Ela olhou para a xícara. “Não. Sou o inverso. Sou uma criança que não presta, mas serei uma adolescente maravilhosa.”

Sei que não aconteceu dessa maneira, mas parecia que o restaurante inteiro estava prendendo a respiração, como se sentisse que algo memorável tinha acabado de ser pronunciado e que ele precisava ser adequadamente emoldurado em silêncio. Meu pai e eu olhamos um para o outro. Lutei contra as lágrimas. Alvina voltou a brincar. Por fim, meu pai se esticou sobre a mesa e cobriu as mãos dela com as suas. “Acho que você tem razão, Alvina. Exceto por um detalhe.”

Ela não olhou para cima. Ela não precisava dizer “O quê?”

“Você presta sim.”

Ela se virou para o outro lado. Olhou pela janela para a noite.

Seguimos caminho então. Expliquei o trabalho de Alvina para ela: ela buscava os bilhetes com os pedidos e garrafas usadas nos degraus da frente dos clientes, ela lia os bilhetes para

mim, encheria o carrinho, e meu pai o entregaria. Na primeira casa, a casa dos Turners, ela pegou o carrinho que eu tinha acabado de encher e disse: “Deixe que levo”. Meu pai não hesitou: “Vá em frente”. E então, ela saiu atrapalhada com o pedido até a caixa no degrau da frente dos Turners. Daí em diante, contanto que a entrega fosse externa, era Alvina quem a fazia.

Estávamos ficando atrasados, e o céu começava a se acinzentar no leste quando estacionamos na rua White Horse, 214, a casa dos Huffelmeyers. 1 litro de leite, 1 litro de achocolatado. Falei para Alvina ser bem silenciosa, nós iríamos entrar. Enquanto meu pai acendia a luminária franjada na mesa, ela me surpreendeu pela segunda vez naquela manhã – ela tirou os sapatos. A princípio, ela ficou atrás de mim enquanto eu apontava minhas fotos favoritas na galeria de fotos de família nas salas de estar e jantar. Depois, ela seguiu sozinha, se movendo pelas salas de uma foto para a outra.

Quando meu pai voltou da cozinha e a tocou no ombro, ela o ignorou. “Pai”, sussurrei, “espere.” Ela estava completamente perdida nas gerações dos Huffelmeyers. Diversas vezes ela esticou a ponta do dedo e tocou a foto. Esperamos provavelmente uns bons dez minutos (pela hora do relógio) antes de finalmente pegarmos seus sapatos e a arrastarmos para fora.

O sol nasceu. Pensei que a luz do dia inibiria Alvina, mas não inibiu. Ela continuou a sentar no meu colo. E parecia orgulhosa de haver pessoas vendo-a trabalhando como uma entregadora-mirim de leite.

Nós almoçamos (café da manhã para pessoas no horário comum) no Creamery, onde meu pai retomou seus esforços de zombar garotos para fazê-la rir. “Quando um garoto bebê nasce, o médico bate na cara dele em vez de na bunda.”

“Qual a diferença entre tartarugas e garotos? Tartarugas têm cérebros.”

“Se você subtrai todos os garotos do mundo, você consegue um A em matemática.”

Meu pai continuou pelo resto do percurso após o almoço.

Para a frustração crescente dele e para o próprio crédito dela, Alvina nunca abriu a guarda.

Quando a levamos de volta para a casa dela no meio da tarde, ela desceu do meu colo pela última vez. Começou a andar, então se inclinou de volta e sussurrou no meu ouvido: “Seu pai é maluco ou o quê?”.

29 de setembro

L_(Q)RappsDam1334(C)

5 de outubro

Meditei nessa manhã na mesa de piquenique no parque onde Dootsie entrou na minha vida. Demorei mais para começar do que de costume, porque não conseguia parar de pensar nas palavras de Alvina. *Eu não presto*. É claro, amei as palavras que vieram depois, e espero que ela realmente acredite nelas; mas por agora, se definir como alguém que não presta pelo próximo ano ou coisa assim, bem, apenas desejava que não precisasse ser desse jeito. Mas, afinal, pensamento por pensamento, comecei a desaparecer. Aqui, agora, Alvina, Estrela – tudo evaporou como bolhas de espuma de refrigerante.

Estava fora de mim. Estava em lugar algum. E em todos os lugares. Nenhum Quando. Nenhum Depois. Somente o Agora. A existência em um estado tão puro que a memória não consegue um lugar onde se agarrar. Quanto mais sucesso tenho em uma meditação, menos eu me lembro dela. E não me lembro de absolutamente nada na minha meditação de hoje, somente da minha entrada nela, enquanto meus últimos pensamentos sobre Alvina se dissolviam, e minha saída dela, quando abri meus olhos para descobrir...

Perry!

Sentado perto de mim.

Estava sentado com as pernas cruzadas, suas mãos, de palmas para cima, em concha no seu colo, costas eretas, ombros retos, olhos fechados. Assim como eu. Ele estava zombando de mim? Ou vinha fazendo isso há anos?

Olhei para ele, esperando. Nenhum tremor em suas pálpebras. Pensei em você e em mim no deserto, quando te dei sua aula de meditação. Senti uma angústia repentina por você. Era tudo tão novo (tanta coisa em mim era nova para você!). Você não entendia, não era bom naquilo, mas tentou, deu seu melhor. Por mim, acho.

Quando Perry finalmente abriu os olhos, continuou olhando diretamente para a frente, como se eu não estivesse lá.

Eu disse: “Você mentiu.”

Somente os olhos dele se viraram na minha direção. “Hein?”

“Você mentiu. Disse no telhado que não medita.”

“Tem razão. Eu menti.”

“Você não vai nunca para a escola?”

“Você vai?”

“Estou na escola”, disse eu. “Isso é parte do meu ensino domiciliar.”

“Meditação Avançada?”

“Elementos da Nulidade. Acho que jamais serei tão boa quanto quero.” Estava imaginando se em algum momento ele se viraria e realmente olharia para mim. “Está zombando de mim?”

Ele se virou. “Não.”

“Você faz muito isso?”

“Não.”

“É bom nisso?”

“Sim. Muito.”

Acreditei nele. “Então é assim que você escapa da porcaria de mundo onde vive?”

Ele deu de ombros. “Acho que sim.”

“E o telhado.”

“E o telhado.”

Olhei em volta. “Bem, parabéns. Você está aqui já faz um tempo e ainda não sujou o lugar.”

Ele ergueu um dedo no ar. “Isso me lembra.” Ele pegou um pacote de chiclete no bolso. Puxou a goma e a ofereceu para mim. Eu disse não, obrigada. Tirou a embalagem e o enfiou na boca. Amassou a embalagem. Olhou em volta. Sorriu. Entregou-a para mim. Eu a peguei e coloquei no meu bolso.

“Sério”, disse eu: “Você não fica encrencado por não ir à escola?”.

“Eu vou”, respondeu. “Só fico muito doente. Sou fraco.”

“Ou só está escapulindo do seu harém, Dândi?”

“Um cara precisa tirar uma pausa.”

“Então como isso funciona, Dândi? Você sai com uma de cada vez? Ou com todas ao mesmo tempo?”

Ele balançou o dedo. “Isso é sigiloso. Segredos do harém.”

“A quantidade é classificada também? Quantas abelhas existem? Só as três que eu conheci no Pizza Delícia?”

“Só elas”, disse ele. “Mas não existe um limite. Tem uma vaga aberta para a número quatro. Quer se candidatar?”

“Desculpe”, falei. “Não faço o tipo garota de harém.”

“Você começaria a usar uma tatuagem de abelha.”

Eu desfaleci. “Onde eu assino?”

Ele riu. “Então você é do tipo garota de um cara só, hum?”

Não sou boa em bancar a recatada, mas estava tentando. “Talvez.”

“Leo do Arizona?”

Ele se lembrava. Isso significava alguma coisa?

“Você tem uma boa memória.”

“O garoto que te largou.”

“Eu nunca falei isso.”

“A Dootsie falou.”

“A Dootsie mente. Ela admite isso.”

Ele olhou para o outro lado do parque. “Bem, de qualquer modo, largada ou não, ele está lá... E você está aqui.” Ele esticou os braços. “Bem pertinho.”

Tive uma premonição daqueles braços me envolvendo. E uma lembrança de você. “Quantas maravilhas devo estar perdendo.” Disse com um desânimo fingido. “Eu e meus princípios tolos anti-harém.”

Ele virou aqueles olhos de um azul profundo para mim. “Sim. Que pena.”

As palavras se encaixavam em nosso roteiro flertivo e sarcástico, mas seus olhos disseram algo além. Ainda estávamos sentados de pernas cruzadas na mesa de piquenique. Nossos joelhos se tocando. Senti a necessidade de continuar conversando.

“Então essa é uma viagem de recrutamento, é? Está tentando fazer eu me inscrever?”
Ele simulou um rosto de inocência. “De onde tirou essa ideia? Por que eu iria querer fazer isso?”

“Isso foi respondido lá no Pizza Delícia: você me acha fascinante.”

“Stephanie disse isso. Eu disse ‘interessante’.”

“Então”, cutuquei seu joelho, “o que você acha tão fascinante em mim?”

“Interessante.”

“Prefiro fascinante.”

Ele fingiu pensar. “Bem, para começo de conversa, você não é uma garota típica.”

“Nenhuma novidade. Já tinha te falado isso naquela noite no telhado.”

“Você estava certa.”

“E você estava errado.”

Ele suspirou. “Minha culpa.”

“Então”, disse eu, “como não sou típica?”

“Quer que eu seja específico?”

“Quero minúcias. Quero detalhes. Quero adulação.”

Ele se virou noventa graus, de modo que agora estava me vendo de lado. Seu olhar era um laser azul que parecia descascar a minha pele.

“Você tem sardas sobre o nariz. Elas se derramam um pouco sobre suas bochechas.”

“Nhé. Sardas são comuns.”

“Onze.”

Eu fiquei de queixo caído. “Você as contou?” Eu mesma nunca as tinha contado.

“Na biblioteca naquele dia. Enquanto estava gritando comigo.”

“Você estava cuspidando sementes de limão pela biblioteca inteira. E não gritei. Eu te dei uma bronca. O que mais?”

Ele me encarou mais um pouco. Eu estava desconfortável de ser um alvo de perfil, então girei noventa graus. Agora estávamos frente a frente, joelho a joelho.

“Você não usa etiquetas de marca.”

“Odeio etiquetas.” Dei uma olhada nele. “Acho que você as odeia também.”

Ele pareceu estremecer com aquilo, depois simplesmente disse: “É”.

Eu me arrependi das minhas palavras assim que as pronunciei. A camisa que estava vestindo era a mesma de sempre que eu o via. Ele morava em um espaço pequeno atrás de uma loja de reparo de bicicletas e cortadores de grama. Ele roubava comida. Revirava contêineres de lixo. Ódio não tinha nada a ver com Perry Delloplane e etiquetas. Era simplesmente pobre.

Tive vontade de me desculpar, mas ele diria “Por quê?” e eu teria de responder, e estava com medo de falar do assunto abertamente. Então tentei nos conduzir de novo ao terreno seguro.

“É isso então? Etiquetas e sardas?”

“Você não é narcisista. Não mexe no cabelo a cada dez segundos. Não se olha no espelho a cada cinco minutos. Não usa maquiagem.”

“Eu fiz minhas sobrancelhas uma vez.”

“Não recentemente.”

Nós rimos.

“Não age como se fosse deslumbrante.”

“Apesar de eu ser, certo?”

“Não, você não é.” Ele disse isso de modo casual, eu sabia o que ele queria dizer. “Nem a maioria das garotas. Mas isso não as impede de agir como se fossem.”

“Espere um momento. Vamos voltar à parte em que eu não sou deslumbrante.”

Suas sobrancelhas se arquearam de forma inocente. “Algum problema?”

Ele tinha feito eu me sentir hesitante novamente. Falar com esse garoto nunca saía do jeito que eu queria. Dei de ombros. “Bem, acho que não. Não se a beleza estiver nos olhos de quem vê – e você é o único observador que vejo por aí.”

Ele assentiu. “Ótimo.”

“Então”, disse eu, “deixa eu entender isso direito. Sou típica porque não sou deslumbrante, e não sou típica porque não ajo como se fosse deslumbrante.”

“Algo assim.”

“Então... se não sou deslumbrante, o que eu sou?”

Ele sorriu. “Está me pedindo uma etiqueta?”

Eu sorri. “Touché.”

Ele fez uma bola com seu chiclete e a estourou.

“Qual é o sobrenome dele?”

Eu recuei. “O quê? De quem? De onde veio isso?”

“Leo do Arizona. O cara que não te largou.”

“Ainda não terminei a outra conversa. Quero saber mais razões de você gostar de mim.”

Ele ergueu um dedo de alerta. “Eu... eu disse que você é interessante...”

“Fascinante.”

“...fascinante. Nunca disse que gostava de você.”

Fingi que limpava o suor da testa. “Ufa. Isso é um alívio. Porque também não gosto de você. Não seria desagradável se não concordássemos nisso?”

Ele cuspiu seu chiclete. “Desagradável.”

“Borlock.”

Ele assentiu, sorrindo. “Leo Borlock.” Ele puxou outra goma de mascar. Entregou-me a embalagem. “Leo Borlock, hum?” Ele pareceu mascar tanto o chiclete quanto o nome. Senti uma enxurrada de perguntas sobre você vindo, mas em vez delas, disse: “Ah, sim, o calendário”.

“Hein?”

Uma conversa com Perry Delloplane é tão direta quanto o caminho de uma bola de futebol.

“Seu calendário. Isso é bastante atípico também.”

“Sério?”, disse eu. “Não acha que muitas garotas enterram uma espátula no campo de um fazendeiro toda semana e no final do ano dão corda em um grande relógio de sol artesanal para celebrar o solstício de inverno? Não acha?”

“Nem garotas nem garotos.”

“Então você está impressionado.”

“Mais ou menos.”

“Só mais ou menos?”

“Mais pra mais do que pra menos.”

“E seu planeta imundo tem um solstício? O sol chega a nascer no Mundo Sujo?”

Sua resposta não foi o sorriso e a piada que eu esperava, apenas: “De vez em quando”.

“Bem, sendo assim”, pausei, me arrisquei, “tenho um trato para você. Gostaria de se juntar a essa garota impressionante e fascinante da próxima vez que ela for colocar um marcador de nascer do sol na Montanha do Calendário?”

Ele não hesitou. “Claro.”

Eu me lembrei de esperá-lo naquela manhã de agosto, esperançosa. Lembrei a mim mesma que não o tinha convidado especificamente daquela vez. Não cometeria o mesmo erro agora.

Eu toquei em seu joelho. “Quinta-feira de manhã. Hoje é sexta-feira. Daqui a seis dias. Consegue se lembrar?”

“Consigo contar até seis.”

“Antes do sol nascer.”

“Antes do sol nascer.”

Eu disse a ele onde ficava. Nunca o tinha visto numa bicicleta.

“Consegue chegar lá?”

“Sim.”

“Consegue acordar cedo o suficiente?” Sabia que estava forçando demais, mas não pude me conter. “Tem um despertador?”

“Não preciso de despertadores.”

“Nem eu”, falei. “Moro em uma casa sem relógios.”

“Eu também.”

Eu acreditei nele. Acho que ele seria uma pessoa sem relógio, fosse rico ou pobre. Nós parecíamos ter muitos pontos em comum. De repente, me senti no clima de flertar de novo. “E aí, ficou com ciúmes?”

Dessa vez ele é que estava de guarda baixa. “Hein?”

“Do Leo?”

Ele sorriu. “Sem comentários.”

“Sabe”, disse com um ar metido, “o Leo disse a mesma coisa para mim uma vez, na primeira vez que tive uma conversa real com ele.”

“Sério?”

“Sério. Ele já estava tocado pela estrela, digamos assim. Tinha enviado um cartão de dia dos namorados e torcido a orelha dele no refeitório e, você sabe, simplesmente o dominado com meus charmes. Acho que sabe o que quero dizer.”

“Certo.”

“Certo. Mas ele era tão tímido e tinha pavor total de mim. Ainda não tinha falado uma única palavra comigo. E aí, nessa noite, olhei para fora da janela e o vi caminhando para cima e para baixo na rua em frente à minha casa, tentando se acalmar para tomar uma atitude.”

“E ele tomou?” A expressão e a voz de Perry diziam *Não estou realmente interessado*, mas eu sabia que aquilo era uma máscara.

“Não. Então eu tomei. Assim que abri a porta da frente, ele se escondeu atrás do nosso

carro na entrada da garagem. Nós conversamos, mas nunca nos olhamos. Pelo menos não diretamente. O Canela correu por debaixo do carro e foi até ele. Pelo menos o Canela o viu. Perguntei se achava que eu era bonita.”

“O que ele falou?”

“Essa é uma pergunta tola. Um *Sim!* retumbante, é claro. Aí perguntei se achava que o Canela era bonito também, e foi então que ele disse: ‘Sem comentários’”.

“Você se lembra de tudo o que as pessoas dizem a você?”

Eu olhei firmemente nos olhos dele. “Tudo o que *algumas* pessoas dizem para mim.”

Ficamos em silêncio. Simplesmente olhamos um para o outro, sentados de pernas cruzadas na mesa de piquenique. Como nas minhas meditações, não tive consciência do tempo passando, somente a sensação de ar entre nós eletrificado com os olhos.

Quando descemos da mesa, percebi, para minha surpresa, que estava mascando um chiclete. Nós caminhamos pelo parque, e acho que ficamos ambos aliviados de conduzir nosso papo a assuntos seguros, conversinha inútil, qualquer coisa menos nós mesmos.

6 de outubro

Sei que você tem perguntas, Leo. E sei que está ocupado com outras coisas na faculdade. Então as perguntarei por você:

VOCÊ: Você gosta dele?

EU: Sim.

VOCÊ: O ama?

EU: Próxima pergunta.

VOCÊ: Ouvi dizer que ele contou suas sardas.

EU: Contou! Acredita nisso?

VOCÊ: Ele gosta de você, não gosta?

EU: Hum... sim.

VOCÊ: Sim, mas?

EU: Ele é um espírito livre. O apelido dele é Dândi. Ele tem um harém.

VOCÊ: E você o quer inteiro para si.

EU: Eu não disse isso.

VOCÊ: Talvez tenha medo de que se você se aproximar demais dele, ele a abandone.

EU: Talvez.

VOCÊ: Como eu fiz.

EU: Preferia que não colocasse dessa forma.

VOCÊ: Mas foi o que fiz. Eu te larguei. E sinto muito. Me arrependo disso agora.

EU: Ei, chega! Esta é a minha entrevista fantasiosa. Eu é que criarei suas falas.

VOCÊ: Sinto muito.

EU: Falando em sentir, por que não me pergunta se sinto pena dele.

VOCÊ: Você sente pena dele?

EU: “Pena” não soa direito. Talvez “afeto”.

VOCÊ: Você gostaria de consertar a porcaria de mundo dele?

EU: Não posso consertar o mundo dele. Talvez possa consertar ele. Um pouquinho, pelo menos.

VOCÊ: Como?

EU: Ah, não sei. Talvez só de estar por perto. Ele me passou as embalagens de chiclete ontem. Já é um começo.

VOCÊ: Consertar uma pessoa, algumas pessoas poderiam te chamar de intrometida.

EU: Que seja.

VOCÊ: Então, com esse tal de Perry aí, do que estamos falando? De um projeto de recuperação ou do início de um romance?

EU: Vou deixar você decidir.

VOCÊ: Está surpresa de ele não ter tentado te beijar ainda?

EU: Sim.

VOCÊ: Quer que ele te beije?

EU: Sim.

VOCÊ: E quanto a mim?

EU: Sem comentários.

7 de outubro

L_(Q)Birch210(C)

8 de outubro

Encontrei Alvina na escola. Fiz a atividade infantil mais básica possível: levei-a ao Pizza Delícia. Rezei para os meninos inimigos dela não aparecerem. Eles não apareceram. Ela teve uma pequena crise porque um cogumelo da minha metade da pizza contaminou sua metade de pepperoni. Fora isso, ela foi inofensivamente desagradável. Seguindo as instruções da senhora Klecko, simplesmente tentei ser eu mesma. Tenho a sensação de que não estou conseguindo influenciá-la.

9 de outubro

Margie tem uma nova ajudante. Uma mulher. Ela faz o que Alvina fazia – varre, ajuda na cozinha, mantém o café saindo. Exceto pelo fato de que ela recebe em dinheiro de verdade, não donuts. O nome dela é Neva. Margie nos apresentou dizendo que sou “sua melhor cliente”.

“Oi”, disse eu. “Nome elegante.”

“Obrigada”, disse ela, e voltou para a cafeteira. Não exatamente sociável. De repente, a mal-humorada da Alvina não parecia tão ruim.

Neva parece estar no fim de seus 30 anos, perto dos 40. Seu cabelo castanho é comprido e encaracolado, e raiado com mechas douradas. Ela usa brincos pendentes e quilos de maquiagem. Pode-se dizer que ela é glamorosa (do pescoço para cima), mas você praticamente não nota porque ela é muito tímida. Ela não fala. Ela não olha para Margie quando Margie fala com ela. Ela não olha para cima quando a porta tinge e alguém entra. Ela usa um diamante enorme e espalhafatoso que deve ser falso. Ela usa vestidos largos. Acho que ela precisa, porque está grávida. Bastante.

10 de outubro

Amanhã é quinta-feira. Dia de Montanha do Calendário.

11 de outubro

Ele não apareceu. Não acredito.

Desta vez não fiquei de bobeira esperando por ele. Firmei o marcador e corri de volta para casa. Disse a minha mãe que estava com vontade de dar um passeio. Pedalei até a casa de Betty Lou. O sol só agora estava aparecendo. Eu sabia que ela ainda dormia, mas não me importei. Toquei a campainha até que ela abriu a porta e ficou tão espantada quando me viu que deu um passo para fora da porta. Quando percebeu onde estava, ela tremeu, me puxou para dentro e bateu a porta.

“Estrela, qual o problema?”

Comecei a contar.

“Espere...”, disse ela, e me levou pela mão até a cozinha. Fez café e serviu os donuts. Sentou-se no final da mesa, na minha frente. Então arrastou outra cadeira e a colocou ao seu lado, para mim. Segurou minha mão. Esfregou-a. Estudou meu rosto. “Nunca vi você com tanta raiva. Pensando bem, nunca nem te vi com raiva.”

Ela me estudou um pouco mais. Curvou as mãos sobre minhas orelhas, afastou-as, colocou-as de volta, afastou-as.

“Estou fazendo sinais de fumaça com o vapor saindo das suas orelhas.”

Um ataque de riso escapou antes que pudesse impedir. “Não me faça rir, Betty Lou. Não estou no clima.”

Ela me deu um sorriso. “Eu sei. Às vezes faço graça das coisas na hora errada. Deve ser porque acho que alguém com sorte o suficiente para ter um tordo do lado de fora da janela nunca pode ter um dia ruim.” Ela bateu de leve na minha mão. “Então... me conte.”

Disse a ela sobre o dia na mesa de piquenique e sobre a ausência de Perry hoje.

“Estou tão brava que quase não parei aqui. Quase pedalei o caminho inteiro até a casa dele.”

“Então você está se sentindo largada de mão. Conhece essa expressão? Ela é antiga.”

Eu assenti. “Conheço. Sim. Me sinto largada de mão.”

“Porque ele disse que te encontraria e não foi.”

“Sim.”

“E você não pode acreditar nisso porque no outro dia estava realmente soltando faíscas, por assim dizer.”

“Sim.”

Ela empurrou os donuts para a minha frente. Eu balancei a cabeça.

“Tô sem fome.”

Ela suspirou – “O amor triunfa sobre o apetite” – escolheu um para si e deu uma mordida.

“Não é amor”, falei. “Quer dizer, não sei o que é isso.”

Ela mastigou, pensando. Olhou-me nos olhos com uma intensidade suave. “É mais do que raiva, não é?”

Eu pisquei. “É?”

“Você está confusa.”

“Sim.”

“Desorientada.”

“Sim.”

“Uma das minhas palavras favoritas de todos os tempos: desorientada. Soa exatamente como o que ela significa, não soa?” Ela se levantou, ergueu os braços, olhou para o teto com o olhar mais puro de desorientação que eu já tinha visto, e gritou: “Desorientada!”

Balancei a cabeça, rindo, apesar do meu estado. “Inacreditável, Betty Lou. Eu entendi.”

Ela se sentou novamente, murmurando, “Desorientada... desorientada...” sob a respiração. Ocorreu-me que Betty Lou às vezes ficava teatral porque, confinada na casa dela, ela era seu melhor entretenimento.

Ela ficou séria outra vez. “É claro que está desorientada. Como não estaria? Ele a procura e se esgueira para seu lado durante sua meditação – que, aliás, foi algo muito impressionante de se fazer – e te envia todos os tipos de sinais românticos – e depois quebra a promessa dele e não aparece no seu encontro na Montanha do Calendário.”

“Parece que esse é o jeito dele”, disse eu. “Ele até tem uma reputação por isso. As garotas de seu harém o chamam de espírito livre.”

Ela assentiu. “Bem, você sabe o que dizem – um espírito livre não tem namoradas permanentes.”

“Não estou pedindo por permanência”, disse eu.

Dessa vez seu olhar foi intenso sem suavidade.

“E pelo que você está pedindo, Garota da Galáxia?”

Boa pergunta.

“Não sei. Alguma coisa. *Algo*. Em vez de nada.”

“Pera um minuto”, ela balançou seu dedo para mim, “você não está sendo um pouco injusta com ele? Não é nada. É o Perry. Qual o sobrenome dele?”

“Delloplane.”

“É o Perry Delloplane, e o que quer que venha no pacote. É o que é. Talvez você esteja forçando a barra para colocar um nome nisso.”

“Etiquetas”, disse eu.

Ela assentiu. “Exatamente.”

“Disse a ele que odeio etiquetas. Talvez eu estivesse me enganando.”

“Ou talvez esteja meramente desconfortável com a incerteza. Como o resto da raça humana.”

“Então, pelo menos eu tenho companhia.”

Betty Lou riu. “Um monte. E isso significa que está sentando em uma sala de aula com bilhões de colegas, tentando aprender a mesma lição que o restante de nós.”

“Que é?”

“Que é: Como Ficar Confortável com a Incerteza.”

Esperei por mais. Tudo que ela disse foi: “Esquento o seu café?”

“Não”, disse eu. “E aí, vai me dizer como? Me dar uma dica?”

Ela arregalou os olhos. Seus dedos flutuaram sobre seu peito.

“Como diria a Miss Pig: *moi*? Estou estupefata de que você pense que eu, uma mera

agorafóbica de uma cidade pequena, teria a resposta para uma das grandes questões da vida.” Ela baixou a cabeça sobre os donuts. “Fico lisonjeada.”

“Que bom”, disse eu. “Agora se puder deixar a lisonja para trás, gostaria de uma resposta.”

Ela fez uma pose de ponderação sábia. “Bem, então, acredito que se alguém tem a chave devem ser os budistas.”

“Os budistas.”

“Sim, os budistas. Sabe o que eles dizem. Bem, é claro que eles dizem muitas coisas. Seria uma boa você ler os budistas. Eles vêm do leste, mas têm muito a nos dizer, moradores do oeste da Idade Moderna. Lembro-me de um dia quando tinha cerca de 28...”

“Betty Lou”, pressionei meu dedo nos lábios dela, “Uma resposta, por favor.”

“Ah, sim, a resposta. Viva o presente. Aí está.”

“Viva o presente.”

“Sim. Viva o presente. Não o passado. Não o futuro. Apenas o hoje. Habite seus momentos. Não os alugue para o amanhã. Sabe o que está fazendo quando gasta um momento se perguntando como as coisas serão com o Perry?”

“O que estou fazendo?”

“Está roubando o hoje dela mesma. O hoje está chamando você, tentando obter sua atenção, mas você está presa no amanhã, e o hoje escorre como água por um ralo. Você acorda na manhã seguinte e aquele hoje que você desperdiçou foi embora para sempre. Ele agora é o ontem. Alguns desses momentos poderiam ter coisas maravilhosas guardadas para você, mas agora você nunca saberá.” Ela olhou para mim, sorriu. “Você é uma ouvinte solene e tanto. Se eu fosse professora, gostaria de ter umas trinta de você na minha sala.”

Procurei minha voz. “Você tem... toda razão. Acho que quando medito estou tentando fazer isso, viver o momento, mas no resto do tempo acho que tenho falhado um bocado. Ultimamente, de qualquer maneira.”

Ela riu de novo. “Bem-vinda à Cidade do Fracasso. Somos todos fracassados. Nenhum de nós é bem-sucedido o tempo inteiro.” Ela abriu os braços. “C’est la vie!”

Eu assenti. Olhei para ela. Olhei em volta no aposento. Olhei pela janela. Ouvi o sussurro débil do hoje passando. “Ficar confortável com a incerteza, hum?”

“Abraçar o mistério.”

“Geralmente adoro mistérios. Quando não estou neles.”

“Viva o mistério!”

Nós encostamos nossas xícaras e brindamos três vezes ao mistério.

“Então”, disse ela, “ainda está com raiva?”

Eu me analisei. Comecei a rir.

“O que foi?”, disse ela.

“Sim. Sinto muito”, não conseguia parar de rir, “mas ainda estou com um pouquinho de raiva. Mesmo depois de toda a sabedoria que derramou em mim.” De repente, não tive mais vontade de rir. “O que há de errado comigo?”

O rosto dela era só suavidade e simpatia agora. Ela via algo em mim que eu mesma não queria ver. “Correndo o risco de soar como uma sabe-tudo, acho que tenho a resposta para

isso.”

Senti meu lábio tremer. “É?”

Ela segurou minhas mãos. Falou com pouco mais que um sussurro. “Você está se sentindo sozinha. E isso a deixou vulnerável. Não está com toda sua força.”

Eu assenti, meus olhos se enchendo de água. Nós apenas ficamos em silêncio por um tempo, de mãos dadas, segurando mais do que mãos. Por último, ela, disse: “E, na verdade, fico um pouquinho feliz de que ainda esteja com raiva”. Ela me passou um lenço de papel.

Funguei. “Sério?”

“Prefiro você raivosa do que triste.”

“Acha mesmo?”

“Claro. Tristeza pode levar a lugares ruins.”

“Tipo?”

“Tipo... se rebaixar.”

“Não me rebaixo.”

“Se tivesse pedalado sua bicicleta até a casa dele essa manhã, o que teria feito?”

“Não sei.”

“Não teria implorado?”

“Não.”

“Não teria se jogado para cima dele?”

“Não.”

“Nunca se jogue para cima de um homem.”

“Não irei.”

Ela me estudou. Assentiu. “Acredito em você.” Ela esticou o prato de donuts. Dessa vez peguei um. Estiquei-me e a toquei. “Você nunca me abandona, Betty Lou. Sempre sei onde posso encontrá-la.”

Ela balançou a cabeça com um sorriso ferido. “Triste, mas é verdade.” Então o sorriso se curou. “Mas não fique muito confiante, mocinha. Posso te abandonar ainda. Minha fantasia é que um dia você virá à minha casa e tocará a campainha, tocará de novo, e eu nunca abrirei a porta... porque”, ela socou a mesa, “não estarei aqui!”

12 de outubro

VOCÊ: Você a escutou.

EU: Sim.

VOCÊ: Ela disse que você sente a minha falta.

EU: Ela também disse para viver o presente.

VOCÊ: Certo.

EU: E você é passado.

VOCÊ: Ops. Mas, eu, eu nunca te abandonei.

EU: Fez pior. Me deu as costas.

VOCÊ: Ops duplo.

EU: Só quero deixar isso registrado. Já te perdoei.

VOCÊ: Uau! Então, acredita em tudo que ela te disse?

EU: Ah, sim. Mas...

VOCÊ: Mas?

EU: Mas tem uma coisa que eu não disse a Betty Lou. Uma palavra.

VOCÊ: Qual foi?

EU: Beijo.

VOCÊ: Acho que me arrependo de ter perguntado.

EU: Quanto mais ele não me beija, mais eu quero que ele beije.

VOCÊ: Eu estou. Estou oficialmente arrependido de ter perguntado.

EU: Mas nem isso é cem por cento verdade.

VOCÊ: Não?

EU: Quero dizer, meio que quero ele e não quero ao mesmo tempo. Isso faz sentido?

VOCÊ: Para qualquer um além de você, não.

EU: Quero ele, mas estou com medo.

VOCÊ: De quê?

EU: Estou com medo de não ficar mais confusa. Estou com medo de que um beijo responda a pergunta que não sei se quero que seja respondida.

VOCÊ: E qual é?

EU: Acho que você sabe.

13 de outubro

$L_{\text{Q}}\text{Birch340(C)}$

16 de outubro

Meia vermelha na janela.

Com a permissão de nossas mães, Dootsie e eu matamos aula para ajudar Betty Lou a enfrentar seu dia ruim. Ela já estava bem na hora do almoço, mas estávamos nos divertindo tanto que ficamos até após o jantar.

18 de outubro

Levei o Canela comigo hoje para a Montanha do Calendário. Ele foi no meu bolso. Acho que o levarei comigo toda quinta-feira de manhã. Pelo menos sei como ele se sente a meu respeito.

Conforme descia pela rua Rapps Dam, estava vagamente consciente de algo tentando chamar minha atenção, mas minha cabeça estava voando em outro lugar. Aí, quando cheguei à Rota 113, antes de atravessar, ouvi a mais sutil respiração de um sussurro dizer: *Vire-se*. Olhei no meu bolso. Canela estava dormindo. Então de novo: *Vire-se*. Eu me virei e lá estava. Quando prestei atenção na rua, em todo o caminho até minha casa, cada luz da varanda ao longo do caminho estava acesa. Eu provavelmente sabia disso de forma inconsciente, porque minha lanterna não estava ligada. Começando com os Cantellos, vizinho após vizinho deve ter passado a informação adiante durante as quintas-feiras das últimas semanas até, agora, meu caminho inteiro estar incandescente. Senti-me tocada. Fiquei lá em pé na interseção da rua Rapps Dam com a Rota 113 e gritei para o corredor de luzes externas: “Obrigada!”.

20 de outubro

“Serei um waffle!”

Foi assim que acordei. Tinha ficado fora até tarde na noite de ontem em uma peça na cidade, com meus pais. Todo estudante domiciliar tem os sábados de folga, então eu estava dormindo essa manhã. Ou tentando. Porque Dootsie estava montando em minhas costas como um jóquei, balançando meus ombros e berrando: “Serei um waffle! Sua mamãe vai fazer uma fantasia de Halloween para mim!”.

Tentei resmungar. Tentei ser o mais desagradável possível. “Dootsie, vá embora.”

Ela se enfiou embaixo das cobertas comigo. Aconchegou-se junto a mim e sussurrou no meu ouvido: “Serei um waffle.” Agarrou minha cabeça com ambas as mãos e virou meu rosto para ela. Ela manteve um dos meus olhos aberto com seus dedos. “Serei um waffle.”

Desisti. Escorri para fora da cama. Vesti meu roupão. Escapuli pela escada. Desabei na mesa da cozinha enquanto minha mãe ria e me contava como Dootsie tinha vindo cambaleando essa manhã (não diga a nenhum ladrão, mas minha mãe destranca a porta da frente quando se levanta para abrir caminho para as visitas matinais frequentes da Dootsie), dizendo que queria ser um waffle no Halloween e se ela poderia, por favor, fazer uma fantasia de waffle para ela.

Minha mãe sugeriu que poderia fazer uma de garfo para mim. Eu fingiria estar comendo o pequeno waffle. “Sim! Sim! Sim! Por favoooooor!” Dootsie implorou, mas acho que deixarei essa passar e me contentarei em levar o waffle por aí, de casa em casa.

No meu estado grogue essa manhã, não queria admitir, mas na verdade me sentia grata pela atenção de Dootsie esses dias, mesmo em seu estado pestinha. Ajudava a me distrair de pensar em você sabe quem. Só o vi uma vez desde o furo na Montanha do Calendário. Foi poucos dias depois. Estava na Margie quando o vi vindo na minha direção com duas de suas abelhas. Levantei-me correndo. “Volto logo”, disse a Neva, a nova ajudante, para ela não limpar a minha mesa. Enquanto me enfiava na cozinha, disse a Margie: “Não estou aqui”.

Ouvi o sino da porta. Ouvi um gritinho ou dois das garotas, mas foi tudo. Minha raiva não estava mais queimando. Ela tinha endurecido como uma casca sobre minha ferida. Estava me protegendo de ser machucada novamente, e não pretendia deixá-lo arrancá-la fora, nem mesmo com um pedido de desculpas. Logo o sino da porta tocou de novo. Quando enfiei a cabeça para fora, eles haviam partido.

21 de outubro

Pensei que deveria fazer algo com Alvina. Nada espetacular. Só um simples passeio pelo parque, deixar as cores estonteantes do outono tentarem persuadi-la, talvez suavizarem seus espinhos sempre eriçados. Estava quase ligando para ela quando o telefone tocou. Era ela. Ela não disse oi. Só começou a gritar:

“Sei o que está fazendo! Sua rata! Sua falsa! Eu te odeio!”

Eu murmurei um “Hein?”.

Ela disse que tinha ouvido os pais conversando sobre a minha função, sobre tomar conta dela. Tentei explicar que não era bem assim, mas ela não estava ouvindo.

“Se chegar perto de mim de novo, vai levar um socão. E, de qualquer maneira, estou feliz. Porque nunca gostei mesmo de você. Só sentia pena por você ser a maior otária. E feia!”

Ela desligou.

22 de outubro

Eu não culpo Alvina, de fato. Se eu pensasse que alguém ficou meu amigo só porque era o trabalho dessa pessoa fazer isso, também ficaria com raiva. Continuo pensando que as palavras certas, as palavras conciliadoras, estão aí fora em algum lugar, só não consigo encontrá-las.

L_(Q)Birch422(OU)

24 de outubro

Dootsie está fora de controle. Sua professora do primeiro ano chamou a senhora Pringle hoje. Ela disse: “Se eu ouvir sua filha gritar que será um waffle mais uma vez, vou perder o meu almoço de tanto rir”. A senhora Pringle teve de esconder a fantasia de waffle para Dootsie não vesti-la na escola todo dia.

Dootsie não está cem por cento feliz, contudo. Está irritada por não ter nada para ela ganhar. A parada na escola é só isso, uma parada. Não um concurso. Nenhum prêmio para melhor fantasia. Após seu belíssimo primeiro lugar no Blobfest, ela almeja vitórias.

“Eu vou vencer”, disse ela, um dia.

“Não”, disse eu, “você não vai vencer, porque não há vencedores. Você só vai caminhar na parada junto com todo mundo.”

Ela fez um beicinho. “Eu vou perder?”

“Não, também não vai perder. Não haverá vencedores nem perdedores. Somente fantasmas, bruxas e goblins. E um waffle.”

“Um waffle quadrado!”

Minha mãe tinha pedido a ela para escolher: redondo ou quadrado.

“Sim, um waffle quadrado.” Eu a peguei no colo. “E waffles quadrados de toda a parte estarão contando com você para mostrar ao mundo o quão maravilhoso um waffle pode ser.” Beije seu nariz. “Eles podem contar com você para isso?”

Ela revirou os olhos, considerando a pergunta. Finalmente, deu de ombros e falou um “acho que sim” morno e suspirento.

Quando for levar Dootsie para dar uma volta na noite de Halloween, ficaremos basicamente na vizinhança dela. Começaremos na casa de Betty Lou. E não seremos os únicos visitando aquele endereço. Descobri que a casa de Betty Lou Fern é um dos destinos mais populares de Halloween na cidade. Sua famosa agorafobia atrai adeptos de travessuras ou gostosuras como fantasmas para uma casa assombrada. Eles estremecem assustados ao pisar na varanda de uma casa escura que a moradora não deixa há nove anos. Tremem com a possibilidade de que possam ver um relance do rosto dela. Tocam a campainha. Batem. Esperam. Estremecem. Mas só o que veem é a porta aberta apenas o suficiente para uma mão sair, uma de uma quase senhora, segurando uma tigela de madeira cheia de donuts partidos ao meio.

Respirei profundamente e liguei para Alvina para perguntar se ela queria vir conosco. Ela desligou assim que ouviu a minha voz.

Não ficaria surpresa se déssemos de cara com Perry em nossos passeios. Tenho certeza de que ele não perderia a chance de encher a fronha com comida de graça.

Ah sim, o Canela irá fantasiado de garfo.

1º de novembro

Perdi o Halloween. Perdi a última semana. Olha o que aconteceu:

Era uma quarta-feira quando escrevi para você da última vez. Então, antes de o sol nascer na manhã seguinte, como de costume, segui para a Montanha do Calendário, walkie-talkie em um bolso do casaco, o Canela no outro. Como de costume, disse tchau para minha mãe sentada na varanda. Como de costume, passei de piscina iluminada em piscina iluminada enquanto as luzes das varandas dos nossos vizinhos me escoltavam pela rua Rapps Dam. Quando cheguei ao fim do caminho, como de costume, atravessei a Rota 113.

Foi quando o costume parou.

Vi chamas à minha direita. Mesmo agora não tenho palavras para descrever aquele momento. O fogo. A noite. O silêncio. A solidão. Aquilo não parecia real. Não parecia o *agora*. A primeira coisa que veio na minha cabeça foi: *Lenape!* Em seguida, só sei que estava gritando no walkie-talkie: “Mãe! Fogo! Chame os bombeiros!”. Correndo e gritando na direção do pequeno bangalô de estuque: “Fogo! Fogo! Acordem! Acordem!”

Pisei em um buraco. Caí feio. Levantei-me. *Canela! Esmagado!* Verifiquei. Ele estava bem. Segurei-o na minha mão e corri. “Acordem! Acordem!”. O telhado era um lençol laranja e amarelo de chamas, aquecendo meu rosto, iluminando a noite. A caixa de correio brilhava como o meio-dia. Letras brancas na lateral diziam FOLHA DE LENAPE. A pequena bandeira vermelha da caixa estava abaixada. Os olhos do Canela eram pelotas laranja.

O que um bombeiro faria? Corri para a varanda. “Acordem! Acordem!” Corri de volta para a caixa do correio. Coloquei o Canela dentro dela. Fechei a tampa de metal. Abri de volta, com medo de que ele não tivesse ar suficiente. Apontei para ele. “Fique aí!” De volta à varanda. “Acordem!” Tentei a porta da frente. Trancada. Acima de mim, o telhado em chamas soava com lençóis balançando no vento. O cheiro era ardido, alcatroado. Olhei em volta, freneticamente. Cadeiras. Vime. Peguei uma cadeira, apontei as pernas para a janela da frente e a bati contra o vidro. Ela quicou. Chamas iluminavam o interior da casa. Eu podia ver um relógio de piso. Em algum lugar uma sirene estava tocando. Bati com a cadeira de novo, dessa vez gritando como em um golpe de caratê. A janela se espatifou. Tentei gritar, “Acordem!”, mas estava me afogando em fumaça...

A próxima coisa que tive consciência foi algo sobre meu rosto. Estava olhando para os olhos de um homem. Ele dizia: “Apenas respire normalmente. Estamos te dando oxigênio.” E então o rosto da minha mãe, com um olhar que eu nunca tinha visto. Tentei gritar, “Canela!”, mas minha respiração era fumaça amarga. E, em seguida, as luzes piscando... a maca... a sirene...

Fiquei no hospital por uma semana.

Como a preocupação principal deles era com meus pulmões e eu estava muito grogue para reclamar, foi só mais tarde naquela primeira noite que uma enfermeira apontou e disse: “Veja!”. Meu tornozelo parecia um pomelo, graças ao buraco em que havia pisado. Logo ele estava envolvido em gelo. Depois, enrolado numa compressa de feltro como um donut e

elevado sobre os lençóis. Havia cortes nas minhas mãos e no meu rosto por conta dos cacos de vidro voando. E um tubo de oxigênio no meu nariz. E eu estava arquejando. E não conseguia falar.

Mas podia escrever. Rabisquei um bilhete para meus pais, eles estavam esperando na sala de emergência, contando a eles onde havia colocado o Canela. Meu pai saiu e voltou em quinze minutos. Disse que a tampa da caixa de correio continuava aberta, mas que o Canela tinha sumido. Para dizer a verdade, não fiquei surpresa. O único momento em que ele fica parado é quando está comigo. Ele deve ter ficado impaciente, descido da caixa de correio e...

A enfermeira me olhou fixamente. “Pare de chorar”, disse ela, brava. “Você vai melear os tubos.”

Nos primeiros dois dias, só meus pais podiam me visitar e mais ninguém.

No segundo dia, meus pais finalmente me deram algumas boas notícias. Não havia ninguém na casa pegando fogo. Os proprietários estavam em seu condomínio compartilhado, na Flórida.

Dootsie e a mãe dela vieram na terceira manhã. Dootsie vestia sua fantasia de waffle para me animar e porque eu perderia o Halloween, mas assim que me viu ela desabou em lágrimas. Ainda estava entubada com oxigênio. Ainda não conseguia falar. Ela tentou puxar o tubo, pensou que estava me machucando. Perguntou do Canela. Leu a resposta no meu rosto. A mãe dela a levou embora soluçando. Não existe nada mais triste do que um waffle soluçando.

Uma hora depois, Alvina apareceu. Ela berrou comigo o tempo inteiro. A presença dos meus pais não a intimidou.

“Pensei que você era inteligente. Mas não. Você é burra. É estúpida. Então, não pense que estou com alguma pena de você. É uma boa coisa você não poder falar porque provavelmente diria algo estúpido. Tentou invadir uma casa que estava pegando fogo. Para salvar alguém. *E não tinha ninguém em casa!* Não dá para ser mais estúpida do que isso. A primeira coisa que dirá para mim quando puder falar é: ‘Eu sou estúpida’. Se não for estúpida demais para entender o que estou dizendo, balance a cabeça.”

Eu assenti.

“Muito bem. Tchau.”

Ela saiu pisando firme.

Acho que não está mais com raiva de mim.

As abelhas apareceram. Trouxeram-me um ursinho rosa de pelúcia para me fazer companhia. Apesar de tudo, acho que gosto delas. Considerando que cada uma tem um terço das ações no mesmo garoto compartilhado, elas parecem se dar surpreendentemente bem. Elas brincam umas com as outras sobre quem é a favorita dele. Dizem que devo me juntar a elas. Dizem que eu daria uma ótima abelha. Tenho certeza de que elas estão brincando (certeza mesmo), mas dei corda. Eu disse: “Vocês não acham que o Mister Dândi pode ter algo a dizer sobre isso?”. Elas disseram: “Ah, não se preocupe, ele já disse algo”.

Pensei: *Humm*.

No dia seguinte, ele mesmo apareceu. Me trouxe uma cópia da Folha de Lenape, uma história sobre o incêndio e uma imagem minha (uma foto de escola tirada no Arizona) na primeira página. A história me chama de uma “heroica estudante domiciliar”.

Ela diz que o fato de os moradores – os Van Burens – estarem fora no momento “não diminui o valor da jovem menina que colocou sua própria vida em risco para salvar seus vizinhos”.

Eu devolvi o jornal a ele com um sorriso de escárnio. “Como diria a Dootsie, ‘Caquinha’.”

Ele ergueu as sobrancelhas. “Caquinha?”

“Não sou heroína. Só aconteceu de eu ser a única por perto àquela hora da noite.”

Nós discutimos se eu era uma heroína ou não. Ele venceu à revelia, enquanto minha garganta inflamada desistia. Ele estava tocando uma cicatriz no meu rosto, quando minha mãe, que tinha estado fora do quarto, entrou. Apresentei-os. Na presença da minha mãe, ele de repente pareceu tímido. Sua malandragem havia sumido. Nunca o havia visto agir de algum jeito que não fosse corajoso. Deu um tapinha no meu urso de pelúcia e saiu.

Betty Lou ligou todos os dias. Estava se odiando por não ir me ver, mas desde o início mandei que ela não fosse. Não acho que eu deveria ser o motivo de ela enfrentar o medo de sair de casa, especialmente minha condição não sendo crítica. Então nós conversamos e não a deixei desligar o telefone até tê-la convencido mais uma vez a não se sentir culpada.

* * *

Saí do hospital e voltei para casa esta manhã. A primeira coisa que fiz foi tirar todos os seixos da minha carroça feliz. Vazia. Porque o Canela se foi.

Não aguento pensar no que aconteceu a ele. Ele é um rato doméstico. Não sabe sobre gatos e gaviões. Não sabe nem mesmo que existem pessoas no mundo que odeiam ratos. Continuo vendo-o andar até alguém... alguém com sapatos grandes e ódio nos olhos...

Descobri que eles tinham escondido algo de mim. Um dia depois de Dootsie me visitar no hospital, ela desapareceu. Sumiu por horas. A polícia a encontrou perto da casa queimada. Ela estava procurando o Canela.

Eu não tinha dormido bem naquelas primeiras noites. Eles fizeram um exame de sangue e encontraram algumas toxinas da fumaça, então me deram um remédio para isso. Minhas vias respiratórias estavam constringidas, então eles me deram remédio para isso. Desenvolvi um princípio de pneumonia, então lá vai mais remédio. Minha saliva estava cinza, nenhum remédio para isso. Gradualmente, as coisas foram melhorando. Eles tiraram o tubo de oxigênio, cortaram os comprimidos. A comida parou de ter gosto de fumaça. Minha saliva está boa e branca agora.

Então meu corpo está melhorando, mas não os meus sonhos. Vejo o Canela. Às vezes, está vagando por um terreno baldio que se parece com o deserto do Arizona. O Señor Saguario se inclina para baixo para falar com ele, e abutres de bico vermelho se derramam do ninho da coruja marrom. Às vezes Canela está em uma calçada lotada, desviando de sapatos, olhando para cima, tentando chamar a atenção de alguém. Às vezes não o vejo, só o ouço, a voz dele

chamando meu nome repetidamente.

5 de novembro

A repórter da Folha de Lenape veio à minha casa hoje.

Ela ainda está tentando me transformar em uma heroína, quer escrever um perfil. Não fui amigável. Respondi duas ou três perguntas, então apontei para minha garganta e resmunguei: “Não posso falar”.

Ela empurrou seu bloco de anotações para mim. “Você poderia escrever suas respostas.”

Balancei a cabeça. “Não posso escrever.” Peguei minhas muletas, manquei subindo a escada até o meu quarto e fechei a porta. Ouvi o carro dar a partida do lado de fora. Ela provavelmente estava mudando a chamada: BRUXA HEROICA.

Não me importo. Minhas axilas doem das muletas. Minha perna coça sob a tala plástica que preciso usar sempre que não estou dormindo. Ainda não consigo respirar fundo, mas, mesmo que pudesse, isso não ajudaria meu coração. Sinto saudades do Canela. Meu menor amigo. Sinto dor onde nenhuma muleta ou tala pode alcançar.

8 de novembro

Briguei com minha mãe noite passada. (Surpreso?) Quando ela descobriu que eu pretendia ir à Montanha do Calendário essa manhã, ela ficou muito zangada:

“Você não vai a lugar nenhum! Ainda está de muletas! Ainda está ofegante!”

“Não estou ofegante”, disse com calma e maturidade, já que obviamente ela não iria desempenhar o papel de adulta aqui.

Ela enfiou o dedo na minha cara. Suas bochechas estavam vermelhas.

“Não.”

“Sim.”

“Não. Fim da discussão.”

Ela virou de costas para mim e se afastou.

“Bem, tô indo”, disse com calma e maturidade.

Ela parou. Seus ombros endureceram. Ela se virou. Seus olhos brilhavam. Disse uma única palavra – “Susan” –, virou-se e foi embora.

Ela nunca me chama pelo meu primeiro nome a não ser que esteja realmente, realmente mesmo zangada. Naquele ponto, lembrei-me de um momento durante meu segundo dia no hospital. Meus pais estavam no quarto. Meu pai em pé, minha mãe sentada em uma cadeira. Eles me mostravam seus rostos felizes, desafiando aquela velha saliva cinza e as arfadas a me derrubarem. De repente, comecei a tossir tão pesado que derrubei o soro intravenoso pendurado e praticamente cuspi meu tubo de oxigênio. Meu pai correu do quarto gritando: “Enfermeira!”. Uma enfermeira veio e me acalmou. Quando ela saiu e me virei para os meus pais, meu pai estava em pé diretamente na frente da cadeira da minha mãe, então não conseguia vê-la. Ele ainda sorria, me alegrava e apertava minha mão. Após um minuto, moveu-se para o lado, e lá estava o rosto da minha mãe novamente, sorrindo e gracejando. E agora sei claramente o que não sabia na época – meu flerte com o perigo tinha abalado meus pais muito mais do que eles me permitiram ver.

Não obstante...

Lá estava eu, esta manhã, acordada antes de amanhecer, pensando em meu calendário negligenciado, sentindo o tempo correndo para mim agora – 43 dias até o solstício de inverno – e tantas coisas para fazer. Quanto mais pensava sobre isso, mais persuadida de que poderia escapar até a Montanha do Calendário e de volta para minha cama, e que minha mãe jamais precisaria saber. Coloquei minha tala, vesti minhas roupas, procurei minhas muletas... e elas não estavam lá. Não estavam em nenhum lugar do meu quarto. Abri a porta, acendi a luz, espiei o corredor, fui mancando ao banheiro. Em lugar nenhum. E então, a ficha caiu. Fui mancando ao quarto dos meus pais, abri a porta. Elas estavam lá, as muletas, aconchegadas sob as cobertas com a minha mãe. Minha risada a acordou. “Aposto que o papai adorou isso”, disse eu, e subi na cama com ela, as muletas entre nós, e ambas dormimos até o sol nascer.

9 de novembro

O Canela está vivo!

Voltou para casa!

Está sentado no meu ombro enquanto escrevo isso, mordiscando minha orelha.

É um dia de vinte seixos!

Nessa manhã, eu estava no sofá fazendo os exercícios para o tornozelo que haviam me mostrado, quando a campainha tocou. Havia duas pessoas em pé na varanda. Uma era Arnold. A outra, uma mulher que não reconheci. Ela estava vestida elegantemente com um terninho bege e um casaco acolchoado verde-claro, com uma gola de pele cinza. Seus brincos ovais pendentes eram um mosaico de fragmentos multicoloridos. Seu cabelo era loiro com riscos mais escuros. Ela me deu a impressão de ser alguém que é mais velha do que parece. Seu sorriso era deslumbrante e seguro, como se me conhecesse.

“Estrela Caraway”, disse ela.

“Sim?”

Ela me estendeu a mão. Minha mão direita estava ocupada com uma muleta, então a cumprimentei com a esquerda. “Meu nome é Rita Wishart.” Ela se virou de lado e apontou para trás. “E acho que conhece meu filho.”

Eu sorri, assenti. “Conheço. Oi, Arnold.”

Arnold vestia seu habitual casaco de marinheiro e gorro de pompom verde-musgo.

“Oi”, disse ele, sem empolgação.

Era a primeira vez que o ouvia dizer algo diferente de “Está me procurando?”.

Eu os convidei a entrar. Estava frio do lado de fora. O inverno estava a caminho. De pé sorrindo na sala de estar, não podia imaginar por que eles estavam ali. Arnold era corpulento e sombrio, sua mãe pequena e brilhante.

“Bem, só posso demorar um minutinho”, disse Rita Wishart. “Sou semiaposentada, mas ainda trabalho um pouco com corretagem, e tenho uma casa para mostrar essa manhã.” Ela pegou a mão de Arnold e a apertou. “Arnold tem algo a mostrar para você.” Arnold estava olhando fixamente para algum lugar sobre meu ombro. “Arnold.”

Arnold enfiou a mão no bolso do seu casaco, e quando a tirou de volta, segurava o Canela. Ele me viu e pulou para o meu colo. Se pendurou na minha camisa com suas unhas miúdas. Gritei tão alto que Rita Wishart estremeceu. Agarrei-o com ambas as mãos, acariciei-o e murmurei sem nenhuma vergonha como se estivéssemos sozinhos na sala. Ao som da minha voz, minha mãe veio correndo, alarmada. “O que aconteceu?”

Então ela viu o Canela, e comemorou loucamente também.

Eu apresentei todo mundo. Rita nos contou o que havia acontecido: cedo, na manhã do incêndio, Arnold veio caminhando. (Eles moram no alto da Rota 113.) Alguns bombeiros ainda estavam lá, encharcando os restos carbonizados e fumegantes. Arnold parou para observar. Viu o rato cor de canela na caixa de correio, o pegou e o levou com ele durante sua caminhada diurna sem fim. Depois o levou para casa e o manteve em seu quarto. No dia seguinte, sua mãe ficou possessa quando descobriu que tinha um rato na casa, mas rapidamente

se acalmou ao ver o quanto ele era limpo e amigável, sem falar na cor bonita. Ela suspeitou que fosse o bicho de estimação de alguém – Arnold tinha simplesmente contado que o tinha encontrado – mas ela não sabia o que fazer sobre o assunto. Colocar cartazes dizendo ENCONTRADO – RATO DE ESTIMAÇÃO?

E, depois, ela leu a matéria sobre mim na Folha de Lenape. Ela pegou o recorte de sua bolsa de mão e nos mostrou. “Você chegou a ver?”, disse ela.

“Não”, disse eu.

Minha mãe pareceu um pouco envergonhada. Ela disse que tinha visto, e que a escondeu de mim. Eu entendia o motivo. A repórter tinha mudado o foco do meu “heroísmo” para minha “angústia com meu rato de estimação perdido”.

“Eu não queria aborrecê-la mais do que já estava”, disse minha mãe.

Eu olhei para ela. “E quem contou à repórter sobre o Canela?”

Minha mãe ergueu a mão, de mansinho. “Ela não desiste, aquela repórter. Ela me ligou quando você estava tirando um cochilo.”

Eu li a reportagem. Ela era surpreendentemente legal e gentil, considerando o quão desagradável fui com a repórter.

“Assim que a li”, disse Rita, “soube a quem o rato pertencia.”

Agora, minha mãe e eu estávamos praticamente encharcando o tapete com nossas lágrimas de felicidade.

“*Por favor!*”, Rita sorriu. “Vocês vão me fazer chorar. Não posso ficar de maquiagem borrada na frente de um cliente. Vamos, Arnold.”

Enquanto eles seguiam para a porta, estiquei Canela para Arnold. Com a ponta de seu dedo gorducho acariciou a cabeça do meu rato. Passei o Canela para minha mãe e abracei o Arnold. Permaneceu duro como uma pedra, mas não me importei. Pressionei meu rosto na lã escura de seu casaco. Olhei nos olhos dele, que ainda não conseguiam me encontrar. “Obrigada, Arnold”, disse eu. “Se não fosse por você, o Canela teria virado jantar de coruja. Você o salvou.”

Rita abriu a porta. “Vamos a um pet shop no shopping amanhã. Vamos comprar um para ele.” Ela pegou a mão do filho e o levou pela varanda. “Não vamos, Arnold?”

Minha mãe, eu e Canela ficamos parados na soleira e os observamos partir. Então liguei para Dootsie para lhe contar as novidades.

13 de novembro

Estou sem muletas. Sem a tala. A cor do meu tornozelo clareou para um amarelo feioso. Faço meus exercícios todo dia. Às vezes ainda tusso quando respiro fundo para valer. Ou rio. Tenho rido um bocado desde o retorno do Canela para casa. Só posso caminhar se não for muito longe. E andar de bicicleta.

Fui até a Margie. Ela tinha a história do jornal presa com fita na janela.

“Tire isso daí”, disse a ela.

“Cuide da sua vida”, ela me respondeu. “A loja é minha.”

Neva, a nova ajudante, vestia um suéter bege para grávidas e parecia maior do que antes, se é que isso era possível. Ela sorriu quando me viu, arrumou um lugar para mim, tirou minha jaqueta e fez um milhão de perguntas sobre o incêndio e tudo mais. Mais tarde, sussurrei para Margie: “Ela não é mais tímida”.

Margie riu. “Ela não cala a boca.”

Margie me empurrou uma dezena de donuts. De graça. “Vai acelerar sua recuperação”, disse ela.

Visitei Betty Lou. Nós nos abraçamos e choramos como irmãs há muito perdidas.

Pedalei até o cemitério para visitar Charlie. Só ver aquele cachecol xadrez vermelho e amarelo já me animou. Eu tinha dado a Betty Lou metade dos donuts. Passei o restante a Charlie. Colocou seu aparelho auditivo, protegeu os olhos e olhou para mim.

“Era você, não era?”

“Eu o quê?”

“No incêndio. A criança era você.”

Estiquei meus pulsos como se fosse ser algemada. “Culpada.”

Ele sacudiu o dedo na direção da lápide. “Viu só? Te falei. Era a menina com o nome engraçado.” Olhou para mim.

“Qual é mesmo? Lua...?”

“Estrela.”

“Ah, viu só? Estrela. Te falei.”

Ele me ofereceu a cadeira, mas sentei no chão ao lado dele. Nós conversamos. Ou melhor, ele falou. Sobre Grace. Sobre como se conheceram quando tinham 6 anos por causa de um peixe. Naquela época havia uma peixaria onde hoje fica a loja de tudo por 1,99. Ambos estavam lá com suas mães. E os dois queriam o mesmo peixe. Charlie se lembra com precisão: “Era um linguado. Do Alaska”. Mas as duas mães eram tão legais que ambas insistiram para a outra levá-lo.

“Você leva.”

“Não, você.”

Até aquele momento, eles eram todos desconhecidos uns dos outros.

Enquanto o pescador permanecia lá em pé com seu arpão branco, as mães continuavam a

tentar uma a ser mais gentil do que a outra.

“Você leva.”

“Não, você.”

Charlie riu todas as vezes que dizia isso. Mesmo o seu sorriso era áspero.

Por fim, Grace, que era pequena e gritona, ergueu as duas mãos e parou a loja inteira com um berro trovejante: “Eu pego ele!”.

Enquanto contava isso, Charlie se levantou de sua cadeira e ergueu as mãos dele no ar. O cemitério reverberou com nossa risada.

Após se sentar novamente em sua cadeira, limpando a risada de seus olhos, ele disse: “Então a mãe de Grace pegou o peixe”.

Não foi minha intenção. Eu não queria ser impertinente ou passar do limite. Simplesmente saíu:

“E você pegou a garota!”

Ele virou a cabeça para mim. O grisalho no seu rosto brilhou como uma lã angelical. Leo, nunca alguém sorriu desse jeito para mim. Ele falou por horas com aquela voz áspera dele. Disse-me que ele e Grace tinham uma filha. Que era como ia para o cemitério e voltava para casa – a filha dele dava carona para ele no seu caminho de ida e volta para o trabalho.

Ele contou uma história atrás da outra sobre ele e Grace. Eles se casaram aos 18 anos. Ficaram cinquenta e dois anos juntos.

Não... sessenta e quatro anos se você começar a contar pelo linguado.

Não... sessenta e oito, se você somar o tempo desde que ela veio para o cemitério.

Assim como Neva, Charlie não parava de falar. Enquanto tagarelava, comecei a entender que ele estava fazendo mais que falar, mais que simplesmente relembrar. Estava revivendo, de um modo que só podia ser feito ao se compartilhar isso com mais alguém. E estava me concedendo a maior honra de todas: estava me apresentando à Grace.

Quando me levantei para ir embora, ele ainda demorou um tempão para soltar minha mão. Levei a sacola vazia de donuts comigo. Queria me lembrar desse dia.

(L)_(B)Ringgold431(C)

15 de novembro

Sem brigas dessa vez. Minha mãe vagueou grogue pela escada e se encolheu na cadeira de balanço na varanda. Eu a cobri com um cobertor. Os dias estavam ficando mais frios.

As luzes da varanda ao longo da rua Rapps Dam iluminavam meu caminho até a Montanha do Calendário. O campo estava especialmente escuro essa manhã, apenas uma lâmina da lua aparecendo. Chamei minha mãe: “Estrela aterrissou. Câmbio e desligo”. E mirei a lanterna para as ruínas da casa dos Van Buren, mas a luz não chegou lá. O terreno estava batido e ressecado. Comecei a desejar ter trazido minha muleta.

Pego pelo feixe da luz, o quase completo quarto de círculo de pás brancas de espátulas parecia ser de outro mundo, como um artefato alienígena ou de ancestrais antigos. Eu vinha numerando os marcadores com uma caneta hidrocor. Tinha chegado ao número 15 antes do incêndio. Contando o intervalo de três semanas, eu tinha o número 19 no meu bolso. Fui até o último marcador. Ajoelhei do lado dele. Mirei a luz para ele, ambos os lados. Algo estava errado. Esperava ver o número 15, mas não havia nenhum número. Olhei para o anterior. Mesma coisa, nenhum número. A mesma coisa com o anterior a ele. Somente quando virei a lanterna para o quarto marcador a partir do final, vi meu último número: 16.

O que estava acontecendo? Alguém tinha colocado marcadores na minha ausência? Óbvio que sim, mas quem? *Minha mãe!* Estava prestes a chamá-la no walkie-talkie quando ouvi uma voz vinda da escuridão: “Heroínas estudantes domiciliares não dormem à noite?”.

Perry.

Ele entrou no feixe de luz.

“O que está fazendo aqui?”, perguntei.

Ele ergueu uma espátula. “O mesmo que você.”

Apontei a luz para os marcadores sem números. “Você fez isso?”

Ele deu de ombros. “Alguém tinha de fazer.”

“Você sabia como?”

“Não é preciso ser nenhum gênio.”

Ele acendeu sua própria lanterna. Nossos feixes se fundiram.

O tempo passou. Estrelas se moveram.

Ele riu.

“Que foi?”, perguntei.

“Você. Você está parada aí com a boca aberta como se eu tivesse três cabeças ou algo parecido.”

“É que não consigo acreditar que fez isso. Especialmente...”

“... por eu não ter aparecido da última vez?”

“Algo assim.”

“Longa história.” Ele desligou sua lanterna. Deu meia-volta.

“O céu está cinza. É melhor fazermos isso logo.”

Desliguei minha lanterna. Ele puxou a corda a partir da estaca. Passei minha espátula de jardinar para ele, que eu trazia agora que o solo estava endurecendo. Ficamos lá em pé, um do

lado do outro, olhando para o leste. Ao primeiro vislumbre de sol, ele cavou o buraco e firmei o marcador. Quando me levantei, meu cabelo roçou na bochecha dele. Ele estava tão próximo. Tudo estava caindo aos meus pés – a espátula, seu marcador, a corda. E foi aí que me beijou. Lá no final do arco do meu calendário, na quadragésima sexta quinta-feira do ano, na tricentésima nonagésima manhã, trinta e seis dias até o solstício de inverno. Muitas meninas já foram cortejadas sob a lua, e não quero dizer que o luar é superestimado, mas acho que poucas conheceram a mágica de um beijo ao nascer do sol.

Nós demos as mãos enquanto caminhávamos pelo campo. Na Rota 113 viramos em direções opostas e fomos para nossas casas.

18 de novembro

Querido Leo,

Era assim que ia começar o relato de hoje, então percebi que soaria muito como “Querido John”. Então rabisque isso.

É domingo de tarde. Estou sentada na varanda vestindo uma camisola. Eles chamam um dia como esse de verão indiano. Imagino como Lenape o chamaria.

Estou olhando para o fim da rua. Consigo ver apenas uma esquina do campo. Não vejo a ruína carbonizada dos Van Buren. Eles têm autorização de reconstruí-la se quiserem, mas ainda não decidiram. Nesse meio tempo, estão morando em um trailer na calçada de um parente.

Enquanto sento aqui na varanda, estou tendo uma nova apreciação da experiência da minha mãe toda quinta-feira de manhã. Ela me observa – a filha dela, sua única filha – se afastar por um corredor de luzes externas. Ela me vê ficar cada vez mais tênue até quase desaparecer na escuridão além do último feixe de luz – quase, porque ela ainda vê o pequeno lampejo tranquilizador da minha lanterna. O balanço trêmulo da mão de sua filha enquanto ela atravessa a Rota 113 para dentro do campo. E então a tremulação também desaparece enquanto ela segue para o calendário. Um momento de ansiedade, de perda, e aí o walkie-talkie ganha vida de repente e é a voz de sua filha, perfeitamente comum, nenhuma pista de ter flertado com o esquecimento, a voz de sua filha ao mesmo tempo comum e insubstituível dizendo: “Estrela aterrisou. Câmbio e desligo”.

Parece que estou divagando? Pois estou. Por três dias agora venho divagando, tombando, deslizando como a folha que estou vendo ser levada pelo vento ao longo da rua. A rajada de vento tem sido meus sentimentos, e eles têm me soprado em todas as direções, e agora penso, enfim, eles deram uma trégua e me deixaram botar os pés no chão e encontrar as palavras para descrevê-los.

Que, realmente, simplesmente e finalmente é o seguinte: ainda te amo. Eu não amo o Perry.

VOCÊ: Estou surpreso.

EU: Você não é o único.

VOCÊ: Considerando o que tem dito recentemente.

EU: Eu sei.

VOCÊ: Se importa de me explicar?

EU: Bem, a coisa mais óbvia é que se estivesse aqui o tempo inteiro, não haveria competição desde o início. Mas... você está lá e ele aqui, e, conforme disse Betty Lou, eu estava solitária e vulnerável. Ela também me disse para habitar meus momentos, viver o hoje, abraçar a incerteza, o mistério de Perry. Então acho que foi o que fiz no outro dia na Montanha do Calendário. Mergulhei no momento. Deixei-me afogar nele. O ambiente, o nascer do sol – isso que é momento!

Quem resistiria? E aquele momento simplesmente perdurou pelo restante do dia e pelo próximo. Mas depois comecei a notar uma coisa engraçada. O momento começou a se desgastar numa ponta e a se desligar de uma de suas principais partes – nominalmente, ele,

Perry – até haver um espaço claro entre eles: o momento aqui, Perry lá.

Eles não eram um só e o mesmo. E comecei a sentir de novo algo de que só estive vagamente consciente antes. Era uma sensação pequena e surpreendente de decepção inclusive enquanto me beijava, mas os violinos estavam tão altos que naquele momento eu não podia ouvir mais nada. Agora aquela decepção estava voltando, e com ela a percepção de que a mágica tinha vindo apenas do momento, não dele. Foi diferente com você, Leo. Nos olhos e ouvidos do meu coração, você e a mágica são uma coisa só. O cenário nunca foi importante. Na calçada em frente à minha casa, no lugar encantado no deserto, caminhando pelos corredores da escola – sempre que eu estava com você, ouvia violinos.

VOCÊ: Uau. Não sei o que dizer. Não te mereço.

EU: Você está certo, pelo menos dessa vez.

VOCÊ: Depois disso tudo, como posso não retribuir seu amor?

EU: Não faço a menor ideia.

VOCÊ: Certo, vou dizer isso: Eu te amo.

EU: Não! Não quero ouvir isso! Não desse jeito. Não quero ouvir essas palavras jamais a menos que venham dos seus lábios. Você em carne e osso, não o você que fantasio.

VOCÊ: Pensei que queria que eu dissesse. Você não está fazendo sentido.

EU: O coração não faz sentido.

VOCÊ: Então o que você quer de mim?

EU: A resposta está na sua pergunta – eu quero de você. Quero que você diga as palavras porque elas estão voando da sua boca, porque, talvez, não possa impedi-las, não porque te levei a um passo de dizê-las. E quero saber que elas estão sendo ditas para mim. Para mim. Não para alguma garota nos filmes ou em um livro. Não para alguma ideia de garota que você pegou ao longo do caminho de outros garotos e outras garotas. Para mim. Estrela. Você me conhece, Leo? Me conhece de verdade?

VOCÊ: Você está dificultando dizer sim.

EU: Tudo bem, curso de curta duração, preste atenção... Aula de Introdução à Susan Julia Ratinha Torta de Lama Hullygully Estrela Caraway I. Ela sonha pra caramba. Ela sonha com sereias, donzelas em queda e casas pegando fogo à noite. Mas procure em seus sonhos o quanto quiser e nunca encontrará o Príncipe Encantado. Nenhum cavaleiro em um cavalo branco galopa em seus sonhos para levá-la embora. Quando ela sonha com amor, ela sonha com purê de batata. Ela ama purê de batata, e ela sonha que ela e o Menino Estrela estão comendo purê de batata, possivelmente em um lençol em uma praia deserta, e enquanto o Menino Estrela cava outra colherada cheia, deixa cair a colher e abre a boca (mostrando alguma massoca de purê de batata, mas ela acha isso fofo), e ele olha para ela de um jeito que ela nunca foi olhada antes – ele a vê! – e ela pode praticamente ver as palavras fervendo dentro dele – é impossível pará-las – e lá vem elas, jorrando sobre o purê: “Eu te amo, Estrela!”.

Elas continuam vindo enquanto partículas de batata voam – “Eu te amo, Estrela! Eu te amo, Estrela!” – como um cacto cereus florescendo não apenas uma vez, mas de novo e de novo milhares de vezes em uma única noite.

Entende o que estou dizendo, Leo?

VOCÊ: Está dizendo que o amor cria sua própria mágica.

EU: Louvado seja. Existe esperança.

VOCÊ: Acho que gostaria de participar do curso Estrela II.

EU: O Estrela II é o mesmo objeto de análise, mas do ponto de vista do Menino Estrela. A lição é: ele precisa ouvir violinos também, o mesmo que ela ouve.

VOCÊ: Ele ouvia. *Eu ouvia.*

EU: Talvez sim. Mas você também ouvia a bateria de outros. E a bateria superou os violinos.

VOCÊ: Eu posso mudar.

EU: Espero que sim.

19 de novembro

Estou em pânico. Faltam apenas 32 dias para o solstício e não sei nem o que farei. Escrevi para Archie, pedindo ideias a ele. É claro, existe uma coisa que já sei: o evento central, o Momento dos Momentos, será quando o sol começar a surgir sobre o horizonte (reze por um céu limpo!). Afunilarei aquela luz por um buraco em uma tenda – minha mãe irá costurá-la – e quando ela sair do outro lado do buraco ela será um único arpão dourado de luz.

Mas o resto todo ainda é dúvida. Onde o arpão dourado cairá? Precisa haver uma cerimônia, mas do que ela consistirá? Quem devo convidar? Àquela hora do dia, alguém aparecerá?

(L)_(B)Ringgold335(C)

20 de novembro

Estava prestes a entrar na loja de Margie hoje quando vi Perry lá dentro.

Ele estava sentado no balcão, falando com Neva. Continuei andando pela rua. Estou nervosa quanto a vê-lo novamente. O que deveria dizer? Como ele se sente? Não quero machucá-lo, mas também não quero dar falsas esperanças a ele.

A tenda será mais ou menos o tamanho e a forma da minha cama. Minha mãe tem inúmeros bons contatos na área de tecidos e encontrou esse material chamado Blackbone. Ele é firmemente tecido e revestido e, como a cortina de uma janela escura, ele bloqueia a luz. É o que quero. Quero um total breu dentro da barraca para realçar dramaticamente o raio de sol dourado vindo pelo buraco. Minha mãe diz que a maioria das pessoas com máquinas comuns de costura não seriam capazes de trabalhar com Blackbone, porque é muito denso, mas seu equipamento pesado de costurar fantasias pode dar conta do recado. Minha mãe está trabalhando em um esboço de tenda elaborado pelo meu pai. Ele também contribuirá com mastros e estacas da serraria.

Exceto por mancar um pouco e por uma cicatriz acima de uma sobrancelha – e pela tendência de sentir cheiro de alcatrão em lugares inesperados – minha saúde voltou ao normal. Dootsie merece muitos agradecimentos. Ela continua escovando meu cabelo e murmurando melodias inventadas para mim. Às vezes ela aparece com uma pequena sacola branca que diz MÉDICA. Ela tira um termômetro de brinquedo e o enfia na minha boca. Escuta meu coração com seu estetoscópio de brinquedo, fecha os olhos, assente e murmura: “Humm...”. Me dá um copo de água e me faz tomar um comprimido (hortelã). Por um tempo, sempre que me via ela tirava meu sapato e meia e fazia massagem no meu pé. Embora gostasse de verdade, tive que dar um fim nisso outro dia quando encontramos com os Pringles na lanchonete Cometa Azul e ela tentou massageá-los lá.

21 de novembro

Amanhã é quinta-feira. Dia de Calendário. Estou pensando o impensável. Pensando em não ir. Porque estou com medo de Perry estar lá. Nunca esperei que uma complicação dessas fosse interferir na minha rotina de solstício.

22 de novembro

Acabei indo. Porque tive uma ideia brilhante. Liguei para Alvina.

Perguntei se ela poderia dormir fora e ir comigo pela manhã.

“Isso vai me tirar da escola?”, disse ela.

“Na verdade não”, disse eu. “Vai ter bastante tempo para chegar na escola depois de o sol nascer.”

“Então não vou”, disse ela com rabugice.

Eu suspirei. “Tudo bem. Pode ficar em casa e passear o dia todo comigo, mas só se sua mãe disser que sim.”

Quando ela voltou ao telefone ela disse: “Minha mãe falou que tudo bem. Disse que será como uma excursão.”

“Além disso, se você estiver comigo você não se meterá em problemas.”

Alvina respondeu: “Ei, como você sabe que ela disse isso?”.

“Eu leio mentes.”

Só me sentia um pouco culpada. A mãe dela estava certa, isso seria bom para Alvina, sem falar em me dar um pouco mais de chance de amaciá-la. Ela não precisava saber que também estaria ajudando a bloquear riscos. Se Perry aparecesse de fato, imaginei que a presença de Alvina impediria que as coisas ficassem muito tensas ou sensíveis.

Na noite anterior, já estava me arrependendo de tudo, e desejando que tivéssemos uma casa maior com um quarto de visitas. Alvina dormiu comigo, mas ela não era de bater na cama e dormir que nem uma pedra como Dootsie. Ela se contorceu e me chutou a noite inteira. Não tive nenhuma pena dela enquanto a arrastava para fora da cama. Praticamente, tive que vesti-la. Se não fosse pelo seu valor anti-Perry, a teria deixado embaixo das cobertas. Foi uma visão e tanto, eu e minha mãe lutando com Alvina e tentando não deixar nós três voarmos escada abaixo. É claro que Alvina quis se aconchegar na varanda com minha mãe, mas a arrastei pela rua Rapps Dam enquanto pequenos flocos de neve se agitavam nas luzes externas.

Perry não estava no calendário. Fiquei aliviada, mas ainda cautelosa. Mirei meu feixe de luz para lá e para cá. Continuei esperando que ele surgisse andando da escuridão, na expectativa de ouvir sua voz. O frio tinha acordado Alvina como não consegui. Quando viu o arco com os marcadores brancos, ela disse: “Legal”. Expliquei o calendário a ela. Disse que era assim que o povo pré-histórico se situava no tempo, no eterno ciclo das estações.

Deixei Alvina puxar a corda. O fluxo de neve havia parado. Nós aguardamos. O céu permaneceu cinza com nuvens altas. O sol, quando nasceu, era só um borrão, mas foi o suficiente. Cavei rapidamente o buraco e Alvina firmou o marcador. Ela socou a terra solta com o punho e enrolou a corda em volta da estaca de croqué. Ficou lá em pé por um tempo, olhando ao longo da nova linha de sol para a nossa estrela a 150 milhões de quilômetros de distância. “Legal”, disse ela.

“Me dê um minutinho”, eu disse. Sentei no chão frio e maciço. Virei-me de costas para o borrão do nascer do sol de modo que estivesse virada para o oeste, para você. Fechei meus olhos e fiz algo sobre o qual vinha pensando: enviei uma mensagem a você. Uma pergunta.

Espero que a tenha recebido.

Então, me levantei e nós partimos.

* * *

Mais tarde, levei Alvina à casa de Betty Lou para o almoço. Estava quase tocando a campainha quando Alvina falou: “Não vou entrar aí.”

“Por quê?”, disse eu.

“Porque ela é uma bruxa.”

“Quem disse isso?”

“Todo mundo.”

“Você dá ouvidos a todo mundo? Não me parece você, Senhorita Não Mexa Comigo.”

“Ela não saiu de casa por anos e anos. O rosto dela é todo branco e empoeirado, como giz. Ela nunca abre as janelas. Tem mofo e limo por todo canto. E piolhos. É nojento.”

“Se é tão nojento, como é que você trazia os donuts para ela toda semana?”, falei e toquei a campainha.

A porta se abriu de uma vez. Alvina recuou. Uma mão veio para fora, um dedo torto balançou na nossa direção e uma voz crepitante e assustadora falou com malícia: “Entrem, minhas crianças.”

Eu ri. Alvina gritou e seguiu para a calçada.

Agarrei a bainha de trás de seu casaco e a puxei de volta, arrastando-a para dentro da casa. Coloquei-me atrás dela, passei meus braços ao seu redor e a fiz encarar Betty Lou, que estava magnífica como sempre, num roupão roxo com meias-chinelo vermelho-brilhantes. “Betty Lou”, disse eu, “essa é a...”

Betty Lou interrompeu, “Eu sei quem ela é. A pestinha. Alvina. Meu anjo dos donuts.”

Ela esticou a mão para ela. Alvina guardou as suas nos bolsos. “Alvina!”, ralhei, mas Betty Lou riu alto. “Tudo bem. Eu também não apertaria a mão de alguém com piolhos.”

Fiquei de queixo caído. “Você ouviu?”

“Vi vocês chegando. Estava na porta, ouvindo.” Ela assentiu pensativa. “Muito interessante. Então, Alvina, o que mais dizem a meu respeito?”

Alvina balbuciou: “Nada”.

“Ah, vamos lá, Alvina. Não seja tão medrosa. Se não me contar, sacudirei meu cabelo e meus piolhos voarão todos para cima de você.”

Alvina recuou ficando mais próxima de mim. “Tem um cadáver no andar de cima. Ele dorme com você. É seu marido, que morreu quarenta anos atrás.”

Betty Lou ergueu as sobranceiras. “Estou impressionada. Pelo visto sou muito mais interessante do que jamais havia percebido.” Ela foi para a cozinha. “Bem, entrem aqui vocês duas. Tenho alguns pães doces de piolhos para vocês.”

Continuei de mãos dadas com Alvina até sentarmos à mesa da cozinha. Betty Lou trouxe um prato que eu nunca tinha visto. “Pães doces caseiros. Delícia.” Ela passou a bandeja em frente ao nariz de Alvina. “E você escolhe: passas ou noz-pecã.”

“Vá em frente, pegue dois”, disse eu.

“Não estou com fome”, disse Alvina.

“Alvina...” peguei a mão dela entre as minhas e girei-a mostrando a cozinha ao redor. “Você vê mofo e limo em algum lugar?”

Betty Lou deu um tapinha na minha mão. “Ah, deixa ela. Se estiver com fome, ela comerá. Nada pior do que ser forçada a comer, especialmente pães doces caseiros. Não é, Alvina?”

Alvina olhou para a bandeja de pães doces. Assentiu. “Na verdade”, disse Betty Lou, “acho que irei aquecê-los no micro-ondas. Pães caseiros quentinhos? Chá de framboesa da Zinger? Que delícia.” Ela apertou o rosto chocado de Alvina em sua mão e forçou um sotaque caipira: “Querida, não fica mió que isso não.”

Logo o cheiro dos pães doces caseiros tomou a cozinha. Ela fez chá de framboesa da Zinger para ela e para mim. Enquanto repousava a bandeja aquecida de pães sobre a mesa, certificou-se de passá-la perto do nariz de Alvina. Eu estava com risadas paradas na garganta.

“Então”, disse Betty Lou, sentando-se, “pode subir se quiser, para ver o cadáver.”

Alvina deu de ombros. “Deixa pra lá.” Depois, ela olhou diretamente para Betty Lou. “Por que você nunca sai de casa?”

O dedo de Betty Lou disparou no ar. “Ah, a inquisição.”

Ela olhou Alvina de um jeito ardiloso. “Muito bem, Donzela dos Donuts, eis o trato. Você concorda em comer um pão doce e eu te conto as histórias. Contarei tudo que você quiser saber. Me confessarei. Me delatarei.” Ela esticou a mão para ela. “Então, temos um trato?”

Dessa vez, Alvina apertou a mão dela. Enquanto Betty Lou contava a história – “A abominável agorafóbica”, como ela a chamava – inclusive os capítulos sobre seu reinado como flor do Dogwood e coisas que nem eu havia escutado, Alvina limpou a bandeja de pães doces e três xícaras de chá de framboesa.

23 de novembro

Um dia após o outro a voz que começou como um pequeno sussurro se tornou cada vez mais alta, até que essa manhã ela me acordou de meu sono:

ELE NÃO TENTOU ENTRAR EM CONTATO
COM VOCÊ DESDE AQUELE DIA.
JÁ FAZ MAIS DE UMA SEMANA.
QUER SABER?
TALVEZ SEJA MÚTUO.
TALVEZ ELE TAMBÉM NÃO TE AME.

Ela veio como um choque. Eu me senti:

- a. Envergonhada (já que levei tanto tempo para perceber isso)
- b. Envergonhada, o retorno (por acreditar que eu era a única não apaixonada)
- c. Ofendida (como ele pode *não* me amar?)
- d. Aliviada
- e. Curiosa (o que vem a seguir?)

24 de novembro

Hoje recebi a ligação pela qual vinha esperando há meses. Era Betty Lou, gritando de alegria:

“Eu tenho um tordo! Em cima do fio do telefone lá atrás! Escute! Segurarei o telefone lá fora!” Ouvi uma janela subindo. Ouvi uma canção de pássaro quase sumindo. “OuvIU?”

“Sim”, respondi.

“Estou tão feliz! Meu próprio tordo! Tenho muito medo de que ele vá embora!”

“Tente colocar uma laranja fatiada do lado de fora”, disse eu. “Ouvi dizer que eles gostam.” Pensei no problema dela. “Basta jogá-la no quintal. Ele a encontrará.”

“Farei isso! Farei isso!” Então uma pausa, um grito. “Não tenho laranjas!”

“Te levarei algumas.”

“Depressa!”

Já adivinhou, querido Leo, do que se tratava a misteriosa equação? Atraí o tordo de uma rua para outra, de um quarteirão ao outro, com laranjas até chegarmos à Ringgold 335, o endereço de Betty Lou. Jamais conte a ela. Quero que ela pense que isso é estritamente entre ela e o tordo.

Dias até o solstício: 27

25 de novembro

Tive uma resposta de Archie ontem. Ele diz para esquecer a história. Não me preocupar em fazer meu solstício conforme a descrição nos livros. Por centenas de anos, cada cultura, país e época conduziu o solstício de seu próprio jeito, por que eu deveria fazer diferente? Todos eles se baseiam no mesmo sol, mesma terra, mesmo amanhecer especial. Trata-se do tempo virando uma esquina. Trata-se de saber que os dias quentes voltarão, que haverá outro plantio, outra colheita. Trata-se de um momento de alegria. Trata-se de pessoas juntas. Ele sublinhou: **juntas**.

O Suspense de Perry está me afetando. Antes, estava tentando evitá-lo. Agora, estou impaciente. Só quero ter logo o nosso próximo encontro para tirar isso do caminho, de modo a podermos seguir para o que quer que venha depois.

26 de novembro

Então pedalei minha bicicleta pela escola de ensino médio na hora em que os estudantes estavam saindo. Não o vi. (Não sei o que teria feito se o visse.) Fui para o centro da cidade. Verifiquei na loja de Margie. Nada de Perry.

“E você pode dizer tchau para a Neva”, disse Margie. “É o último dia dela.” Neva estava bem ao nosso lado, limpando bandejas de donuts, mas estava tão quieta e melancólica quanto no dia em que a conheci. Margie se esticou e tocou na barriga de Neva. Havia um traço de tristeza em seu sorriso. “Hora do bebê nascer.”

O cabelo clareado e os brincos brilhantes de Neva pareciam zombar de seu humor. Quando eu disse, “Parabéns, Neva”, ela apenas assentiu.

Meu eu, que não sabe a hora de parar, tentou uma pergunta: “Sabe se é menino ou menina?”.

“Menina”, ela murmurou. Difícil acreditar que essa era a pessoa que falava sem parar duas semanas atrás.

“Isso é ótimo”, disse, alegremente. Precisava de um comentário de fuga. Adicionei: “Bem, será um ótimo presente de Ação de Graças”, e segui para a porta.

Do lado de fora, retomei minha busca por Perry. Passeei para cima e para baixo na rua da Ponte. Esbarrei com duas das abelhas. Elas tentaram me arrastar para o Pizza Delícia, mas eu disse que tinha outro lugar para ir. Pedalei por sobre o canal até a casa de Perry. Circundei a Oficina de Reparo de Bicicletas e Cortadores de Grama do Ike. Fiz tudo, menos parar e bater na porta dos fundos. Fui para casa – missão não cumprida...

...E dei de cara com o Perry na minha varanda da frente.

Com Dootsie.

Estacionei a bicicleta. Dootsie pulou nos meus braços.

“Estávamos procurando você”, disse ele. “Sua mãe disse que tinha saído, só não sabia para onde.”

Ele estava corando. Nunca tinha visto isso antes.

“Só passeando”, disse eu. “Exercitando meu tornozelo.”

Senti seus olhos azuis em mim, mas mantive os meus em Dootsie. Ela estava cutucando minha cicatriz da sobancelha. Alguns dias atrás, tinha levado Alvina à Montanha do Calendário comigo por proteção. Perguntei-me se Perry estava usando Dootsie da mesma forma.

“Então... saindo com meninas de 5 anos, hum?”, disse eu.

Ele riu, encolheu os ombros. Sua eloquência jovial tinha sumido. Ele estava desconfortável.

Dootsie bateu no meu nariz. “Ele gosta de você.”

Bati no nariz dela. “É claro que gosta de mim. E eu gosto dele. É o que os amigos fazem, gostam uns dos outros.”

Ela sacudiu a cabeça. “Não, bobinha. Não estou falando disso. Estou dizendo...” Ela curvou as mãos e sussurrou no meu ouvido... “que ele gosta de você como uma namorada.”

“Ah é?” Estava me perguntando como mudar o rumo dessa conversa quando o caminhão de entrega de leite do meu pai estacionou na entrada da garagem. Ele saiu carregado de mastros e estacas de tenda. Passou desajeitado por nós, entrou na casa e voltou para a varanda em um minuto, me olhando de cara feia.

“Bem, senhorita Hospitalidade, tem duas coisas que você não fez. Você não me apresentou seu amigo”, ele apontou para Perry, “e você não o convidou a entrar e sair do frio.”

“Sou amiga dela também”, Dootsie protestou.

Meu pai a pegou de mim. “Você não precisa de apresentações. Você é famosa.”

Eu apresentei meu pai a Perry e os convidei para a casa. Às vezes, a vida segue seu próprio rumo e arrasta você junto.

Assim que Dootsie tirou seu casaco, ela puxou sua camisa para cima e gritou: “Olha!”

Meu coração se apertou. Era uma tatuagem. Preta e amarela. Uma abelha. Em sua barriguinha orgulhosamente saliente.

Eu o olhei fixamente. “Sério, Perry, isso é levar para outro nível essa coisa de ficar com gente mais nova.”

Perry era todo inocência afobada. “Ei, ela queria uma. Pedi para ela perguntar à mãe dela. É lavável. Não é nada demais.”

Dootsie enfiou a mão no bolso das calças e pegou uma tatuagem em papel. Ela a empurrou na minha frente. “Pra você!”

“Não, obrigada”, disse eu, ainda olhando para Perry. “Não curto dândis. Nem haréns.”

Estava estampado na cara do Perry: *Isso foi uma má ideia.*

Ele repetiu debilmente: “Sai na água”.

“Certo”, disse eu, pegando a tatuagem de Dootsie e jogando-a para ele, “mas nem tudo a água leva embora, senhor Delloplane.”

Nem sei ao certo o que queria dizer com aquilo, mas soou bem. E então minha mãe passou deixando um rastro de cheiro de comida pela sala e convidando os dois para se juntarem a nós no jantar, e eu quis gritar *Não!*, mas em vez disso me peguei dizendo a Dootsie para ligar para a mãe dela e perguntar.

De jantar tivemos espaguete e almôndegas, almôndegas vegetarianas para mim. Dootsie manteve meus pais chorando de tanto de rir.

Meu pai levou Dootsie e Perry para casa. Dootsie insistiu que fossem no caminhão de entrega, não no carro. Enquanto minha mãe e eu limpávamos a mesa de jantar, ela disse: “E aí... o Perry...”

“Mmm.”

“Namorado?”

“Na verdade não.”

“Não?”

“Não. Pensei que pudesse ser. Que pudesse virar. Mas não.”

“Então... o quê?”

“Um amigo. Eu acho. Espero. Assim que eu parar de ficar brava com ele. É um garoto muito legal.”

“E o Leo?”

“O Leo ainda está...” aponte para a janela – “lá.” Bati no meu peito. “Aqui.”

Ela sorriu, me beijou. “Estou feliz que a Dootsie esteja na sua vida.”

“Eu também.”

“A irmãzinha que você nunca teve.”

Eu assenti. Não confiei na minha voz.

27 de novembro

Precisava de uma pausa nessa situação com o Perry. Fui ver o Charlie no cemitério. Ele estava cochilando em sua cadeira. Enquanto me afastava de bicicleta, ouvi: “Ei!”.

“Não queria acordá-lo”, disse eu.

Ele colocou seu aparelho auditivo. Puxou sua garrafa térmica de debaixo da cadeira. Girou sua tampa plástica vermelha que funcionava como copo e me ofereceu. “Chocolate quente.”

“Não, obrigada”, disse eu.

Ele tirou um segundo copo de seu bolso. Isso era novidade.

Ele o ergueu. “Venha.” Aquilo foi uma ordem.

“Tá bem.”

Ele nos serviu um pouco. Puxou um cobertor de debaixo da cadeira. Isso também era novidade. Ele já tinha um sobre as pernas. Não precisava de mais um. Ele o colocou ao lado da cadeira e o desdobrou uma vez. “Sente-se.”

Falamos sobre trivialidades. Em algum ponto da conversa: “Queria ouvir sobre você quando era pequeno. Antes da Grace. Só Charlie”.

Ele piscou para mim. Podia vê-lo fazendo um esforço. Olhou para a lápide. Balançou a cabeça, desistindo de tentar.

“Não existe nada antes da Grace.”

Como se para confirmar, um corvo grande pousou corajosamente sobre uma lápide a apenas algumas covas de distância, crocitou alto e, rudemente, voou embora.

Convidei Charlie a vir para o jantar de Ação de Graças conosco. Iríamos à casa de Betty Lou. Ele disse não, que preferia ficar ali. Disse que sua filha embrulharia um jantar com peru e levaria para ele. Incluiria a especialidade de Grace: caçarola de batata-doce com cobertura de marshmallow. Sorriu, sacudindo a cabeça. “Não será a mesma coisa, contudo. Ela sabia como deixar o marshmallow no ponto. Chamuscá-lo. Marrom, não preto. Só crocante o suficiente.” Fechou os olhos. Estava saboreando-o.

28 de novembro

Eu pedalava pela Rota 113 hoje quando vi Arnold. Ele estava com seu novo rato de estimação. Em uma coleira! Encontravam-se do outro lado da rua. Praticamente bati em um poste de telefone. Parei e olhei. O rato era cinza e branco. O que chamam de rato encapuzado, porque o cinza cobria seu focinho e descia pelos seus ombros. Alguém, provavelmente a mãe do Arnold, tinha montado um pequeno arreio (um colar não funcionaria em um rato) e uma guia de cachorro comum. O rato estava correndo atrás dele. O andar arrastado de Arnold parecia um pouco mais lento do que o habitual. Finalmente, recomecei e me balancei rindo por todo o caminho até a cidade.

Dias até o solstício: 23

29 de novembro

Quinta-feira do Dia de Ação de Graças para mim começa na Montanha do Calendário. Como não estava trabalhando no feriado, meu pai assumiu o dever de sentar na varanda e ficar de olho na Estrela. Para um leiteiro, levantar um pouco antes do nascer do sol deve ser como dormir até tarde.

Eu estava menos ansiosa sobre Perry dessa vez. Realmente, não esperava que ele estivesse lá, e não estava. O céu nublado não dava nem mesmo uma pista do sol, então tive que adivinhar onde firmar o marcador. Recuei para olhar o arco de marcadores brancos. Se o tempo tem que ser medido, esse é o jeito certo de fazer. Senti uma ponta de entusiasmo. Só faltavam mais três.

Como fiz na semana anterior, sentei virada para o oeste e te enviei minha mensagem. Farei isso toda semana a partir de agora.

Betty Lou foi uma anfitriã maravilhosa de Dia de Ação de Graças. Nenhum roupão dessa vez. Ela parecia uma pessoa comum em uma saia e camisa de malha – bem, comum se você não contar o enfeite de peru espetado no cabelo dela. “Eu o visto todo Dia de Ação de Graças desde os 6 anos”, disse ela.

Ela fez todo mundo, inclusive o Canela, sentar na cozinha enquanto andava de um lado para o outro e fazia uma centena de perguntas ao meu pai sobre ser um leiteiro e à minha mãe sobre criação de fantasias. Ela estava tão tagarela e alegre que quando disse, mexendo o molho feito de miúdos, “Sabe, senhor e senhora Caraway, sua filha e Dootsie são a minha tábua de salvação”, quase perdi isso. Minha mãe segurou minha mão e a apertou.

Na mesa de jantar festiva, cartões com nomes impressos nos informaram onde se sentar. Sim, havia um cartão para o Canela e um pequeno pires de casa de bonecas antiga com três oxicocos cristalizados. Para a mãe vegetariana do Canela tinha peru de tofu, para todos os demais peru e purê de batata com queijo e alho. Levamos horas para comer, porque passamos muito tempo rindo. Betty Lou foi de inquisidora a contadora de histórias. Ela recriou cenas hilárias de seus dias de escola, fez graça de sua agorafobia e até satirizou seu único e desastroso casamento com o senhor Nariz de Batata. Em determinado ponto, minha mãe espirrou café pelo nariz ao rir.

Mais tarde, na sala de estar, o clima se acalmou. Betty Lou encantou meus pais com seu conto sobre o cacto cereus de floração noturna (de volta à sala de estar para o inverno, graças ao seu vizinho, o senhor Levanthal) e as horas sob o lugar que compartilhou comigo. Fazia frio na casa porque Betty Lou havia deixado uma janela aberta para “ouvir melhor o meu tordo”. Duas vezes ela ergueu o dedo e sussurrou, “Escutem”, e nós nos sentamos lá sorrindo, de olhos fechados, enquanto o tordo nos entretinha e copos de sidra quente de maçã aqueciam nossas mãos.

Foi o melhor Dia de Ação de Graças que já tive.

3 de dezembro

Penso em você na sua faculdade. Fico imaginando quantos colegas de quarto você tem. Talvez seja do seu interesse saber que sua faculdade fica na mesma latitude da minha cidade na Pensilvânia. É claro, você ainda está bem mais ao oeste de onde estou, mas o clima viaja do oeste para o leste, e é legal saber que a chuva e a neve que caem sobre você, em um dia ou dois cairão sobre mim.

Sentei-me hoje e comecei a escrever a lista de convidados. Fiquei assustada com a quantidade de gente. Perguntei a minha mãe se a tenda poderia ser maior. Ela disse que não, que não havia tempo suficiente para encomendar mais Blackbone.

Coloquei Dootsie e Alvina para trabalhar. Fui a uma loja de artesanato e comprei folhas de espuma amarela e brilhante e um monte de alfinetes de segurança. Então fiz um modelo de sol nascendo em papelão e entreguei tudo para as meninas. A tarefa de Dootsie é contornar os modelos na espuma amarela, para depois Alvina cortar os sóis. Dootsie continua implorando para fazer os cortes, mas Alvina recebeu ordens de não deixá-la perto das tesouras. Alvina continua reclamando do traçado desleixado da Dootsie.

Dias até o solstício: 18

5 de dezembro

Novamente, vi Arnold passeando com seu rato, só que dessa vez fiz algo que surpreendeu até a mim. Desci da minha bicicleta e comecei a caminhar com ele. Eu disse oi. Ele disse oi. Perguntei a ele o nome do rato. Respondeu: “Tom”.

“Belo nome”, falei.

“Está me procurando?”, disse ele.

Foi como se eu ouvisse sua pergunta eterna pela primeira vez. Eu o estava procurando? Estava procurando por ele todo esse tempo e não sabia? E se dissesse sim? Como ele reagiria? Espiei seu rosto cinzento. Os olhos pareciam vazios, sem foco, mas eu sabia que aquilo não era verdade. Eles estavam simplesmente vendo outro lugar, outra época.

“Não tenho certeza, Arnold”, disse eu. “Vou verificar isso e volto a você.”

E então, surpreendendo-me novamente, comecei a conversar. Não havia planejado fazer isso. As palavras simplesmente saíram efusivas. Comecei a falar sobre o Problema de Perry. O beijo. Coisas que não tinha dito a Betty Lou, meus pais e nem mesmo a Archie. Mas logo deixei Perry de lado e fui para você. Nós. Conte sobre o Primeiro Dia, quando Kevin falou “Por que ele?”, e cutuquei seu lóbulo e disse: “Porque é bonitinho”. Repassei cada momento da Primeira Noite, quando saí de casa e você se escondeu atrás do carro, e soltei o Canela para ele te visitar e tivemos a conversa mais doce que tive na minha vida, eu no degrau da frente, você agachado atrás do carro, um sem ver o outro. Mais tarde, na mesma calçada, o Primeiro Beijo. O Beijo Eterno.

Tagarelei sem parar com Arnold. Acho que havia descoberto que o mais perto que conseguiria chegar de reviver o passado era contar minha história a alguém, ao alguém certo.

Foi maravilhoso isso de contar, de voltar no tempo. Quando retornei ao presente, Tom estava no ombro de Arnold e estávamos do outro lado da cidade. Subi na minha bicicleta. Pedalei rente por um minuto.

“Arnold?”, disse eu. Ele não respondeu. “Acho que a resposta é sim. Sim, estava te procurando. Fico feliz de ter te encontrado.”

Arnold não deu nenhum sinal de que tivesse me ouvido. Fiquei para trás enquanto ele se arrastava para fora da cidade. Pequenas nuvens de ar congelado saíram do nariz de Tom.

6 de dezembro

A terra na Montanha do Calendário está realmente dura e fria agora. Tive de perfurar com uma chave de fenda para colocar o marcador hoje. Só faltam dois marcadores. Mais duas quintas-feiras. Mais duas oportunidades de enviar minha pergunta a você.

Pensamento repentino: e se estiver nublado no solstício e não houver nenhum sol? *E se nevar? E se a neve ficar muito alta e cobrir as pás das espátulas?*

“Sol girassol”, disse minha mãe.

“Neve de leve”, disse meu pai. “*Qué será, será.*”

“Espanhol?”, disse eu.

“Sim”, disse ele. “Significa não se preocupe com as pequenas coisas.”

Alvina e Dootsie estão na fase 2 de suas tarefas: prender a base autoadesiva dos alfinetes às costas dos broches de sol. Dootsie continua errando os centros dos broches. Alvina continua dizendo a Dootsie que está demitida, mas Dootsie sabe que sou a verdadeira chefe, então ela apenas faz uma careta para Alvina e continua fazendo bagunça.

Dias até o solstício: 15

10 de dezembro

A cidade está uma confusão. Ou pelo menos você pensaria que sim se tudo que fizesse fosse ler a Folha de Lenape.

Olha o que aconteceu:

Toda época de Natal, a Igreja Luterana da Graça ergue um presépio no gramado da frente. Os bonecos são de tamanho real, o celeiro grande o suficiente para José e Maria, e para a manjedoura, vacas e ovelhas. A palha é real. É possível sentir o cheiro. Da rua não dá para ver o boneco que representa Jesus, mas é possível ver a manta azul-celeste caindo sobre as laterais da manjedoura. Com os holofotes, mesmo nas noites mais frias, o presépio parece quente e acolhedor. Os carros passando diminuem a velocidade. Alguns param.

Na sexta-feira passada, a secretária da igreja descobriu que a manta da manjedoura tinha sumido. E o bebê Jesus estava nu na cama de palha.

BERÇÁRIO VANDALIZADO BONECO DEIXADO NO FRIO

dizia a chamada na Folha de Lenape.

O jornal de hoje fez um segmento “Opinando na Calçada”, onde transeuntes eram perguntados sobre o assunto local do momento. Uma pessoa disse: “É um ultraje. Será que nada mais é sagrado?”. Outro disse: “Quando descobrirem quem fez isso, deviam prendê-lo numa cela e jogar a chave fora”. E outro: “Isso é uma vergonha para toda a cidade.” E outro: “Ei, aquele não é Jesus de verdade. É um boneco de plástico. Alô-Ôôôô? Arrumem o que fazer”.

Tenho certeza de que sei quem fez isso. Mas não consigo imaginar o motivo.

Enquanto isso, a manjedoura ganhou uma nova manta azul.

DAOS: 11

11 de dezembro

A previsão do tempo de longo prazo diz que vai nevar no dia 21 de dezembro, o solstício. Índios no Velho Oeste fizeram danças da chuva. Chamei Dootsie e Alvina para fora e fizemos uma dança antineve. Dootsie se esbaldou. Primeiro, Alvina disse que era “estúpido”, mas cinco minutos depois de Dootsie e eu pararmos, ela ainda estava dançando.

Meu pai continua tentando acalmar minha ansiedade a respeito do clima. Ele disse que mesmo se estivesse muito nublado para ver, o sol nasceria do mesmo jeito e ainda estaria lá.

“Mas o objetivo principal é esse”, disse eu. “Ver o sol.”

“Será mesmo?”, disse ele.

DAOS: 10

12 de dezembro

A confusão na cidade seguiu o caminho de todas as confusões: ela passou. Mas ainda penso sobre o assunto. E ainda me perguntou o porquê.

DAOS: 9

13 de dezembro

Coloquei o marcador de sol no calendário esta manhã. Só falta um marcador. Mais uma chance de enviar a pergunta a você.

Mais tarde, vi Perry caminhando pelo centro da cidade. Nada novo nisso, só mais um de seus “dias ruins”, exceto pelo fato de que... ele estava empurrando um carrinho de bebê! Quase bati minha bicicleta no meio-fio.

Nós olhamos fixamente um para o outro. Ele parecia perfeitamente normal, como se isso acontecesse todos os dias. Ele também parecia diferente – novo, mais velho. Meu primeiro pensamento foi: Ele é pai!

Depois: *Qual das abelhas é a mãe?*

Depois: Então por que ele estava dando em cima de mim?

Finalmente, riu. “Você devia ver sua cara.”

Eu murmurei algo que nem me lembro.

“Bem”, disse ele, virando o carrinho para que eu pudesse ver o rosto do bebê dormindo, “essa é a Clarissa. Minha irmã.” Colocou um braço do tamanho de um braço de boneca para fora da manta – a manta azul-celeste –, abanou uma mãozinha para mim e disse com uma voz infantil: “Oi, Estrela”.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Acenei de volta. “Oi, Clarissa.” Espero ter sorrido. Meu juízo estava voltando lentamente. “Qual a idade?”

A resposta veio de uma só vez, sem cálculos. “Tenho 22 dias e 7 horas.”

Estiquei a mão. Afaguei os dedinhos. “Nunca me contou.”

Ele apenas deu de ombros. Cobriu a mão dela de volta com a manta.

Os transeuntes diminuía o ritmo, espiando o carrinho, sorrindo. Alguns olhavam para Perry, para mim.

“Perry...”, falei somente para preencher o silêncio desagradável quando, de repente, caiu a ficha. Seguida por mais algumas fichas caindo no lugar. Manta de bebê... moça grávida... Perry na loja da Margie com...

“Perry...”, hesitei. “Neva? Da Margie? Meu Deus... ela é... a sua mãe?”

Ele sorriu e apontou para mim, os dedos como uma pistola. “Bingo.”

Devo tê-lo encarado como uma idiota por uma hora. Uma centena de perguntas gritavam para serem feitas, mas no final tudo que eu disse foi “Bela manta”.

Ele olhou para ela, deu um sorriso travesso, ciente que eu sabia.

“É.”

“É preciso ter uma bela manta quentinha para uma nova irmãzinha bebê ficar aquecida nos dias frios de inverno, certo?”

Ele foi embora, virou de volta: “Você que está dizendo”.

Margie demorou um minuto para conseguir parar de rir. “*Prisão?*”, ela repetiu. “*Campo de treinamento? Criminoso?*” E ela se sentou em um banco do balcão e riu mais um bocadinho. “Quem te disse isso?”

Eu forcei uma resposta através da minha estupidez e vergonha: “Alvina”.

“Bem”, disse ela, “você devia ter me perguntado. Ele ficou fora com uma tia em Scranton. Ganhando dinheiro para ajudar sua mãe. Ele tinha três empregos.” Ela sacudiu a cabeça. “Campo de treinamento.”

Durante a hora seguinte, Margie me atualizou com a Vida de Perry Delloplane: ele voltou de Scranton porque a mãe dele – Neva – sentia muito a falta dele.

Ela sofre de depressão. Por isso as mudanças de humor. Ela toma medicamentos para isso.

O pai dele, que se chama Roy, é o ponto fraco incurável de sua mãe. E a jogatina o ponto fraco incurável de Roy. Perdeu todo seu dinheiro apostando nos cassinos de Atlantic City. Então pediu empréstimos a agiotas que não conseguiu pagar de volta, e os agiotas vieram atrás dele por conta do dinheiro e Roy se mandou de vez. Isso aconteceu quando Perry tinha 5 anos.

Só que ele nem sempre fica longe. De vez em quando, quando dá vontade, ele aparece. E para o desgosto de Perry, Neva sempre o deixa entrar.

Roy é o pai da Clarissa.

Não Ike. Ike os deixa ficar atrás de sua oficina de graça. Ele costuma ser o namorado de Neva quando Roy não está na área.

Perry odeia Roy. Quando Roy passa a noite lá, Perry dorme no telhado. Não porque está muito quente na casa. E Margie me disse que tem algo que nem mesmo o Perry sabe: pensa que está roubando, mas muitas vezes é o único que acha isso. Alguns comerciantes do centro da cidade conhecem a situação de Perry – “graças à minha boca grande”, disse Margie com uma risada – e olham para o outro lado quando o veem pegando um limão, um bloco, um sabonete.

Assim como eu, Margie soube quem havia pegado a manta azul assim que ouviu a respeito.

DAOS: 8

15 de dezembro

Meus pobres dedos. Passei todo o dia de ontem escrevendo os convites.

A lista de convidados inclui praticamente todo mundo que mencionei nessa carta infinita. Se todos aparecerem, não haverá espaço na tenda. Mas isso nunca acontecerá. Por que fiz tantos broches?

Olha só o que diz o convite:

Venha para a comemoração do
SOLSTÍCIO DE INVERNO!

No cruzamento entre a Rota 113 e a rua Rapps Dam

21 de dezembro

Antes do sol nascer!

Decidi não chamá-lo de Solstrela, como Perry sugeriu no telhado àquela noite. Quem sou eu para mudar seu nome?

DAOS: 6

17 de dezembro

Passei boa parte dos últimos dois dias entregando os convites. Alvina e Dootsie me ajudaram. Meu pai também, no seu percurso de entrega de leite.

Quando entreguei o convite de Charlie no cemitério, ele o leu, me devolveu e disse: “Tenho que ficar aqui”. Enfiei o papel no bolso dele. Desci da minha bicicleta e beijei-o na bochecha. Enfiei a mão em seu bolso, peguei o aparelho auditivo, coloquei-o nele e sussurrei no seu ouvido: “Ela não estará aqui nesse dia. Ela estará lá”. Pedalei embora.

Estava quase escuro quando entreguei o último dos convites. Pedalei até o penhasco com vista para a velha siderúrgica, para o local onde a lenda diz que a donzela de Lenape saltou para a morte. Com um pedido de desculpas a Perry por violar meus próprios princípios antissujeira, deixei o convite dela no chão e pedalei para casa.

DAOS: 4

18 de dezembro

Fiquei na minha o dia inteiro. À medida que o momento se aproxima, sinto a necessidade de estar sozinha, de me preparar. Compus uma canção para ser acompanhada pelo ukulele. Só vou pinçar as cordas ocasionalmente, nada de dedilhar. Estou ensaiando uma dança. Fiz uma coroa de flores vermelhas e amarelas de frutos agridoces para enquadrar o local do sol. Escrevi algumas palavras.

Ainda assim, tenho a sensação de que está faltando algo, de que estou deixando alguma coisa passar.

A única pessoa que fico tentada a visitar é a Betty Lou. Estou louca para saber se ela virá ao solstício, se ela sairá de casa pela primeira vez em nove anos. Mas não quero pressioná-la. Se ela vier, será de livre e espontânea vontade.

Estou tentando ignorar o fato de estar nevando em Chicago.

DAOS: 3

19 de dezembro

Estou com medo de que ninguém apareça. Bem, não exatamente ninguém. Sei que Dootsie e Alvina estarão lá. E meus pais. E Margie. E o Canela. Mas não tenho certeza sobre mais ninguém.

Já ensaiei a música.

E a dança.

As palavras.

Está nevando em Pittsburgh.

DAOS: 2

20 de dezembro

Exceto por armar a tenda, eu esperava que hoje fosse um dia principalmente de reclusão e contemplação, a preparação silenciosa da alma antes do grande evento.

Não foi assim que aconteceu.

Por hoje ser uma quinta-feira, minha mãe cambaleou pela escada antes do sol nascer murmurando: “Uma última vez, uma última vez...”, e pela última vez ela se sentou na cadeira de balanço e me observou caminhar pelo corredor de luzes externas congeladas até a Montanha do Calendário.

Somente minha lanterna iluminava o campo nessa noite nublada e sem lua. Pela última vez, puxei a corda a partir da estaca de croqué e coloquei o último marcador. Uma luz sombria apareceu, mas não o sol. Por 150 milhões de quilômetros a luz do sol viajava somente para ser bloqueada por nuvens cobrindo essa montanha no planeta Terra. E assim, o posicionamento da minha última espátula, o mais importante posicionamento de todos, foi imperfeito. Tudo que pude fazer foi observar com cuidado o longo arco de marcadores que iam de julho a dezembro e arriscar meu melhor palpite de onde o último deveria ir.

Odeio ter que recorrer à adivinhação. Se a posição da espátula ficar errada, todo o projeto irá entrar pelo cano. A arrumação será como essas câmeras estenoceicas para visualizar indiretamente um eclipse. A luz do sol nascendo – *Por favor, que haja um nascer do sol amanhã* – atingirá o painel frontal da tenda de Backbone. A luz será afunilada por um pequeno buraco redondo no painel e flutuará pela tenda como um raio de sol dourado. Ela pousará como um ponto circular de luz do sol – O Momento Solstício – no painel negro no fundo, com alguma esperança, no centro da guirlanda agridoce. Mas se o alinhamento do buraco na tenda até a cortina dos fundos estiver fora do lugar, o raio do sol errará a marca e flutuará para fora da Rota 113 e além, e todos nós estaremos olhando para uma parede vazia e preta.

Eu me sentei no solo e fechei os olhos, mas não conseguia tirar o clima e o problema do posicionamento da espátula da cabeça. Minha limpeza de mente foi um fiasco. Quando finalmente desisti e abri os olhos, minhas palmas voltadas para cima estavam molhadas dos primeiros flocos de neve. Virei-me para o oeste para enviar minha mensagem final a você, minha pergunta, mas estava tão distraída que, receio, ela saiu incompreensível.

Lá se vai a minha contemplação silenciosa.

Meu pai se apressou por sua rota de entrega de leite hoje, então, perto do início da tarde eu estava de volta à montanha ajudando-o a armar a tenda. A neve já cobria o alto dos nossos sapatos. Perto da borda do campo, as ruínas carbonizadas da casa dos Van Buren estavam se tornando brancas.

Nós afastamos a neve com os pés e cavamos quatro buracos para os mastros. Meu pai usava um martelo pesado e uma chave de fenda para quebrar o chão congelado. Nós empurramos a estaca de croqué, e era esse o lugar onde a parede dos fundos da barraca ficaria.

Havia cinco painéis de Blackbone: quatro paredes e o telhado. Eles eram pesados e totalmente intransponíveis pela luz. Minha mãe tinha dobrado as pontas para resistir a rasgos e tinha montado os buracos das cordas das estacas e dos mastros com anéis metálicos de reforço. Não sei como o equipamento de costura dela conseguiu perfurar o material.

Eu mal conseguia fazer um sanduíche, muito menos uma tenda, por isso só estava muito feliz de ser uma trabalhadora braçal enquanto meu pai dava as ordens. Além disso, com a neve caindo pesada, eu trabalhava para me impedir de me lamuriar sobre o clima.

“A tempestade está se movendo rapidamente”, meu pai continuava dizendo. “Estará claro amanhã.”

Eu não acreditava nele.

Escolhi um lugar frontal, o painel voltado para leste, diretamente em cima da espátula de hoje. Usando um molde de papelão que havia feito em casa, tracei um círculo no Blackbone com um marcador amarelo. Um círculo pequeno, do tamanho aproximado de uma bola de golfe. Meu pai cortou e abriu o buraco. Apertou um pouco de material plástico em torno dele para a borda não esfiapar. Quanto mais preciso o círculo, melhor o raio de sol.

A última coisa que fiz foi retirar os marcadores. Eles haviam feito seu trabalho. Havia nos levado ao ponto certo.

* * *

Estava escurecendo quando subimos no caminhão de leite para a corrida curta até em casa. Na entrada, meu pai disse: “Você entra. Vou tirar neve com a pá.” Aquilo me pareceu estranho, porque ele implica com o senhor Cantello, nosso vizinho do lado, sobre ser tolice trazer sua pá para fora antes de a neve parar de cair. Mas eu não estava no clima de debater.

No momento em que abri a porta da frente, senti o cheiro, que reconheceria em qualquer lugar: tabaco de cachimbo com aroma de cereja. Gritei “Archie!” e corri para as luzes da cozinha. Lá estava ele na mesa com minha mãe, ambos sorrindo para mim. Apertei-o até ele implorar para que eu parasse. Minhas emoções reprimidas sobre o dia seguinte transbordaram na forma de lágrimas de alegria. Acariciei meu nariz em sua nova barba branca, que já deve ser assunto velho para você.

Archie me disse que havia decidido há muito tempo comparecer ao meu solstício. Meus pais tinham conspirado para manter a surpresa. A primeira coisa que notou foi que eu não estava usando meu cordão de fóssil como uma participante em situação regular da Ordem Leal do Osso de Pedra. Disse a ele que o havia entregado para uma boa causa de 1º de abril. “Mandarei outro para você”, disse ele, e apertou minha mão. “O Señor Saguario manda lembranças” – e a perturbação persistente dos meus sonhos com o cacto desapareceram.

Nós não chegamos a sair da cozinha. Meus pais se sentaram conosco por um tempo, depois foram para cama. O Canela perambulou pela mesa, cheirou a bolsa de tabaco, e finalmente se enrolou para dormir em uma peça de jogo americano.

Archie adorou olhar para a parede da cozinha e não encontrar nenhum relógio lá. “Meu estilo de casa”, disse ele. “Estou precisamente no Período Carbonífero, de qualquer modo.” E arremessou seu relógio de pulso na lixeira.

Ele me atualizou sobre os acontecimentos em Mica. Contou-me sobre o Baile do Ocotillo na última primavera. “Eles fizeram sua dança do coelho”, disse ele, “direto pelas quadras de tênis e entrando na escuridão do campo de golfe. Mas me disseram que não era o mesmo sem você. Está se tornando um tipo de lenda naquelas festas.”

Eu sacudi meus dedos e fiz voz de fantasma: “Oooo. A misteriosa visitante que apareceu e desapareceu”.

Ele riu. “Não se superestime. Deixe-me fazer isso.” Fiz uma pose melodramática. “Quando falar de mim, professor, diga a eles: ‘Ela é apenas uma garota antiquada’.” Ele pousou sua mão sobre a minha. Sorriu e assentiu. “Mais do que imagina, querida.”

Acho que ele estava abrindo uma porta para mim, mas eu não estava pronta para entrar.

Nós conversamos sem parar. Então, em algum ponto ao longo do papo, percebi que a conversa tinha parado e que Archie estava me olhando com uma cara levada.

“Que foi?”, perguntei.

Socou o tabaco no bojo de seu cachimbo e ateou fogo em outra rodada de cerejas. “Não faz seu estilo.”

Eu estava confusa. “Como assim?”

“Desonestidade.”

Como diria Betty Lou, desorientada. “Hein?”

“Para seus padrões, de qualquer modo.” Cutucou o Canela adormecido. “Não é seu estilo pensar ou sentir algo por tanto tempo e não expressar isso.”

O-ou.

Olhei fixamente para ele por cinco ou seis eternidades. Dei um pio estremecido: “Estou com medo”.

Tragou seu cachimbo e produziu duas palavras bufantes cinza: “Não fique”.

Respirei fundo. “Tudo bem, perguntarei então... como vai o Leo?”

O sorriso dele apagou meus medos. “O Leo”, disse ele, e me animei só de ouvi-lo pronunciar seu nome, “está bem. Ele fala mais de você do que de fósseis!” Nós rimos disso. “Sente sua falta. Está amadurecendo. Começando a mostrar sinais de que um dia possa até merecê-la.”

Disse-me o que eu já sabia pela Dori Dilson, que você foi com a Dori ao Baile do Ocotillo, não como namorado e namorada, mas como “amigos da Estrela”. Ele me disse que você e Dori comentaram de ir a Phoenix um dia no próximo verão, onde irão parar e comer na primeira caminhonete-lanchonete prateada que virem pela frente.

Disse-me que você voltou da faculdade e está em casa agora para as férias. Disse que você está pensando em se graduar em design. Disse que há dias em que você não consegue ir para a aula sem vestir a gravata de porco-espinho que te dei.

Estava voraz por informações. Espremi cada gota que podia de Archie, sequei-o até não ter nada além de casca. Que foi quando ele ergueu a mão e disse: “Muito bem, chega desse garoto. E sobre amanhã?”. Mostrei minha lista de convidados. “Uau”, disse ele. “Deixou de convidar alguém?”

“Convidei todo mundo que eu sabia o nome”, disse a ele. “E alguns que eu não sabia.”

Apontou um nome. “Dootsie. Sua amiguinha?”

“Minha melhor amiga. Tem 5 anos.”

Ele assentiu, sem surpresa. Conteí sobre Dootsie, Alvina, Betty Lou, Charlie e Arnold. Ia atualizá-lo sobre Perry e eu, mas entrei em desespero. “Estou com medo de que ninguém apareça”, disse eu. “Com medo de que metade não vá porque não se importa, e a tempestade de neve impeça o restante, inclusive o sol. E mesmo se houver um nascer do sol, estou com medo de perder o alvo porque baguncei o último marcador.”

Ele me olhou por um tempo, depois disse: “Acabou?”.

Eu assenti.

Ele sacudiu a cabeça e riu abafado.

“Obrigado por seu apoio”, disse eu. Levantei-me da cadeira.

“Onde vai?”, disse ele.

“Varanda. Verificar a neve.”

“Não.”

Parei no lugar com o jeito que ele falou. Sentei de volta.

Olhou para mim do outro lado da mesa. “Preocupações bobas não fazem seu estilo. Já te contei da minha implicância envolvendo animais de estimação?”

“Não”, disse eu.

“Pessoas que vestem seus animais de estimação com terninhos antigos, ou os fantasiam de caubóis, palhaços, bailarinas. Como se não fosse suficiente simplesmente ser um cão, um gato ou uma tartaruga. Vestir a natureza.”

Ele bafou fumaça. “Bushwah.”

“*Bushwah?*”

“Profanidade. Origem desconhecida.”

Os olhos dele perfuraram os meus, transmitindo seu significado para mim. Posso ser bastante tonta às vezes, mas estava começando a entender.

Quando me deitei para dormir, estava em paz. Archie sempre teve esse efeito em mim. Ouvi-lo falar de você só não foi melhor do que ter você na mesa da cozinha junto conosco – talvez, por enquanto, ainda melhor. Minha ansiedade sobre o clima havia partido. E eu havia tomado uma decisão sobre o dia seguinte.

DAOS: 1

23 de dezembro

Acabou.

Nunca acabará.

Duas manhãs se passaram desde então. Elas nunca param de vir, não é?

Archie caminhou até a montanha comigo e com Canela sob as estrelas do solstício – sim, o céu estava limpo! A neve cobria a terra como se fosse um amontoado de luz da lua. Meus pais já se encontravam lá. Minha mãe retirava neve do painel que formava o telhado com uma vassoura – “estava cedendo muito” – e meu pai estava cortando um painel lateral com um estilete.

“O que está fazendo?”, perguntei.

“Vi sua lista de convidados na mesa da cozinha”, disse ele.

“Não tem como caber todo mundo do lado de dentro.” Então ele estava cortando os dois painéis laterais de Blackbone, de modo que não houvesse um “lado de dentro” para as pessoas serem deixadas do lado de fora. Fiquei tentada a dizer que teríamos sorte de encher metade da tenda, mas não disse nada.

O cachimbo de Archie chamejou: luz da fogueira na luz do luar na luz da neve.

“Poderia ler um livro aqui hoje à noite”, disse ele.

“Se a noite não estiver escura”, disse eu, “como podemos ter um nascer do sol adequado?”

Ele zombou de mim. “Lá vem você de novo, sua pessimista.”

“Desculpe.” Soquei minha mão.

Meu pai havia praticamente terminado de retirar os painéis laterais quando ouvimos uma voz: “Estrela!”.

Não precisei olhar. “Essa”, disse a Archie, “é a Dootsie.”

Ao longe, silhuetas se moviam pela neve. Duas delas, do tamanho de adultos, estavam caminhando, uma puxando um trenó. No trenó havia uma forma encolhida que assumi ser a Dootsie, exceto pelo fato de que era grande demais para ser apenas ela. Em seguida, a forma amontoadada se dividiu e Dootsie veio correndo pela neve. De repente, engoli em seco e meus olhos se encheram de lágrimas porque eu sabia quem devia ser a silhueta do amontoado remanescente. Corri para cumprimentar Dootsie, peguei-a no colo e corri para o trenó. Em algum lugar no embrulho de cobertas, dois olhos brilhando com o luar espiavam para fora. “É você aí, Betty Lou?”, disse eu.

Uma voz trêmula e fraquinha respondeu com uma baforada de frio: “Sim”.

“A Dootsie invadiu sua casa de manhã e a arrastou para fora da cama, e depois te obrigou a vir aqui?”

“Sim.”

Dootsie gritou: “Fui eu! Fui eu!”.

“Gostaria de estar de volta à sua casa?”

“Sim.”

“Sente-se insegura?”

“Sim.”

Dootsie enfiou o rosto dela no embrulho. Ouvi sua voz abafada: “Não se preocupe, Betty Lou. Não deixaremos nada acontecer a você”.

“Puxem-na para cá”, eu disse ao senhor e à senhora Pringle, apontando para dentro da tenda. “Ela merece o melhor lugar.”

Conforme puxavam o trenó, outras silhuetas foram aparecendo na borda do campo, atravessando a neve: Alvina, seu irmãozinho Thomas e seus pais. Arnold, Tom e a mãe de Arnold, Rita. Tom estava no bolso do casaco de Arnold. Levantei a aba do bolso do meu casaco para apresentar Canela ao Tom, e quando me dei conta Canela estava se juntando ao Tom no bolso do Arnold. Arnold estava se divertindo, então os deixei em paz.

Ike, o homem da oficina de bicicletas e cortadores de grama.

Meus vizinhos de iluminação de varanda ao longo da rua Rapps Dam.

A repórter do Folha de Lenape.

Um grupo de meninos, os torturadores de Alvina, incluindo o loiro em quem ela havia batido no Festival de Dogwood e cuja foto ficava pendurada na porta do quarto dela.

As abelhas.

Margie.

Charlie.

E, em seguida, um casal que me deixou perplexa. Mesmo de longe, eu podia dizer que eram velhos. Eles se seguravam um no outro enquanto atravessaram lentamente a neve. Quando vi seus rostos, me lembrei deles de algum lugar – e então descobri. Os Huffelmeyers da rota de entrega de leite da sexta-feira: 1 litro de leite, 1 litro de achocolatado. Eles eram muito mais novos na maioria das fotos na sala de jantar. Era como se tivessem saído andando de um álbum de família. Eles me viram e vieram direto a mim. Eu estava olhando para os dois. O senhor Huffelmeyer disse: “Isso é ideia sua?”.

“É sim”, disse eu. “Sou a garota do solstício. E a garota do leite também. Meu pai dirige o caminhão de laticínios.” Falei para eles. “Sextas-feiras. Rua White Horse, 214, 1 leite, 1 achocolatado.”

“Isso aí”, disse a senhora Huffelmeyer.

“Posso perguntar uma coisa?”, disse eu. “Venho pensando nisso há meses.”

O senhor Huffelmeyer assentiu. “Manda.”

“Quem fica com o leite e quem fica com o achocolatado?”

Eles riram, mais do que eu havia imaginado que pessoas da idade deles conseguiriam sem desmontar. “Os dois”, disse a senhora Huffelmeyer. “Nós misturamos os dois. É nossa grande diversão.”

Ela girou o dedo no ar. “Iupii.”

“Obrigado pelo bom serviço”, disse o marido dela.

“Agradeça ao seu pai também.”

“Não”, disse eu. “Eu que agradeço. Por nos deixar entrar em sua casa. Obrigada por confiar em nós.”

Estiquei minha mão para cumprimentá-los, mas eles não retribuiriam nada disso. Apenas abraços demorados e apertados serviriam. Eu os coloquei em um lugar perto da Betty Lou.

Continuei procurando por Perry. Por que ele não havia dado as caras?

A multidão estava ficando maior a cada minuto. Meu pai tinha razão, eles já estavam transbordando dos limites da tenda.

Será que eu o tinha ofendido com algo quando nos encontramos na rua uma semana atrás? Será que tinha se ofendido com minha reação à tatuagem de Dootsie? Ele havia desistido de garotas que não se tornam abelhas?

O céu estava cinza perolado no leste quando vi as luzes da viatura da polícia piscando. Encontrei o policial no meio do caminho do campo.

“Você está no comando?”, disse ele.

“Acho que sim”, falei.

Ele olhou por sobre meu ombro, para a multidão. “O que está havendo?”

“Solstício de inverno”, disse eu. “Estamos aqui para ver o nascer do sol.”

Ele me encarou.

Atrás de mim, a voz de Margie: “E aí, Mike?”.

O policial assentiu. “Margie.”

“Algum problema?”

“Encontro público? Autorização?”

Margie riu. “Isso não é uma manifestação. Ninguém está perturbando a paz. Estamos aqui para ver um raio de sol, Mike. Um raio de sol!” Ela o pegou pelo braço e o levou em direção à viatura. “Vamos apagar essas luzes e pode se juntar a nós.” E foi assim que lidamos com a lei.

E então vi Perry. Perry e a pequena Clarissa enrolada na manta azul em seus braços, e sua mãe Neva. Olhei para o céu ao leste. Bruma iluminada pelo sol flutuava sobre a copa das árvores. “Depressa!”, chamei. “Estão quase atrasados.” Praticamente tive de arrastá-los pelo caminho.

Coloquei-os na frente, perto dos Huffelmeyers.

Ainda assim, eles continuavam vindo, muitos deles rostos que não reconheci. Durante esse tempo, Dootsie e Alvina distribuíam broches amarelos de sol. Havíamos ultrapassado bem o número de convidados, o número de broches que havia pedido a elas para fazer, e mesmo assim os broches continuavam aparecendo. Pensei no milagre da multiplicação dos peixes. Descobri mais tarde que Alvina tinha comprado mais espuma amarela e alfinetes por conta própria e continuado a fazer os broches. “Você é tão bobinha”, disse ela. “Eu sabia que ia ficar lotado.”

Havia chegado a hora. Caminhei pela neve pisoteada até as pessoas. Fiquei no painel frontal da tenda. Todo mundo olhava para mim e para o painel com o buraco redondo e o céu oriental ao fundo. Avancei na direção do painel traseiro. A multidão abriu caminho. Não podia acreditar que tanta gente tinha aparecido. Eu não havia oferecido explicações ou persuadido ninguém nos convites. Assumi que, fora Perry, Archie e alguns outros, a maioria deles sabia pouco ou nada sobre os fatos astronômicos que nos levaram a esse lugar nessa época do ano. Ainda assim, eles estavam lá. E preciso te contar que havia outras pessoas lá também: a donzela de Lenape, o garoto por quem ela se jogou e a Grace, a Grace de Charlie, e muito mais gente, muito mais do que uma câmera poderia revelar. Tanta gente, e eu não conseguia entender por quê.

Fiquei em pé em frente ao painel traseiro. Alguns ainda olhavam para o leste. “Olhem para cá”, disse eu. “O buraco irá comprimir a primeira luz do inverno e transformá-la em um raio que pousará”, respirei fundo e aponte, “aqui.”

Então me afastei, e foi tudo o que fiz. Na noite anterior, após falar com Archie, havia decidido que não haveria show nem cerimônia. Eu não vestiria roupas especiais. Não cantaria. Não dançaria. Havia rasgado o poema que tinha escrito, deixado a guirlanda agri-doce e o ukulele em casa. Eu não fantasiaria o cachorro. Deixaria a natureza falar por si mesma.

Quando penso nisso retroativamente, não sei ao certo qual foi o ponto alto para mim – o nascer do sol ou os momentos antes dele. Fiquei em pé de um lado, perto de Archie, com o trenó de Betty Lou perto de mim. Nunca havia imaginado que tantas pessoas poderiam ficar em silêncio. Era mais do que a ausência de sol. Era uma presença. Uma expectativa. Uma reverência. Todos nós olhando para a parede vazia da tenda, a cortina preta que não encobriria o show, mas que se tornaria o próprio show, observando, esperando, como a mais pura espera que já havia conhecido. Eu nunca o senti chegando – ele simplesmente não estava lá, e depois estava lá: um longo e fino feixe de luz da largura do pulso miúdo de Dootsie, um presente dourado do sol que viaja 150 milhões de quilômetros para marcar um círculo dourado perfeito no painel de Backbone. Suspiros irromperam atrás de mim. O círculo borrou enquanto lágrimas enchiam meus olhos. Alguém soluçou: “Meu Deus”. Alguém gritou suavemente: “É lindo!”. Muitos de nós poderiam ter tocado o raio dourado. Ninguém fez isso.

Senti um puxão. Era Betty Lou. Ela estava chegando para trás, puxando minha mão, me arrastando. Eu me inclinei para a frente. Ela sussurrou: “Obrigada”.

Archie pegou minha outra mão. Alguém se movia do outro lado do raio dourado. Era Perry. Deu um passo para o lado e ergueu sua nova irmãzinha até sua manta azul cortar a luz, interceptando o raio. Ele a moveu até o broche de sol na sua manta se alinhar com o círculo do raio de sol, e quando eles se uniram, formaram um par perfeito. O bebê, de olhos arregalados observando na multidão, parecia saber que aquele era um momento único. Perry a ergueu daquele jeito rapidamente, olhou para mim, sorriu e assentiu, e depois a levou de volta para seu lugar.

Então, o raio de sol começou a se dissipar, enquanto o sol clareava o horizonte e inundava o mundo de luz. Ainda assim, as pessoas ficaram, assistiram ao círculo de sol se desgastar e se dissolver pelo Backbone. Parecia um filme que é tão bom que o público apenas fica lá olhando para os créditos subindo após as luzes se acenderem. De repente, a simples frase “outro dia” tinha um novo significado.

Com o tempo, as pessoas começaram a se mexer e a voltar a seus carros e bicicletas. Havia alguns sussurrando entre eles, mas não muitos. Muitos estavam secando seus olhos. A senhora Huffelmeyer me abraçou. E também o Charlie, e outros. Alvina e Dootsie discutiram sobre os broches que haviam sobrado. Vi Alvina no meio do campo de neve. Ela estava andando atrás do garoto loiro. Ela o alcançou e... Oh não! Pensei... e então sorri, porque ela não bateu nele, simplesmente tocou no ombro dele e se afastou. Ela estava tocando o inimigo. O garoto se virou para olhar para ela, mas eu não conseguia ver a expressão em seu rosto.

Dootsie me chamou: “Estrela, olha aqui!”. Ela segurava a bebê Clarissa. Perry parecia um

pouco nervoso, mas Neva sorria feliz enquanto segurava o braço de Ike. Em seguida, Dootsie gritou “Sua vez!” e começou a correr para mim. “Fique aí!”, gritei. Perry deu uma arrancada, mas cheguei primeiro e segurei o bebê. Nunca tinha visto um rosto tão cheio de gratidão quanto o de Perry naquele momento. Falei com Clarissa, nós aproveitamos para nos conhecermos mais e concordamos em nos encontrar novamente. E então Perry e sua família partiram, e a mãe de Arnold, Rita, veio me devolver o Canela, e quando me virei novamente, todo mundo tinha partido, menos Archie, meus pais e Dootsie.

Nada é mais desolador, mais inútil, do que um calendário que chega ao fim. Meu pai estava desenterrando as estacas das cordas da tenda, e minha mãe vinha até mim com ambos os braços esticados, dizendo: “Estou tão orgulhosa de você!”. Ela me abraçou e perdi a compostura. Explodi em lágrimas. Estava surpresa. Não tinha antecipado isso. Só fui fazendo e fazendo. Curiosamente, ninguém tentou me impedir. Deixei minha mãe e caminhei sozinha pelo campo de neve, chorando. Não havia chegado muito longe e uma mãozinha deslizou na minha. Sei que Dootsie era nova demais para entender o que estava acontecendo – caramba, eu era nova demais – e ainda assim sabia que ela e eu estávamos, de alguma forma, sentindo a mesma coisa. Ela não disse nada, apenas caminhou devagar comigo pela neve até o horizonte no oeste, onde o sol mais tarde iria encerrar esse dia. Quando paramos e voltamos, as folhas de Blackbone estavam desmontadas e o último dos mastros da tenda caía.

24 de dezembro

Archie foi para casa hoje. Não queria que o Señor Saguario passasse o Natal sozinho.

Ontem conversamos até tarde da noite. Em algum ponto perto do bojo de seu cachimbo ser cheio pela terceira vez com tabaco de cereja, ele disse: “Sabe por que chorou no outro dia?”.

“Sim e não”, disse eu.

“Muitas razões, hum?”

“Sim.”

“É difícil dar um nome a elas.”

“Sim.”

“Mas uma razão...”

“Sim.”

“...tem um nome.”

Eu olhei para ele. “Sim.”

Ele puxou um pequeno envelope dobrado do bolso de sua camisa.

“Ele me pediu para te entregar isso. Ele sabia sobre seu solstício, tinha ouvido de mim e de sua amiga Dori Dilson. Disse para te entregar depois que o evento tivesse acabado. Não queria distraí-la. Talvez tenha sido um erro, mas”, deu de ombros, “só faço o que me pedem.” E me entregou o envelope.

Estava prestes a rasgá-lo, então fiquei com medo de rasgar seu conteúdo também. Peguei uma faca na gaveta. Não confiava em mim mesma. Dei a faca e o envelope a Archie. “Você abre. Tenha cuidado.”

Ele abriu o envelope com uma incisão e o devolveu a mim. Minhas mãos estavam tremendo. Era uma única folha de papel branca, pequena, dobrada em quatro partes, do modo que crianças dobram uma carta.

Dobra por dobra, eu a abri. Havia uma única palavra, em tinta de marcador azul brilhante, toda em letras maiúsculas:

SIM

Meu coração disparou. Você me ouviu, não ouviu, querido Leo? Todas essas manhãs sob o nascer do sol, quando eu me sentava na Montanha do Calendário com os olhos fechados, quando dava as costas para o sol nascente e virada para o oeste, te enviando minha mensagem, com minha pergunta:

Nós nos encontraremos novamente?

E você a recebeu – eu sabia que iria, sabia, eu sabia! – e agora você me respondeu.

“Oh, não, não de novo!”, Archie dizia, mas ele estava brincando, porque podia ver que minhas lágrimas eram de felicidade dessa vez. Ri e contei tudo a ele enquanto o Canela mordiscava as bordas do SIM.

2 de janeiro

O Natal e o Ano Novo foram meio desperdiçados por mim dessa vez. Imagine por quê.

Recentemente, tenho sonhado acordada um monte, dado longas caminhadas, longos passeios de bicicleta. Fui à Montanha do Calendário uma última vez. Ela parecia tão comum agora, só mais outro campo em outra montanha. Fiquei em pé lá no meio, onde a estaca de croqué tinha estado. Tentei conjurar a mágica daquela manhã, mas não consegui. Mas senti outra coisa, uma presença duradoura das pessoas que haviam estado lá. E um aumento repentino de afeto por eles. Eu os via usando seus broches de sol pela cidade. Margie tinha feito alguns e os dava para cada cliente que pedia uma dúzia de donuts.

Nada havia realmente mudado e, ainda assim, de um jeito difícil de explicar, tudo tinha. Dootsie me implora cinco vezes por dia para que eu a deixe me serrar ao meio. Ela ganhou um kit de mágica de Natal. Alvina fez 12 anos. Eu lhe dei uma boneca de presente de aniversário. Minha mãe fez duas roupas para ela: um vestido e um quimono de caratê. Arnold vagueia diariamente, esperando ser encontrado. Charlie senta-se com seu cachecol vermelho e amarelo e conversa com Grace.

Na primeira semana após o solstício, Betty Lou só saía de casa se alguém a puxasse em um trenó ou carrinho. No Ano Novo, Dootsie e eu nos unimos e passeamos com ela pelo quarteirão. Esta manhã, ela me ligou, empolgada: “Acabei de caminhar até a caixa de correio! Sozinha!”. Perry empurra o carrinho com sua nova irmãzinha pela cidade, e às vezes também faço isso. Tornei-me babá-chefe. Eles se referem a mim como tia Estrela. A segunda casa de Clarissa se tornou a loja de Margie, onde Neva voltará a trabalhar na próxima semana.

Ah sim, o Canela. Recebi um telefonema da mãe de Arnold, Rita. Parece que Tom, apesar do nome, está prenha. Aparentemente, Arnold tem um bolso de casaco fértil. O Canela será papai!

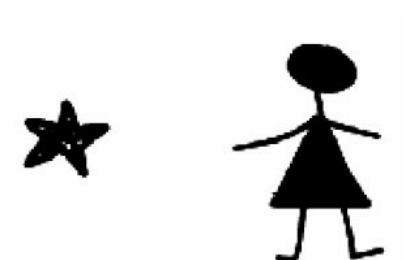
E minha carroça feliz está se aguentando com dezessete seixos.

E assim os dias passam, doze deles após o sol começar sua jornada de volta ao verão. Dias comuns, criaturas comuns. Vida comum, ordinária, de todo dia – e ainda assim ela parece tão especial agora, com os gestos mais comuns salpicados de brilho, como se uma faísca de feixe dourado tivesse se agarrado a cada pessoa que foi à Montanha do Calendário naquela manhã.

Enquanto ficava em pé naquele último momento na montanha, decidi que sim, que enviarei a você pelo correio esta carta mais longa do mundo. Sei que você também esteve lá, naquela manhã, com tanta certeza quanto estiveram a donzela de Lenape e a Grace de Charlie. Sua resposta foi um novo nascer do sol para mim, meu próprio solstício, o amanhecer de uma estação que, como Betty Lou diria, viverá um dia de cada vez. Navegarei nas asas do mistério e não olharei para trás. Ah, sim, realmente amo Arnold, mas sou muito parecida com ele. Nós, Arnolds, nossos corações são saudosistas. Ansiamos por sermos encontrados, desejando que aqueles que nos procuram não tenham desistido e ido para casa. Mas não desejo mais ser encontrada, Leo. Não me siga! Sejamos simplesmente fabulosos onde estivermos e com quem estivermos. Você será você e eu serei eu, hoje e hoje e hoje, e vamos confiar o amanhã ao

futuro. Desta vez, nós é que guiaremos as estrelas. Vamos construir nossas próprias órbitas e confiar que elas nos encontrarão. Que nosso reencontro não seja uma mera conclusão, mas uma doce colisão de destinos!

Com amor, amor e mais amor,
A garota chamada Estrela



Copyright © 2007 Jerry Spinelli

Esta edição foi publicada de acordo com a Random House Children's Books, uma divisão da Random House LLC.

Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Título original: *Love, Stargirl*

PUBLISHER

Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA

Silvia Tocchi Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS

Carol Christo

Felipe Castilho

REVISÃO

Patrícia Sotello

CAPA

Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO

Christiane Moraes de Oliveira

Andresa Vidal Branco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Spinelli, Jerry

Com amor, a garota chamada Estrela / Jerry Spinelli ; tradução Eric Novello.

-- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

Título original: Love, Stargirl.

ISBN 978-85-8235-250-2

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título.

15-01299

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **Gutenberg** é uma editora do **Grupo Autêntica**



São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214-5700

Tele vendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br